



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
PSICOLOGIA

**TRIBO *EMO*: EMOÇÕES COMO MEDIAÇÕES
CONSTITUTIVAS DA ADOLESCÊNCIA**

Nívia Claudia Santos Leite

Goiânia
2010



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
PSICOLOGIA

TRIBO *EMO*: EMOÇÕES COMO MEDIAÇÕES CONSTITUTIVAS DA ADOLESCÊNCIA

Nívia Claudia Santos Leite

Dissertação apresentada à Pontifícia
Universidade Católica de Goiás para a
obtenção do título de Mestre em Psicologia
Social do Curso de Pós-Graduação *Stricto
Sensu*.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes de Souza

Goiânia
2010

L533t Leite, Nívia Claudia Santos
Tribo *EMO*: emoções com mediações constitutivas da
adolescência / Nívia Claudia Santos Leite. – Goiânia, 2010.
141 p.: il.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Departamento de Psicologia, 2010.

“Orientador: Dra. Sônia Margarida Gomes de Souza.”

1. Adolescente – comportamento social. 2. Tribo *EMO* -
Goiânia – análise. 3. Psicologia sócio-histórica. 4. Psicologia
Social. 5. Psicologia do adolescente. I.Título.

CDU: 159.922.8: 316.6 (817.3) (043.3)



UNIVERSIDADE
Católica
DE GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Av. Universitária, 1069 - Setor Universitário
Caixa Postal 86 - CEP 74605-010
Goiânia - Goiás - Brasil
Fone: (62) 3946.1071 - Fax: (62) 3946.1073
www.ucg.br - prope@ucg.br

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

No dia 12 de abril de 2010, às 9:00 horas, na Sala 302, Bloco A, Área IV, Campus I da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, **NÍVIA CLAUDIA SANTOS LEITE**, discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (2008.1.055.003.0021) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Defesa de Dissertação de Mestrado, o trabalho intitulado **Tribo emo: emoções como mediações constitutivas da adolescência**, para Comissão de Avaliação composta pelos(as) docentes: **Dra. Sônia Margarida Gomes de Sousa** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Presidente da Comissão), **Dra. Maria Igenes Costa Moreira** (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Membro Convocado Externo), **Dra. Daniela Sacramento Zanini** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convocado Interno), e **Dr. Pedro Humberto Faria Campos** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convocado Suplente). O trabalho da Comissão de Avaliação foi conduzido pelo docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 30 minutos à discente candidata para que esta expusesse o trabalho. Após a exposição, o docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem a discente candidata. Após o encerramento das arguições, a Comissão de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho da discente candidata na exposição, considerada a trajetória deste no curso de mestrado. Como resultado da avaliação, a Comissão de Avaliação deliberou pela:

Aprovação da dissertação

A Comissão de Avaliação declara o(a) discente candidato(a) Mestre em Psicologia. A Comissão de Avaliação pode sugerir alterações de forma e/ou conteúdo consideradas aceitáveis, não impeditivas da aprovação do trabalho. As alterações deverão ser indicadas no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida corrigida deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. O(A) discente candidato(a) terá o prazo de sessenta (60) dias para os ajustes e entrega da versão final na Secretaria do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

Aprovação da dissertação mediante reformulação

A Comissão de Avaliação determina que o(a) discente candidato(a) terá o prazo máximo de cento e oitenta (180) dias para realizar a reformulação necessária no trabalho, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação. Os pontos para a reformulação deverão ser indicados no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida, contendo os pontos da reformulação, deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. Dentro do prazo para reformulação supramencionado, o(a) discente candidato(a) deverá solicitar à Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia nova avaliação do trabalho, a ser feita através de procedimento específico para casos de reformulação.

Reprovação da dissertação

A Comissão de Avaliação determina que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas para ser considerado dissertação de mestrado válida à obtenção do título de Mestre em Psicologia. O(A) discente candidato(a) pode interpor recurso à decisão da Comissão de Avaliação no prazo máximo de trinta (30) dias, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

A Comissão de Avaliação:

Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:

Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes de Sousa
Membro Presidente
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini
Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profa. Dra. Maria Igenes Costa Moreira
Membro Convocado Externo
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda
Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini
Membro Convocado Interno
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos
Membro Convocado Suplente
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Observações:

1. Documento válido somente se assinado pela Coordenação e pela Secretaria do PSSP/PROPE/PUC Goiás.

2. _____

3. _____

Visto Secretaria:

DF nº: 14/ 2010

Goiânia, 12 / 04 / 2010





PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Av. Universitária, 1069 - Setor Universitário
Caixa Postal 86 - CEP 74605-010
Goiânia - Goiás - Brasil
Fone: (62) 3946.1071 - Fax: (62) 3946.1073
www.ucg.br - prope@ucg.br

ANEXO DA ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

Discente: NÍVIA CLAUDIA SANTOS LEITE
Matrícula: 2008.1.055.003.0021
Título da dissertação: Tribo emo: emoções como mediações constitutivas da adolescência
Data do exame: 12 de abril de 2010

Correções; modificações; alterações; comentários; observações; pontos para reformulação etc. (Assinatura obrigatória).

Profa. Dra Sônia Margarida Gomes de Sousa (Membro Presidente) | Assinatura: *Sônia M. Gomes Sousa*
Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.
Observações adicionais^(Opcional):

Profa. Dra. Maria Igenes Costa Moreira (Membro Convivido Externo) | Assinatura: *Maria Igenes Costa Moreira*
Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.
Observações adicionais^(Opcional):

Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini (Membro Convivido Interno) | Assinatura: *Daniela S. Zanini*
Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.
Observações adicionais^(Opcional):

Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos (Membro Convivido Suplente) | Assinatura: *Pedro Humberto Faria Campos*
Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.
Observações adicionais^(Opcional):

Ciente do(a) discente:	Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:
Nívia Claudia Santos Leite Discente Candidata 2008.1.055.003.0021 Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Visto Secretaria: DF nº: 14/2010 Goiânia, 12 / 04 /2010



*“Se as coisas são inatingíveis...
ora! Não é motivo para não
querê-las...
Que triste os caminhos, se não
fora a presença distante das
estrelas”*
(QUINTANA, 1951, p. 28)

Dedico este trabalho a DEUS e a seus (meus) anjos.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao Jefferson, amigo, mestre e luz. Eu não conseguiria trilhar este caminho sem ele.

Ao Fernando, meu marido e companheiro, por tanta compreensão, amor, apoio e desprendimento.

Aos meus filhos, Marina e Luiz Fernando, por me lembrar, carinhosamente, que este era um caminho sem retorno, sem atalhos e sem volta, me restando apenas seguir em frente. Filhos são responsáveis por despertar em nós, pais, o desejo de ser melhor.

Aos meus pais, Darci e Pedro, que em nome da minha realização, por amor, abriram mão da minha presença física.

Aos meus irmãos, Marcelo e Thiago, que cuidaram mais de perto de nossos pais para que eu pudesse ficar ausente sem tanta preocupação.

Aos adolescentes pesquisados, pela gentil colaboração que permitiu a realização deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa, pela paciência, atenção, competência e por caminhar ao meu lado, mesmo nas horas em que acreditei estar sozinha, ensinando-me e partilhando seus conhecimentos com tanta generosidade.

À Profa. Dra. Maria Ignes Costa Moreira e à Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini, que fizeram parte das bancas de qualificação e de defesa desta dissertação, pelo respeito, carinho e orientações valiosas que ajudaram a aprimorar este trabalho.

À Profa. Me. Suzana Oellers, que com tanta competência e dedicação revisou este trabalho, contribuindo para a sua conclusão.

Aos meus colegas do programa de pós-graduação, companheiros de uma mesma jornada, Lígia, Rogério, Mara, Raquel, Ivoni e, em especial, Thaís Toledo, que minimizou a solidão de uma construção acadêmica, estando sempre com seu sorriso aberto para compartilhar angústias e alegrias.

À minha equipe de trabalho, coordenadores, psicólogos e professores, que compreenderam que o mestrado, neste momento, era minha prioridade e, portanto, trabalharam com mais eficiência, minimizando a função da supervisão.

A Veruska, Anatiene e Sr. Joaci, amigos presentes diariamente, pelo apoio, carinho, incentivo, e paciência, sem os quais não teria sido possível a realização deste trabalho.

À Luz Marina, querida amiga, que me “liberou” por dois anos, para que eu realizasse este sonho.

À Marilena, pela compreensão e apoio. Por vezes, o silêncio é mais eloquente que mil palavras.

À Fundação Jaime Câmara, em especial à Maria Alice Roriz Câmara, que permitiu que eu me ausentasse em horário de trabalho para assistir às aulas do programa de pós-graduação.

RESUMO

Este trabalho resultou de pesquisa acerca do significado de ser adolescente para dez integrantes da tribo urbana *emotional hardcore (EMO)* na cidade de Goiânia, GO. Pretendeu-se apreender os sentidos e os significados que adolescentes pertencentes à tribo *EMO* atribuem à adolescência e as dimensões emocionais que se fazem presentes em sua relação consigo mesmos, com seus pares, suas famílias, suas escolas e a sociedade. A pesquisa objetivou oferecer uma contribuição para o campo da psicologia social, ampliando o conhecimento acerca da adolescência na perspectiva da psicologia sociohistórica, em relação tanto à singularidade do sujeito quanto à subjetividade social em que os participantes deste estudo estão inseridos. Esta pesquisa foi conduzida pautando-se na psicologia sociohistórica e tendo como seu principal representante Vigotski, que se apropriou do materialismo dialético como filosofia, teoria e método. Trabalhou-se com pesquisa qualitativa utilizando como abordagem a proposta metodológica da triangulação de procedimentos: observação simples, entrevistas e grupos focais. Participaram desta pesquisa dez adolescentes, com idades entre 15 e 17 anos, sendo cinco de cada sexo, todos pertencentes à tribo *EMO*. Neste estudo, deu-se voz a esses adolescentes, possibilitando compreendê-los como indivíduos significantes, que têm o que dizer, fazer, pensar, sentir, que têm consciência do que está acontecendo e que refletem os eventos da vida humana, revelando como são constituídos e se constituem com base em suas relações sociais. Portanto, em um primeiro momento, a análise dos sentidos e significados emergentes da pesquisa revelou a adolescência significada como tempo de bagunça, passagem e transição, cobranças, conflitos, incertezas e solidão, bem como de descobertas e desafios; já em um segundo momento, mostrou que estes sujeitos relacionaram a adolescência aos seus espaços dentro da própria tribo, na família e na escola, também tendo possibilitado a apreensão dos sentidos e significados sobre a sexualidade e os preconceitos vividos pelos adolescentes pertencentes à tribo *EMO*.

Palavras-chave: Psicologia social. Adolescência. Psicologia sociohistórica. Tribo *EMO*. Tribos urbanas.

ABSTRACT

**THE *EMO* TRIBE: EMOTIONS AS CONSTITUTIVE MEDIATIONS OF
ADOLESCENCE**

In this study, we researched the meaning of being an adolescent for ten members of the urban tribe named emotional hardcore (EMO) in the municipality of Goiânia, in the state of Goiás, Brazil. We intended to grasp the senses and the meanings that adolescents belonging to the EMO tribe attribute to adolescence and the emotional dimensions that are present in their relationships with themselves, their peers, their families, their schools, and society. This research aimed at offering a contribution to social psychology, broadening the knowledge about adolescence from the perspective of social historical psychology in relation to the singularity of the individual and the social subjectivity in which the study participants are inserted. This study was carried out based on social historical psychology and on Vigotski, its main representative, who used the dialectical materialism as a philosophy, theory, and method. We employed qualitative research using the methodological proposal of triangulation procedure: simple observation, interviews, and focus groups. Participants were ten adolescents, ranging from 15 to 17 years old, five of each sex, members of the EMO tribe. In this study, we gave these adolescents the chance of being heard, which opened the possibility of understanding them as significant individuals, who have things to say, to do, to think about, who are aware of what is going on around them, and who reflect the events of human life, revealing how they are constituted and how they constitute themselves based on their social relationships. Therefore, at first, the analysis of the senses and meanings that emerged during this research revealed that adolescence means a time to make a mess, passage and transition, pressure, conflicts, uncertainties, loneliness, as well as a time for discoveries and challenges; in a second moment, it showed that the participants correlated adolescence with their spaces in the EMO tribe, in their families, and in their schools, also allowing us to grasp both the senses and meanings of sexuality and prejudice experienced by the adolescents belonging to the EMO tribe.

Key words: Social historical psychology. Adolescence. Social psychology. EMO tribe. Urban tribes.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	11
1 UM ESTUDO SOBRE A ADOLESCÊNCIA	20
1.1. Concepção sócio-histórica da adolescência	20
1.2. Tribos urbanas na adolescência	23
1.3 Tribo urbana: os <i>EMOs</i>	27
1.4 Os sujeitos pesquisados	31
2 ADOLESCENTES <i>EMOs</i> E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA	34
2.1 Adolescência é tempo de “bagunça”	35
2.2 Adolescência é tempo de passagem e transição	37
2.3 Adolescência é tempo de cobranças	38
2.4 Adolescência é tempo de conflitos, incertezas e solidão	42
2.5 Adolescência é tempo de descobertas e desafios	48
3 ADOLESCENTES <i>EMOs</i>, SUAS MEDIAÇÕES CONSTITUTIVAS E SEUS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE	56
3.1 Família: um espaço para ser aceito	56
3.2 Escola: um espaço do qual gostar é preciso	60
3.3 Tribo <i>EMO</i> : um espaço de poder	64
3.3.1 O poder de ser quem sou	64
3.3.2 O poder de fazer parte de algo maior	66
3.3.3 O poder de se identificar pelo igual	67
3.3.4 O poder de se identificar, mas sem fidelidade	75
3.3.5 O poder de se identificar sem perder a individualidade e o poder da não-identificação	77
4 ADOLESCENTES <i>EMOs</i> E OS SIGNIFICADOS SOBRE SEXUALIDADE E PRECONCEITO	81
4.1 Sexualidade e afetividade nas relações entre os <i>EMOs</i> : sem medo de ser feliz	81
4.1.1 A orientação sexual: significando a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade	81
4.1.2 Sexualidade como prioridade	82

4.1.3 Sexualidade: se nasce com ela	83
4.1.4 Sexualidade em questão	84
4.1.5 Sexualidade liberada	87
4.1.6 Sexualidade sem promiscuidade	87
4.1.7 Sexualidade e fidelidade	88
4.1.8 Sexualidade sem exageros	90
4.1.9 Sexualidade: sua marca tribal e o futuro	91
4.1.10 Namorar e “ficar”: namorar é compromisso, “ficar” é curtição	92
4.1.11 Casamento: uma expressão das contradições	94
4.1.12 O amor como norteador das relações na tribo <i>EMO</i>	96
4.2 Preconceito: a coragem de ser um <i>outsider</i>	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES	129
Apêndice A. Declaração de aprovação do Comitê de Ética	130
Apêndice B. Termo de consentimento livre e esclarecido	131
Apêndice C. Roteiro de observação simples	135
Apêndice D. Roteiro de entrevista individual	136
Apêndice E. Roteiro do grupo focal	139
Apêndice F. Localização geográfica dos participantes da pesquisa	140

INTRODUÇÃO

Este trabalho resultou de pesquisa acerca do significado de ser adolescente¹ para dez integrantes da tribo urbana² denominada *emotional hardcore (EMO)*³ na cidade de Goiânia-GO. A escolha deste tema deu-se especialmente por três principais razões. Inicialmente, por entender-se a relevância de estudar a questão da adolescência tendo como base a psicologia sócio-histórica. Em segundo lugar, pelo interesse em compreender como essas tribos urbanas são constituídas no contexto contemporâneo. E, em terceiro lugar, para tentar apreender os sentidos e os significados que a tribo pesquisada constrói acerca da adolescência, tendo em vista tratar-se de adolescentes que estão se constituindo com sua singularidade.

Pretendeu-se apreender os sentidos e os significados que os adolescentes pertencentes à tribo *EMO* atribuem à adolescência e as dimensões emocionais que se fazem presentes em sua relação consigo mesmos, com seus pares, sua família, sua escola e a sociedade. Visou-se oferecer, com base na divulgação do resultado da pesquisa, uma contribuição para o campo da psicologia social, de modo a ampliar o conhecimento sobre a adolescência na perspectiva sócio-histórica. Buscou-se, ainda, contribuir para a formulação e a implementação de políticas públicas voltadas para tribos de adolescentes e suas famílias, a fim de possibilitar a promoção de ações de respeito e compreensão acerca desses indivíduos, bem como fornecer subsídios para a formação de profissionais que realizam trabalhos voltados para esse público e lidam com ele.

O interesse pelo tema gerador desta pesquisa pautou-se na atuação da pesquisadora como supervisora de um projeto social, no qual vem desenvolvendo ações socioeducativas com crianças e adolescentes de escolas públicas. O despertar e o desenvolvimento da adolescência em muitos dos alunos que realizam atividades pedagógicas e artísticas no

¹ Nesta pesquisa, considera-se adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade, de acordo com o Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990).

² Maffesoli (2000) definiu tribos urbanas como agrupamentos semiestruturados, constituídos predominantemente de adolescentes, que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura, os quais expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. Criam-se, então, elementos definidores de cada tribo, permitindo um mecanismo diferencial de preservação da estrutura interna em relação às demais, o que marca as diferenças sociais.

³ *Emotional hardcore (EMO)* é a denominação de um grupo de adolescentes de 12 a 18 anos, oriundos do movimento *punk*, que mescla som pesado com letras românticas. Distinguem os *EMOs* não apenas a música, mas também as atitudes (ANTUNES, 2006; GIRON, 2006).

Projeto Arte Educação⁴ ativaram na pesquisadora o desejo de melhor compreender este período de suas vidas na atualidade, tendo em vista que o tema adolescência é de extrema importância para compreender uma determinada sociedade.

Como os estudos referentes à adolescência são muito amplos, fez-se necessária uma delimitação do objeto de estudo. Para tal, foram tomadas como base as observações realizadas com alguns dos alunos adolescentes participantes do projeto, que passaram a se apresentar, cotidianamente, com características de algumas tribos urbanas, como *punks*, skatistas, pagodeiros, funkeiros, *happers*, *EMOs*, entre outros. Apesar de todas as tribos urbanas possuírem conteúdos significativos sobre a adolescência, escolheu-se a tribo *EMO* para realizar este estudo, tendo em vista que, no contexto atual, este grupo traz à tona elementos sociais e subjetivos, o que tem possibilitado que se destaque de outras tribos por seu modo de vestir, seu discurso, suas atitudes, a forma de pensar e demonstrar afeto, e porque também provoca nas comunidades adolescentes pertencentes a outras tribos urbanas, bem como na sociedade em geral, preconceitos e discriminações, categorias a serem discutidas posteriormente, entendendo-se, assim, ser esta tribo uma boa representante da adolescência na contemporaneidade.

Gonçalves (2009) afirmou que a psicologia sócio-histórica entende que o homem é capaz de ser agente transformador e crítico da realidade em que está inserido, uma vez que, com base em suas experiências anteriores, pode modificar sua história de vida atual e futura.

Nesta pesquisa, entende-se o adolescente não com base em determinismos culturais ou biológicos, mas como sujeito que se constitui na relação com a sociedade conforme a perspectiva sócio-histórica. Assim, a fundamentação teórica norteadora deste estudo privilegia os pensamentos de Vigotski (1996), cientista russo que viveu entre o final do século XIX e o início do século XX, o qual propôs a construção da psicologia científica baseada em uma metodologia própria das ciências sociais. Bock (2009) apontou que Vigotski teve como fundamento o marxismo e concebeu o materialismo dialético como filosofia, teoria e método.

⁴ Desde agosto de 2000, o Projeto Arte Educação vem sendo realizado pela Fundação Jaime Câmara, em parceria com as Secretarias Estadual e Municipal de Educação de Goiás, a Arquidiocese de Goiânia e os empresários mantenedores. Suas ações efetuam-se em quatro bairros da cidade de Goiânia (Itatiaia, Riviera, Goiânia Viva e Vila Rosa) e atendem diretamente, em cada unidade, 250 crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos de idade. Trata-se de um projeto de complementação à educação formal, no qual crianças e adolescentes têm acesso, no contraturno da escola, a linguagens pedagógicas e artísticas, tais como: aulas de contação de história, inglês, xadrez, leitura e escrita, artes plásticas, teatro, coral, percussão, dança, capoeira, esporte, mídias digitais e materiais expressivos. Seu objetivo geral é a formação integral do sujeito, estimulando o desenvolvimento de habilidades e competências voltadas para a cidadania.

Os fenômenos abarcados por esse ramo do conhecimento, em especial no que tange à problematização do estudo, são singulares. Sem ter a pretensão de encontrar uma verdade absoluta, por entender que o desenvolvimento da ciência, conforme Vigotski (1996) postulou, é dialético e busca evitar os reducionismos objetivistas e subjetivistas, com este trabalho pretendeu-se contribuir para o estudo de uma perspectiva a ser sempre revista em seu tempo histórico e social.

Por conseguinte, a pesquisa realizada foi pautada pela psicologia sócio-histórica e pode ser caracterizada como qualitativa. De acordo com Minayo (1993), a pesquisa qualitativa se ocupa de uma realidade que não pode ser quantificada, sendo seu foco direcionado para o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, em que a realidade estudada é considerada um fenômeno cultural, histórico e processual.

A escolha pela pesquisa qualitativa justifica-se em virtude da aceitação ampla da processualidade dos fenômenos sociais e do desenvolvimento humano, que, para Spink e Menegon (2004), é uma atividade na qual ocorrem processos de produção de sentido, em que pesquisador e participante estão envolvidos, e não, simplesmente, uma situação em que processos externos ao observador são representados de forma verídica. No campo da investigação social, o pesquisador e o participante estão intimamente interligados como sujeitos produtores de conhecimento. Assim sendo, o primeiro se relaciona com seu campo e objeto de estudo.

Vigotski (1996) asseverou que, para compreender um fenômeno social, é necessário contextualizá-lo historicamente, levando em conta que é composto de movimentos dialéticos complexos, os quais criam tensões marcadas por oposições, concordâncias, simetrias e assimetrias, entre outros fatores. Nessa perspectiva, ao apropriar-se de sua realidade, o sujeito o faz de maneira singular e única, atribuindo sentidos próprios aos aspectos significativos eleitos por ele, criando e recriando sua realidade cotidianamente, construindo um movimento social e histórico e se constituindo com ele, de forma dialética, porquanto isto possibilita pensar as contradições de uma realidade em constante transformação.

Na história da humanidade, sempre foi possível ao homem elaborar e definir formas de realizar suas atividades, de entender a realidade que o cerca, de comunicar-se e expor seus sentimentos, criando e fixando, vez que, modos de agir, pensar, falar, escrever e sentir vão ao encontro da necessidade das relações sociais, estabelecidas por ele mesmo para a manutenção de sua sobrevivência, isto é, o homem estabelece e se apropria de significados do mundo em que está inserido. Vigotski (2008) ponderou que o significado é, nessa perspectiva, a

generalização e a fixação da prática social humana, que constitui o homem de forma universal e histórica, sintetizado em instrumentos, objetos, técnicas, linguagem, relações sociais e outras formas de objetivação, como arte e ciência.

Os significados são, portanto, produções históricas e sociais que permitem a comunicação e a socialização de experiências e também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, em consequência, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo. Referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados com base em suas próprias subjetividades.

O sentido é produto e resultado do significado, porém não é fixado pelo signo, vez que é mais amplo que o significado. Dado que o significado de uma palavra é convencional e dicionarizado, é mais estável e preciso, ao passo que o sentido de uma palavra pode ser modificado de acordo com o contexto em que aparece e, por conseguinte, diferentes contextos podem apresentar diferentes sentidos para uma palavra.

A concepção de sentido e significado, segundo Vigotski (2008), só é possível pela utilização da linguagem humana, entendida como sistema simbólico essencial na mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. A palavra é dinâmica e composta de uma multiplicidade de significados e sentidos, que variam de acordo com a singularidade do sujeito e com o contexto em que é utilizada.

A linguagem humana é, destarte, um instrumento psicológico que exerce papel preponderante para a atividade social humana, porquanto é um meio de contato psicológico com semelhantes. Vigotski (2008) ressaltou a função e o papel essencial da linguagem na consciência humana, por meio da mediação da linguagem e da instrumentalidade semiótica, uma vez que a linguagem tanto faz a mediação de processos, funções e sistemas psicológicos quanto atua como função psicológica superior. A linguagem cristaliza a habilidade do pensamento lógico. De acordo com Aguiar (2009b), a linguagem é constitutiva e constituinte do sujeito, enquanto o indivíduo modifica o social, transformando-o em psicológico e, assim, cria a possibilidade do novo. Pode-se, então, afirmar que a linguagem é o instrumento fundamental nesse processo de constituição do homem.

Dessa forma, Vigotski (2007) lembrou que se internaliza não o gesto como materialidade do movimento, mas a sua significação, que tem o poder de transformar o natural em cultural.

O sujeito é constituído pelas significações culturais, porém a significação é a própria ação. Ela não existe em si, mas somente no momento em que os sujeitos entram em relação e passam a significá-la, dar-lhe sentido próprio; conseqüentemente, só existe significação quando algo tem sentido para o sujeito, e o sujeito apenas penetra no mundo das significações quando é reconhecido pelo outro em uma relação dialética e mediada.

Em sua obra, Vigotski (2008) salientou que o eu não é sujeito, mas é constituído sujeito em uma relação constitutiva. Essa relação é fundamental para que o sujeito se torne sujeito e, para isto acontecer, precisa ser o outro de si mesmo. É necessário o reconhecimento do outro como eu, alheio nas relações sociais, além do reconhecimento do outro como eu próprio, na conversão das relações interpsicológicas em relações intrapsicológicas. Portanto, nessa conversão, que não constitui mera reprodução, mas reconstituição do processo envolvido, há o reconhecimento do eu alheio e do eu próprio e, também, o conhecimento como autoconhecimento e o conhecimento do outro como diferente do eu.

O método proposto por Vigotski (2008) concebe a adolescência como um fenômeno sócio-historicamente construído e o homem como constituído na e pela atividade, pois, ao produzir sua forma humana de existência, revela, em todas as suas expressões, os significados sociais e os sentidos subjetivos.

Diante desse cenário, nesta pesquisa, deu-se voz aos adolescentes pertencentes ao grupo *EMO*, a fim de possibilitar a sua compreensão como indivíduos significantes, que têm o que dizer, fazer, pensar e sentir. Buscou-se compreender como esses sujeitos são constituídos e se constituem com base em suas relações sociais, por meio da diferenciação do lugar do qual falam, olham, sentem e fazem. Entende-se que é necessário o reconhecimento do outro para alguém constituir-se como sujeito em um processo de relação dialética, o que só é possível com a linguagem. Nesse sentido, o homem sintetiza o conjunto das relações sociais e as constrói. Vigotski (2008) afirmou que, para compreender a constituição da subjetividade, faz-se necessário o entendimento dos signos, da linguagem, da fala, da palavra, que é expressa/codificada pelo sujeito por meio de suas vivências construídas socialmente e culturalmente e que se processam em sua subjetividade.

As concepções que envolvem a subjetividade são percebidas na obra de Vigotski (2008) quando ele se refere ao psiquismo como um sistema organizado socialmente e historicamente, isto é, a subjetivação. Para Molon (2003, p. 119), a subjetividade manifesta-se e se objetiva no sujeito, pois “ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato, imutável. É permanentemente

constituente e constituída pela subjetivação. Está na interface do psicológico e das relações sociais”.

Molon (2003, p. 116) ainda afirmou que, em termos amplos, pode-se considerar o mundo como o lugar de constituição da subjetividade, uma vez que “a subjetividade significa uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do outro e do eu”, dos saberes e dos poderes de todos os tempos, os quais procuram domar os processos de subjetivação, porém, sem muito sucesso. Molon (2003, p. 116) alertou que “o sujeito é uma unidade múltipla, que se realiza na relação eu-outro, sendo constituído e constituinte do processo sócio-histórico e a subjetividade é a interface desse processo”.

Assim, ao acessar os sujeitos desta pesquisa, foi possível perceber a subjetividade que dirige suas falas, o conteúdo que é fruto do processo histórico e social e o processo de subjetivação individual que significa seus pensamentos e ações, com base em suas crenças, valores e sentidos.

Tendo como ponto de partida esses pressupostos, a presente pesquisa foi realizada conforme a proposta metodológica da triangulação de procedimentos. De acordo com Minayo (2005), essa abordagem visa buscar mais de uma maneira de investigar um mesmo fenômeno, empregando técnicas relacionais diferentes de coleta de produções discursivas, a fim de promover um diálogo entre elas com a finalidade de compreender ao máximo o fenômeno estudado e construir uma base contextual mais rica para interpretação e validação dos resultados. Dessa forma, neste estudo, trabalhou-se com pesquisa qualitativa, utilizando nessa abordagem técnicas relacionais distintas (observação simples, entrevistas e grupos focais), tendo como metas o aprofundamento, a diversificação das produções discursivas e a confirmação da validade dos resultados.

Esta pesquisa foi baseada no respeito às pessoas, avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética da PUC-Goiás (Apêndice A), que fiscaliza a aplicação da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, referente à pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1996).

Foram sujeitos da pesquisa dez adolescentes, com idades entre 15 e 17 anos, sendo 50% de cada sexo, integrantes de um grupo *EMO* da cidade de Goiânia. Todos aceitaram participar deste estudo e foram autorizados para tal por seus responsáveis, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Neste trabalho, foram identificados por nomes fictícios, respeitando sua privacidade. Assim, as participantes do sexo feminino foram identificadas como Kate, Leide, Ana Carolina, Daiane e Márcia e os do sexo

masculino, como João, Breno, William, Gustavo e Luciano. A escolaridade dos sujeitos variou desde o nono ano do ensino fundamental até o cursinho pré-vestibular.

Os participantes foram selecionados por meio da indicação de pessoas conhecidas, seguindo os critérios de inclusão, que foram ser adolescente e ser membro da tribo urbana *EMO*. A coleta das informações foi elaborada com base em diferentes etapas relevantes à condução de todo o processo de investigação. Foram realizadas observações simples (Apêndice C), entrevistas individuais ou de profundidade (Apêndice D) e grupos focais (Apêndice E).

A observação simples foi realizada por meio de três encontros com o grupo. No primeiro contato, a pesquisadora identificou-se para cada sujeito participante, expondo os objetivos da pesquisa, bem como os instrumentos utilizados para o registro das informações (gravação e diário de campo), deixando claro tratar-se de um trabalho científico, portanto requerendo investigação ética e pautada por pressupostos teóricos. O segundo encontro foi realizado em um show de rock e, posteriormente, o terceiro ocorreu em um shopping, o que possibilitou acessar os sujeitos nos próprios espaços das relações em que se reconhecem como grupo.

No show de rock, a pesquisadora conversou com os sujeitos, se sentou com o grupo, mas manteve uma postura de não-intervenção, na tentativa de influenciar o mínimo possível as atitudes dos participantes. No terceiro encontro, diferentemente das outras duas ocasiões, aceitando o desafio dos participantes do estudo de se vestir como os membros da tribo, a pesquisadora interagiu com eles, andando pelo shopping e observando tanto os sujeitos da pesquisa quanto as pessoas que passavam pelo grupo. O convite teve o objetivo de mostrar à pesquisadora a questão do preconceito por parte da sociedade, que eles afirmaram vivenciar.

As entrevistas individuais ou de profundidade foram realizadas tendo como base um roteiro semiestruturado, combinando perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, em que é permitido ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (MINAYO, 1994). Estas entrevistas foram realizadas em uma instituição privada, em uma sala reservada, com iluminação e temperatura adequadas, sem barulho que interferisse no trabalho, em horário e dia previamente marcados com os adolescentes.

Entende-se a importância de trabalhar com entrevista, pois se trata de um procedimento amplo de comunicação verbal e valioso como coleta de informações a respeito

de determinado tema científico. Minayo (1993, p. 108) destacou que a entrevista pode ser definida como “conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”. Além disso, esta técnica de pesquisa foi ao encontro do objetivo deste estudo, que é dar voz aos adolescentes para que expressem seus sistemas de valores, normas, símbolos, significados sociais e históricos sobre o tema adolescência. Conforme Vigotski (2008, p. 150), “uma palavra sem significado é um som vazio”. Portanto, toda palavra é repleta de significações, que se alteram de acordo com as características culturais de uma sociedade e, ainda, “[...] com o modo pelo qual a realidade é generalizada” (VIGOTSKI, 2008, p. 150).

Os grupos focais foram conduzidos com a formação de dois grupos compostos por cinco participantes cada. Os participantes responderam a perguntas ordenadas e intencionais, tendo como base as entrevistas individuais, permitindo debate entre eles, pois, conforme um dos participantes emitia a sua opinião sobre um determinado tema, os outros podiam dela divergir ou com ela concordar, como propôs Minayo (1993). Ao ouvir a fala do outro, o sujeito adquire conhecimentos para formar a sua própria opinião, que se reflete no grupo a que pertence. Essa construção dialética permite a complementação e a ampliação dos temas abordados nas entrevistas individuais. Ademais, os conteúdos manifestados na fala são impregnados de um sentido oculto, de representações ideológicas, de valores e de afetos vinculados ao tema investigado.

As informações recolhidas nas observações simples foram registradas em um diário de campo e as dez entrevistas individuais e os dois grupos focais foram gravados, transcritos, digitados e organizados em categorias. A sistematização foi realizada por intermédio da construção de núcleos de significação da fala, os quais, como preconizou Aguiar (2009a, p. 135), são os “temas/conteúdos/questões centrais apresentados pelo sujeito, entendidos assim menos pela frequência e mais por ser aqueles que motivam, geram emoções e envolvimento”. A sistematização buscou, ainda, a articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios, que ultrapassam as aparências, o não-dito, a descrição dos fatos, a fim de alcançar uma explicação do processo nas condições subjetivas e históricas. Logo em seguida, foram feitas análises das informações tendo por base a teoria sócio-histórica de Vigotski (2008). Os núcleos centrais e fundamentais, que revelam as determinações constitutivas do sujeito, permitiram o processo de análise propriamente dito, que partiu do empírico para o interpretativo, isto é, da fala para o seu sentido, uma vez que se buscou a fala interior, ou seja,

aquela com base na fala exterior. Dessa forma, foi possível alcançar um plano mais interiorizado: o próprio pensamento (VIGOTSKI, 2008).

Portanto, neste estudo, foram identificados vários núcleos de significações com base nos significados que os sujeitos atribuíram à adolescência, tais como: significados sobre a adolescência/tribo urbana e adolescência/*EMO*, concepções sobre adolescência e suas mediações constitutivas (escola, drogas, sociedade, família, diversão, relacionamentos, sentimentos, sexualidade e preconceito).

O trabalho apresentado respeita um recorte necessário da realidade pesquisada, objetivando apreender sua totalidade, e revela: na primeira parte, intitulada “Um estudo sobre a adolescência”, a concepção sócio-histórica da adolescência, as tribos urbanas, a tribo *EMO* e os sujeitos pesquisados; na parte dois, denominada “Adolescentes *EMOs* e suas concepções sobre adolescência”, a apreensão dos significados sobre adolescência atribuídos pelos sujeitos pesquisados, como tempo de bagunça, de passagem e transição, descobertas, desafios e conflitos, incertezas e solidão; na terceira parte, intitulada “Adolescentes *EMOs*, suas mediações constitutivas e seus espaços”, as mediações constitutivas que os membros da tribo *EMO* revelaram sobre seus espaços de convivência, tais como a própria tribo, a família e a escola; na parte quatro, denominada “Adolescentes *EMOs* e os significados sobre sexualidade e preconceito”, os significados e os sentidos que esta tribo tem constituído sobre a sexualidade e o preconceito.

À vista disso, as análises dos núcleos de significações permitiram investigar a adolescência significada e sentida por esse grupo. Procurou-se, assim, desenvolver uma análise reflexiva e crítica pautada pela perspectiva sócio-histórica.

1 UM ESTUDO SOBRE A ADOLESCÊNCIA

Nesta parte do estudo, aborda-se a adolescência na contemporaneidade tendo como base a perspectiva sócio-histórica, identificada neste trabalho como tribo urbana, especialmente a tribo *EMO*, e também se apresentam os sujeitos participantes desta pesquisa.

1.1 Concepção sócio-histórica da adolescência

Com base nos estudos de Vigotski (1996), principal representante da perspectiva sócio-histórica, faz-se uma tentativa para compreender o adolescente nesta dimensão. A psicologia sócio-histórica fundamenta-se no materialismo histórico dialético e estuda o homem em uma dialética entre dimensões internas e externas, que apresentam em sua essência elementos nos quais este trabalho se fundamenta.

Vigotski (1996) argumentou que, na adolescência, ocorre o ápice do desenvolvimento das funções intelectuais. Logo, nesse período, o sujeito é capaz de transformar com plenitude um objeto concreto em abstrato, um pensamento em um conceito, processo indispensável ao desenvolvimento da individualidade, porquanto “a passagem ao pensamento por conceitos é o passo decisivo, na adolescência, para o desenvolvimento da personalidade e da concepção de mundo do indivíduo” (VIGOTSKI, 1996, p. 198).

Os conceitos resultam de construções culturais, internalizadas pelos indivíduos ao longo de seu processo de desenvolvimento; não obstante, é na adolescência que a formação dos conceitos amadurece e se desenvolve. Esse amadurecimento acontece com base nas características que existem no mundo real e que são selecionadas como fundamentais para o indivíduo, de acordo com seu grupo cultural. Vigotski (2007) afirmou que, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo internaliza formas culturalmente estabelecidas de comportamento, em um processo no qual atividades externas e funções interpessoais se transformam em atividades internas, intrapsicológicas. As funções psicológicas superiores, alicerçadas na operação com sistemas simbólicos, são, pois, construídas de fora para dentro do indivíduo. “O processo de internalização é, assim, fundamental no desenvolvimento do funcionamento psicológico humano”, como assinalou Oliveira (2001, p. 27).

Para Vigotski (1996), o processo de internalizar o externo ocorre com a maturação sexual, que se consolida na adolescência. O autor também afirmou que, na adolescência, se manifestam novos interesses internos, os quais ampliam o número de objetos que têm força incitadora para o indivíduo. Em suas próprias palavras, “esferas inteiras de atividade, antes neutras para eles, se convertem agora em momentos fundamentais que determinam seu comportamento, e a par do novo mundo interno surge para o adolescente um mundo externo completamente novo” (VIGOTSKI, 1996, p. 24).

Destarte, o pensador russo entendeu que os processos internos do sujeito estão diretamente relacionados aos momentos sociais do desenvolvimento, vez que os aspectos cognitivos e afetivos estão ligados ao seu meio social, histórico e cultural.

O autor sublinhou a necessidade de superar os reducionismos e as dicotomias existentes nas investigações psicológicas, tendo em vista a complexidade do desenvolvimento da personalidade do ser humano e, para tal, tratou as emoções⁵ e a afetividade a partir da categoria da necessidade. O termo necessidade, compreendido como aspirações, desejos e propósitos em correlação com a possibilidade de satisfação, é uma categoria que emerge quando se objetiva entender o desenvolvimento das emoções. Nesse sentido, as necessidades são emoções que se integram para que surjam estados dinâmicos, os quais, por seu turno, influenciam o funcionamento integral do sujeito. Como consequência disso, as necessidades não podem ser compreendidas isoladamente, sempre fazendo parte de um organismo em desenvolvimento.

O afeto, construído através das categorias de necessidade e emoção, assim como a partir dos sentimentos, é um aspecto constituinte essencial do sistema psíquico, dentro do qual esses processos, tanto os afetivos como os cognitivos, não funcionam de modo separado, e sim como momentos de um sistema completo, que Vigotski coloca em diferentes momentos de sua obra, no desenvolvimento da personalidade e da consciência (GONZÁLEZ REY, 2000, p. 143).

Quando satisfeitas, as necessidades geram outras necessidades que se organizam tendo como base as emoções já existentes, as quais, por sua vez, em contato com novas emoções, fazem surgir novas necessidades, em um movimento dialético.

Vigotski (1996) observou que a personalidade tem caráter social e histórico e é um sistema complexo e integrador da vida psíquica individual, sendo as emoções produtoras de

⁵ Emoção é uma manifestação total dos indivíduos que está inter-relacionada à linguagem, ao pensamento e aos outros processos psicológicos superiores, de modo que o sentimento, o pensamento e a vontade formam a tríplice natureza social da consciência. Além da vontade, a necessidade que forma os motivos é extremamente importante na discussão cognição–afeto. As emoções são sinalizadoras dos motivos e os estados emocionais direcionam o sujeito para determinado objeto (VIGOTSKI, 2007).

sentidos sobre as experiências do sujeito. Dessa forma, o autor enfatizou que o interesse surge quando se desenvolvem as atrações, as aspirações e os desejos e, com ele, também se modificam as relações com o social e o mundo adulto. Os interesses não são adquiridos, mas desenvolvem-se juntamente com o desenvolvimento global da personalidade e influenciam o modo de agir da pessoa. Consequentemente, os interesses e as necessidades podem ser compreendidos como força motriz da ação. Na adolescência, ocorrem diversas mudanças orgânicas internas, bem como uma reestruturação do sistema de relações com o mundo externo. Trata-se de um desenvolvimento históricossocial e processual, e “o desenvolvimento, neste caso, não segue uma linha reta, mas uma curva bastante complexa e tortuosa. Na estrutura da personalidade do adolescente, não há nada que seja estável, definitivo e imóvel. Tudo nela flui e transforma” (VIGOTSKI, 1996, p. 247).

Com o apoio da teoria de Vigotski (1996), pode-se afirmar que a mediação social possibilita ao adolescente se significar e significar o outro, além de perceber a sociedade em seu processo de subjetivação. Assim sendo, considera-se a adolescência como o resultado das relações sociais existentes, historicamente, entre os homens, tendo em vista que mesmo os aspectos biológicos são compreendidos com base nos sentidos atribuídos pelo sujeito, submetido a um sistema de significações culturais.

A abordagem sócio-histórica busca compreender a adolescência em seu processo constitutivo, em sua gênese histórica e em seu desenvolvimento, enfocando a totalidade em que esta etapa da vida humana está inserida e a qual lhe dá sentido. Nessa perspectiva, entende-se que o sujeito está submetido a essa passagem para a vida adulta não como uma pessoa apenas receptiva, contemplativa e reprodutora de uma condição social e histórica, mas como um sujeito que tem o poder de transformar sua história, responsável por seus pensamentos e com possibilidade de escolhas um sujeito. Desse modo, para se compreender o adolescente, há de se entender os interesses que constituem este sujeito enquanto ser social, histórico e cultural.

A adolescência, por conseguinte, é uma forma de identidade social, uma vez que, dos fatos sociais que surgem ao longo da vida do indivíduo, decorrem repercussões psicológicas que influenciam sua formação nas dimensões da subjetividade. A adolescência é repleta de sentidos pessoais e significados sociais dados pela sociedade em que o adolescente está inserido e por ele mesmo como indivíduo. Vigotski (1996) enfatizou a natureza sócio-histórica do processo de desenvolvimento da personalidade quando apresentou estudos sobre o desenvolvimento da autoconsciência relacionada com a adolescência, elucidando que

existem diferenças qualitativas na consciência do adolescente relacionadas com as diferenças de seu meio social. Em adição a isso, González Rey (2000, p. 146–147) enunciou que:

A personalidade é uma construção teórica, que reconhece ontologicamente a subjetividade individual, só que esta não é representada apenas por uma visão existencialista e mecanicista, como entidade separada do social e sim na processualidade de um sujeito que existe socialmente, e cuja personalidade tem uma natureza social e histórica.

Submetido a esse código preestabelecido socialmente, o adolescente passa a ter *permissão* e, por vezes, até *obrigação* de apresentar algumas condutas e atitudes definidas socialmente, as quais, algumas vezes, provocam conflitos entre o mundo adolescente e o mundo adulto.

A adolescência estabeleceu-se como conceito e conteúdo; e ela, que outrora, de acordo com Ariès (1981), não era nem reconhecida, na modernidade passou a ter representatividade social, com referências claras que justificam e orientam a identidade do adolescente.

O adolescente, com sua força geradora de mudança, enfrenta dilemas sociais por estar intimamente ligado a uma dimensão significativa e contraditória do processo de construção de sua subjetividade. Ao conviver com a base material estabelecida socialmente, ele o faz carregado com suas singularidades e, então, podem ocorrer conflitos, confronto cultural e ideológico com a sociedade dominante, que não aceita o risco de perder a condição de *poder*. Este enfrentamento é fundamental para a construção da sociedade, porquanto os jovens estão em busca do novo, de uma nova cultura e do espírito de justiça social; assim, dialeticamente, ao transformar esta sociedade, são também transformados por ela.

1.2 Tribos urbanas na adolescência

Não se pode compreender a adolescência sem dar ênfase aos aspectos contextuais, alicerçados na transmissão dos valores e da cultura e, sobretudo, na valorização das vivências grupais, tendo em vista que, como afirmou Vigotski (1996), os homens se constituem na interação interpessoal com os outros. Assim, o adolescente constrói suas referências acerca das dimensões da subjetividade com base na identificação e na diferenciação com sua família, sua escola, a sociedade como um todo e com uma importância singular com seus pares.

Wallon (1975) assinalou que os vínculos formados nos grupos se estabelecem tendo como fundamento a negociação, o debate e a representação de papéis variados,

desenvolvendo aspectos da consciência do sujeito. Com a vivência dos papéis no interior de um grupo e a assimilação destes, o indivíduo vai se constituindo e definindo a forma como os membros do grupo o percebem como sujeito, enquanto ele também percebe a si mesmo, bem como vai definindo o modo como ele percebe o grupo e seus membros individualmente. A negociação contínua dos significados pelos sujeitos e a situação vivenciada ocorrem na interação, na relação dos papéis entre o falante e o ouvinte, os quais podem assumir alguns papéis, negá-los ou recriá-los, formando seu autoconceito.

Martín-Baró (1989) esclareceu que, nos grupos, destacam-se os aspectos pessoais, as características grupais, a vivência subjetiva, a realidade objetiva e o caráter histórico deles. Esse autor utilizou o conceito de processo grupal levando em consideração que o próprio grupo é uma experiência histórica, construída em determinado espaço e tempo, resultante tanto das relações do dia-a-dia, repletas de experiências gerais que ocorrem na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas, quanto das contradições que emergem no grupo.

Em razão da contextualização social, Martín-Baró (1989, p. 206) propôs uma teoria dialética sobre o grupo humano, definindo-o como “uma estrutura de vínculos e relações entre pessoas que canaliza em cada circunstância suas necessidades individuais e/ou interesses coletivos”. Nessa acepção, um grupo deve ser entendido como uma estrutura social, como uma realidade total, um conjunto que não pode ser reduzido à soma de seus membros, uma vez que é uma totalidade que supõe vínculos e interdependência entre os indivíduos.

Maffesoli (2000) asseverou que, na contemporaneidade, grupos de adolescentes têm sido denominados tribos urbanas, entendendo que este termo tem o objetivo de explicar a existência de agrupamentos necessariamente urbanos que apresentam características próprias, com pactos claros e definidos. Magnani (1992), por seu turno, assinalou que o termo tribo urbana tem sido usado para explicar a dialética entre o gigantismo das instituições e do estado nas sociedades contemporâneas, tendendo para o anonimato e a impessoalidade por um lado e, por outro, situando-se em oposição aos agrupamentos de iguais, com suas intensas vivências comuns, de laços pessoais, lealdades, códigos de comunicação e comportamentos particulares. Consequentemente, neste trabalho, quando se faz referência ao grupo em que os sujeitos pesquisados estão inseridos, sempre se utiliza o termo tribo urbana ou, mais especificamente, tribo *EMO*.

Para Maffesoli (2000), as tribos urbanas, diferentemente de grupos, como propôs Martín-Baró (1989), têm um caráter volátil de seus vínculos internos, o que torna sua

dinâmica social rica, em constante transformação, possuidora de caráter criativo e inovador, porém enfraquecida em relação às ligações entre os membros, comprometendo seu engajamento em projetos cooperativos de maior duração. Precipualemente, os vínculos formados apenas se mantêm enquanto houver o interesse pela atividade em comum.

Costuma-se verificar a existência de integrantes de tribos urbanas que vivem simultaneamente, ou alternadamente, muitas realidades e papéis, assumindo sua tribo apenas em determinados períodos ou lugares, com uma relação espaço-tempo particular. Para Maffesoli (2000), diferentemente dos grupos, nas tribos urbanas o tempo não é vivido como processo histórico, mas em uma somatória de presentes. Cada situação é única e vivida intensamente, sem preocupação com as experiências seguintes, que promovem os processos de desenvolvimento social. Dessa maneira, frequentemente é possível observar pessoas que, durante o dia, trabalham em empregos prosaicos ou são estudantes e, à noite ou nos fins de semana, assumem suas tribos, então se tornando *rappers*, roqueiros, *clubbers*, góticos, pichadores, entre outras opções.

Gonçalves (1999) destacou que os membros de uma tribo urbana agem como personagens de um enredo imaginário, configurando-lhes uma identidade de papel, construída como uma imagem compartilhada, mas que essas referências simbólicas são fragilizadas. Uma tribo urbana, portanto, constitui um caminho de necessidades e interesses em situações e circunstâncias específicas. Coutinho (2000) complementou essa informação ao destacar que uma tribo urbana se define por uma socialidade frouxa, pela lógica hedonista e o não-compromisso com a continuidade na linha do tempo, expressa na valorização do aqui-agora, no tempo presente.

Dessa forma, a identidade tribal estrutura-se tendo como base marcadores imaginários, tais como roupas, cabelos, acessórios que compõem as características da tribo (CASTRO et al., 1998). Também se estrutura pelo compartilhamento de códigos (gírias, jargões, músicas, pautas contemporâneas), pelos comportamentos sociais e pelo recurso de demarcação de seu território, definindo um espaço urbano para seus encontros, como shoppings, praças, parques, nos quais deixam suas marcas, algumas vezes pelo grafite ou pichação, outras vezes simplesmente pela presença maciça em dias ou períodos determinados. Evidentemente, seguindo o estereótipo da tribo, ou seja, de seus iguais, esses adolescentes têm a ilusão de possuir uma identidade, com base na subjetividade que lhes é conferida, no senso de pertencer a algo (HALL, 2002) e, simultaneamente, pela diferenciação do que é representado como extratribal.

Em síntese, Gonçalves (1999) frisou que as tribos urbanas são expressões do *ethos* contemporâneo. O sujeito avança em seus saberes e valores à medida que os compartilha e tem convivência com um igual.

Ainda de acordo com Gonçalves (1999), em uma tribo urbana, o adolescente sente-se aceito, aprovado, desenvolve o sentimento de pertencimento, o diálogo, a troca de opiniões e, em um movimento dialético, se constitui e é constituído. O encontro com o outro que o compreenda, que vivencie os mesmos conflitos, medos, angústias, desejos, entre outros, com os quais se identifica, possibilita que o adolescente recupere a confiança em si mesmo, a qual pode estar abalada por ser ele uma pessoa que está vivendo tantas mudanças tão rapidamente. O adolescente busca inserção em uma tribo a fim de estabelecer uma identificação com seus pares e encontrar apoio para os seus anseios, com o objetivo de potencializar sua autonomia individual, mediada pela consolidação da identidade pessoal e social.

Ademais, na adolescência, a tribo é necessária para que o adolescente possa viver plenamente seu processo de afastamento do núcleo familiar e assuma seu papel de adulto na sociedade. Marques (1996) atestou que a relação estabelecida com os pares possibilita aos adolescentes vivências de novas opções socioafetivas, bem como a promoção de seu desenvolvimento global.

Marques (1996) ainda argumentou que a tribo assume importante papel como fonte de referência social, especialmente quando o adolescente busca maior autonomia em relação aos pais durante a adolescência. Entre pares, com frequência, os adolescentes legitimam os próprios sentimentos e visões de mundo, tendo como base a identificação e a referência de relações sociais, assim como uma deliberada aceitação e compreensão de seus companheiros. Entrementes, faz-se importante ressaltar que as características de personalidade individuais e a qualidade das relações socioafetivas também são fatores relevantes e não devem ser desconsiderados.

Outro aspecto marcante dos contextos urbanos contemporâneos é a inserção da mulher no mercado de trabalho, fator que tem mudado a formação tradicional familiar, impelindo a uma redução da convivência entre pais e filhos (GUTIERREZ; PRIETO, 1994). Diante dessa realidade social, o adolescente busca suprir a ausência de seus pais inserindo-se em tribos urbanas, as quais têm apresentado crescente importância para a formação da subjetividade destes sujeitos. Assim, a formação de tribos tornou-se um fenômeno sociocultural significativo, representando uma importante estratégia de formação cultural, bem como de

inserção e agregação social, especialmente da população juvenil (ABRAMOVAY et al., 1999).

Pertencer a uma tribo é ocupar um lugar, é ter um papel social, o que representa situação extremamente relevante para o adolescente, pois, em tese, todos os membros de uma mesma tribo têm idênticas aspirações, gostam das mesmas coisas e se comportam de maneira similar.

De acordo com a proposta de Vigotski (2007, p. 98) sobre zona de desenvolvimento proximal e a perspectiva de que aquilo que o indivíduo “é capaz de fazer com assistência hoje será capaz de fazer sozinho amanhã”, pode-se afirmar que a atividade tribal para o adolescente é um espaço de extrema importância para realizar seu desenvolvimento potencial e aprendizagem de modo progressivo.

A tribo urbana exerce uma força vital, a qual influencia as dimensões de subjetividade que impactam a vida social do adolescente. À vista disso, para compreender a adolescência, deve-se tomar como base o reconhecimento de seus relacionamentos, ciente de que a convivência com os pares, na adolescência, repercute na base da inserção como adulto na sociedade.

Faz-se importante compreender que as estratégias utilizadas pelos adolescentes para formar novas tribos urbanas e marcar sua inserção social – muitas vezes por intermédio de imagens, comportamentos, discursos singulares e contraditórios – constituem um recurso para expor como essas novas gerações incorporam e estão sendo afetadas pelas transformações socioeconômicas e culturais estabelecidas pela sociedade em que estão inseridas.

1.3 Tribo urbana: os *EMOs*

Neste estudo, a tribo urbana pesquisada autodenomina-se *EMO*. Trata-se de um grupo pertencente à sociedade atual e, por conseguinte, tem sido constituído com ela.

De acordo com Giron (2006), o termo *EMO* provém da abreviação da palavra inglesa *emotional* e de um gênero musical derivado do *hardcore*. Portanto, *EMO* é a sigla da expressão *emotional hardcore* e caracteriza um grupo de adolescentes oriundos do *punk*, que curtem música, mesclando som pesado e letras românticas. Esse termo foi, em sua origem, atribuído às bandas presentes no cenário *punk* de Washington, DC (Estados Unidos), na

década de 1980, tendo o novo gênero raízes no *punk* rock. No entanto, as letras das canções *punk* têm conteúdo político, ao passo que as composições *EMO* falam do que os adolescentes sentem. Bandas que se enquadravam no estilo *hardcore* acabaram por aderir ao incipiente estilo musical denominado *emocore* e passaram a compor músicas mais introspectivas, mais emotivas que o habitual, com batidas pesadas, acrescentando influências do rock alternativo proeminente no momento.

Giron (2006) ainda assinalou que, no Brasil, o gênero se estabeleceu na cidade de São Paulo, sob forte influência norte-americana, em meados de 2003, logo entrando na cena pop de outras capitais, com bandas como *Nxzero*, *Cpm 22*, *Hateen* e *Fresno*. Essas bandas fazem sucesso entre os adolescentes *EMO*, que se identificam com os problemas pessoais retratados nas canções. A música que apresentam nos shows é uma mistura de batida pesada com letras românticas que lembram o estilo sertanejo. Essas músicas apresentam o peso das guitarras e letras românticas repletas de chavões líricos, do tipo “não posso perder você”, “um dia você vai se lamentar desse amor que foi impossível”.

A cada dia é mais comum identificar adolescentes pertencentes a essa tribo nas ruas, shoppings, praças e shows, pois eles se apresentam com estilo, roupas, atitudes e acessórios próprios, tornando fácil diferenciá-los das demais tribos urbanas, tais como *punks*, skatistas, funkeiros, pagodeiros, entre outras. Eles estão presentes na cena pop e se reúnem em grupos para compartilhar programas comuns.

Antunes (2006) explicou que, embora a tribo *EMO* seja identificada pela música que aprecia, o que a distingue das demais não é só o tipo de música, mas também suas atitudes, visto que são geralmente sujeitos emotivos e tolerantes, carinhosos entre si, os quais defendem a liberdade de orientação sexual, além de seu visual, pois usam roupas pretas, xadrez e listradas, ou muito coloridas, misturando botas do *punk*, o colar de Wilma Flintstone, a mulher de Fred Flintstone⁶, camisetas com a gatinha *Hello Kitty*, calças justas, tênis *All Star* ou tênis nacionais *Mad Rats*, cintos decorados com taxas ou rebites, luvas com os dedos cortados, esmalte preto nas unhas, broches em bonés e mochilas, muitas pulseiras fininhas, cabelos coloridos ou pretos, mas sempre esticados, olhos pintados de preto, *piercings* e longas franjas caídas sobre os olhos, somente de um lado do rosto.

⁶ Os *Flintstones* são uma família retratada em um desenho que se passa na idade da pedra, criado pela dupla William Hanna e Joseph Barbera, que já foi visto por mais de 300 milhões de telespectadores em 80 países, tendo sido produzido em 22 idiomas entre os anos de 1960 e 1966, com 166 episódios. A família Flintstone (Fred, sua mulher, Wilma, e sua filha, Pedrita) moram em Bedrock, uma cidade com 2.500 habitantes, no ano 1.040.000 a.C. (HITCHCOCK, 200?).

A sociedade contemporânea tem produzido o afrouxamento das fronteiras etárias, sendo o modo de ser jovem desejado em qualquer faixa etária. Por outro lado, percebe-se nos jovens a manutenção de certa infantilização. A estética *EMO* revela algumas marcas desta infantilização, quando os membros desta tribo fazem uso de acessórios muito utilizados por crianças, tais como: bolsas de ursinho, camisetas com marcas infantis, enfeites de cabelos coloridos, entre outros.

De acordo com Freitas et al. (2007), a vestimenta, os acessórios e a maquiagem característicos da tribo são usados tanto por meninos como por meninas, o que explica a dificuldade que algumas pessoas têm em distinguir os dois sexos. Assim, a identidade sexual dos *EMOs* está a todo o momento sendo questionada, em decorrência dessa composição de estilo e também pela emotividade e tolerância sexual que demonstram. Os autores ainda comentaram que a maioria das pessoas os reconhece como homossexuais; entretanto, de acordo com os próprios membros, a orientação sexual da tribo agrega a homossexualidade, a bissexualidade e a heterossexualidade.

Eles ainda são contra a violência e o preconceito e se reconhecem como uma tribo urbana que não teme os sentimentos, sem abdicar de sua individualidade. Em síntese, os sujeitos que se consideram *EMO* atribuem aos membros desta tribo as seguintes características: são melodramáticos, sensíveis, compreensíveis, amorosos, emotivos, demonstram o que sentem abertamente, gostam de trocar elogios, abraços e beijos em público (FREITAS et al., 2007).

As características descritas acima revelam a tendência que os membros da tribo *EMO* apresentam de se autoelogiar associando-se à turma “do bem”. Isso revela sua necessidade de construir uma autoimagem diferente daquela que lhes é atribuída por outras tribos urbanas e pela comunidade em geral. Percebe-se, também, que eles vislumbraram em sua participação no presente trabalho uma possibilidade de se apresentar positivamente, desmitificando a imagem que carregam, pois é possível verificar que o termo *EMO* tornou-se pejorativo e não existe uma boa aceitação social desta tribo, que sofre muitos preconceitos e discriminação (FREITAS et al., 2007). Há várias comunidades no Orkut⁷ dedicadas a atacar os *EMOs*. Os nomes de algumas delas beiram o bizarro, como “Hitler também era *EMO*”. Ademais, os *punks*, entre outros, costumam dar surras nos adolescentes *EMO*, que se defendem como podem.

⁷ Orkut é uma rede social filiada à empresa Google, criada em 24 de janeiro de 2004, que tem o objetivo de ajudar seus membros a fazer novas amizades e a manter relacionamentos (FORBELLONE, 2007).

Fontes informais, como *Fotologs*, *Blogs*, *MSN*⁸ e *Orkut*, demonstram os muitos relatos de agressões que os *EMOs* sofrem e que são expostos através de fotos, músicas, charges, reportagens e vídeos. Os *EMOs* vêm sendo alvos de crescente crítica que coloca em destaque seus modos de se vestir, suas atitudes e sua maneira de lidar com a sexualidade, em sua maioria, expostos de forma pejorativa e preconceituosa. Assim, em geral, observa-se que muitas vezes uma “emofobia” se demonstra mais explicitamente nestes meios informais do que a própria “emomania” (FREITAS et al., 2007).

Freitas et al. (2007) revelaram que alguns adolescentes do grupo *EMO* declararam que outras tribos urbanas demonstram preconceito contra eles porque seus membros incorporaram ao seu estilo muitos elementos de outras tribos do rock, gerando uma confusão de estilos, fazendo com que membros de outras tribos sejam confundidos com os da tribo *EMO*, o que provoca o repúdio deles.

Alguns adolescentes *EMOs* afirmam que existem muitos “paraguaios” ou *posers*, gíria usada pela tribo para nomear aqueles que se fazem passar por *EMO* sem entender nada de sua cultura e sem nem mesmo gostar da música, mas que adotam as mesmas roupas e acessórios para parecer o que não são (FREITAS et al., 2007). Entretanto, não apenas a aparência e o estilo musical caracterizam a tribo. Para ser um verdadeiro integrante do grupo, é preciso adotar as atitudes e o pensamento *EMO*, o que significa não ter vergonha de demonstrar emoções, ser tolerante com outros grupos sociais e ter muita personalidade (ANTUNES, 2006).

Giron (2006) observou que, recentemente, tem havido grande aumento dessa tribo urbana, que surgiu com força na classe média e está migrando para as periferias e as cidades-dormitório. Não obstante, em decorrência do preconceito, muitos não querem nem ser chamados de *EMO*. Trata-se de um comportamento contraditório, pois embora não se apresentem como *EMOs*, mantêm as preferências musicais e o pensamento da tribo.

Giron (2006) também salientou que a cultura *EMO* é marcada pela descoberta do amor, da bebida e do circuito das festas, dos discos e do visual do pop e do rock. Não raro eles se veem censurados por todos os lados. Por isso, lembram os românticos do século XIX e os hippies dos anos 60.

⁸ MSN é a abreviatura de *Microsoft Service Network*, um provedor de e-mail da Internet que gerencia sites como, por exemplo, o Messenger, que é um aplicativo utilizado para bate-papo e trocas de mensagens instantâneas (TEIXEIRA, 2002).

1.4 Os sujeitos pesquisados

Os dez adolescentes que participaram desta pesquisa se autodenominam *EMO* e se apresentaram com as seguintes características:

Ana Carolina – tem 16 anos de idade; estuda em escola pública, na qual está cursando o nono ano do ensino fundamental; reside no Setor Sudoeste com seus pais, que são casados; tem uma irmã, que mora no interior de Goiás; tem dois irmãos, que residem em casas separadas; define sua orientação sexual como bissexual.

Daiane – tem 15 anos de idade; estuda em escola pública, na qual está cursando o nono ano do ensino fundamental; reside no Setor Jardim América com sua mãe; seus pais são divorciados; é filha única; define sua orientação sexual como bissexual.

Kate – tem 15 anos de idade; estuda em escola pública, na qual está cursando o primeiro ano do segundo grau; reside no Setor Sudoeste com tios e primos, pois sua mãe mora em outra cidade, embora mande dinheiro para seu sustento; seus pais são divorciados; é filha única; define sua orientação sexual como bissexual.

Leide – tem 15 anos de idade; estuda em escola particular, na qual está cursando o primeiro ano do segundo grau; reside no Setor Parque Anhanguera com sua mãe; seus pais são divorciados; tem um irmão, mas não mantém contato com ele, pois não se relacionam bem; define sua orientação sexual como bissexual.

Márcia – tem 15 anos de idade; estuda em escola pública, na qual está cursando o nono ano do ensino fundamental; reside no Setor Urias Magalhães com seus pais, que são casados, e uma irmã mais nova, que também é *EMO*; define sua orientação sexual como bissexual.

Breno – tem 16 anos de idade; estuda em escola pública, na qual está cursando o primeiro ano do segundo grau; reside no Setor Sudoeste com uma avó, uma tia e dois primos; seus pais são divorciados; não mora com a mãe e sua irmã porque não gosta do padrasto, mas sua mãe sempre o visita; seu pai mora em Belém-PA; define sua orientação sexual como bissexual.

Gustavo – tem 16 anos de idade; estuda em escola pública, na qual está cursando o segundo ano do segundo grau; reside no Bairro Capuava com seus pais, que são casados, um irmão mais velho e uma irmã mais nova; define sua orientação sexual como homossexual.

João – tem 17 anos de idade; estuda em escola particular, na qual está fazendo cursinho pré-vestibular; reside no Bairro Jardim Presidente com seus pais, que são casados, uma avó, uma irmã e um irmão de criação, ambos mais velhos; define sua orientação sexual como bissexual.

Luciano – tem 17 anos de idade; estuda em escola particular, na qual está fazendo o cursinho pré-vestibular; reside no Setor Sudoeste com sua mãe, uma irmã de 29 anos e o cunhado, com os quais se relaciona muito bem; seus pais são divorciados; conviveu com o pai somente até os 5 anos de idade e há oito anos não o vê; tem um irmão que mora com o pai; trabalha em uma loja; define sua orientação sexual como homossexual.

William – tem 17 anos de idade; estuda em escola pública, na qual está cursando o primeiro ano do segundo grau; reside no Setor Jardim das Hortências com sua mãe, o padrasto e uma irmã de 16 anos; tem um irmão de 15 anos, que mora com o pai; seus pais são divorciados há cinco anos; trabalha em uma lanchonete; define sua orientação sexual como bissexual.

Em uma síntese dos dados levantados sobre os adolescentes participantes desta pesquisa, percebeu-se que todos moram em bairros periféricos da cidade de Goiânia (conforme mapa digital, Apêndice F). Neste grupo, sete adolescentes estudam em escola pública e Luciano, João e Leide, em escola particular. Ana Carolina, Daiane e Márcia cursam o nono ano do ensino fundamental; Kate, William, Breno e Leide cursam o primeiro ano do segundo grau; Gustavo cursa o segundo ano do segundo grau; João e Luciano frequentam cursinhos preparatórios para o vestibular.

Entre as adolescentes, todas se definiram como bissexuais, ao passo que entre os adolescentes, três afirmaram ser bissexuais e Gustavo e Luciano, homossexuais. Todos os adolescentes vivem com suas famílias, as quais lhes fornecem proteção, alimentação e inserção na escola. João, Gustavo, Ana Carolina e Márcia têm pais casados e moram com eles, enquanto os demais têm pais divorciados. William, Luciano, Daiane e Leide moram com a mãe, Kate mora com tios e Breno mora com uma avó e uma tia. Daiane e Kate são filhas únicas e os oito outros participantes têm irmãos.

Peres (2001) enunciou que, na contemporaneidade, existe uma diversidade familiar que se revela em suas múltiplas variações, destituindo a noção de homogeneidade da família brasileira nuclear, sendo comuns os vários desenhos de famílias, como se pôde observar nas composições familiares dos sujeitos desta pesquisa. “A composição dessas famílias, ou seja,

seu tipo de união, a forma de coabitação dos membros, o número de filhos no domicílio e suas idades é tão variada que se torna difícil descrevê-las sem fazer referência a algumas delas em particular.” (PERES, 2001, p. 82).

Os relatos dos sujeitos pesquisados sobre as relações familiares expressaram, de forma geral, interações entre pais, filhos, padrastos, irmãos, primos, tios e avós. Todos, em algum momento, descreveram situações de brigas com familiares, quer seja com pai, mãe, avó, irmãos ou irmãs. Os adolescentes afirmaram que desenvolvem trabalhos domésticos de apoio à limpeza e à organização da casa. Nenhum dos adolescentes relatou situações de muitas conversas, lazer, amizades com os familiares, brincadeiras ou trocas afetivas entre os membros de suas famílias. Tendo como base essas falas, é possível significar a família contemporânea em suas relações internas e também pelas diferenças nas estruturas em que são constituídas, como revelou Poster (1979, p. 223–224):

O modelo burguês de família não é o único tipo possível de família [...] A história da família envolve mecanismos de instituição de hierarquias, de idade e sexo no nível psicológico, e essas hierarquias se encontram sob diferentes formas em todas as estruturas familiares [...]

Não foi realizado um estudo mais profundo sobre a infância dos sujeitos pesquisados, a fim de verificar se houve algum fato que merecesse destaque, tendo em vista não ser este o foco deste estudo.

Esta tribo tem adeptos nas grandes capitais do Brasil, tais como São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Brasília-DF, Belém-PA, Goiânia-GO, entre outras. Particularmente nesta pesquisa, os estudos foram realizados com integrantes da tribo *EMO* residentes na cidade de Goiânia.

2 ADOLESCENTES *EMOs* E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA

Ao analisar as falas dos sujeitos sobre suas concepções de adolescência, pôde-se perceber que são carregadas de significados que a tribo atribui ao tempo em que estão vivendo, sempre dando ênfase à emoção que permeia e dá significado a todo este processo. Dessa forma, no momento presente, os participantes desta pesquisa apresentam a adolescência como um tempo que dá permissão para viver, sofrer, sorrir, conviver e sentir tudo com muita intensidade.

Este núcleo de significação possibilitou investigar a adolescência significada por este grupo, tendo em vista que cada adolescente vivencia este momento de sua existência com características que lhe são singulares, com base em construções cognitivas, afetivas e sociais, traduzindo seus desejos, anseios e pensamentos, assim como buscando compreender como os sujeitos sociais se apropriam de suas realidades e dos significados que são construídos e referendados pelo contexto social em que estão inseridos.

Vigotski (2008) postulou que o sujeito é interativo e está além de ser entendido como um sujeito passivo ou ativo, porquanto se constitui na e pela interação com os outros e igualmente pelas relações interpessoais, que é dialética. Portanto, a dimensão intersubjetiva não está apenas na instância do outro, mas na relação com o outro, o qual, desta forma, internaliza seus conteúdos muito além da reprodução do mundo exterior, mas pela relação mútua entre os planos inter e intrassubjetivos mediados pelo social.

Neste núcleo de significação, que compreende a adolescência relacionada ao tempo, entendido aqui como momento de vida, há cinco subtemas, resultantes de categorizações feitas a partir das falas dos sujeitos da pesquisa e que surgiram no decorrer das entrevistas individuais e dos grupos focais, sendo a adolescência tempo de “bagunça”, passagem e transição, cobranças, conflitos, incertezas e solidão, bem como de descobertas e desafios.

2.1 Adolescência é tempo de “bagunça”

Os adolescentes que participaram desta pesquisa trouxeram em suas falas um desejo de experimentar, viver novas experiências, se divertir, se libertar e viver emoções intensamente. Quando pontuou que na tribo existe uma lógica hedonista⁹, Coutinho (2000) confirmou esta característica dos membros da tribo *EMO*, pois, quando entram para esta tribo e se sentem identificados com seus pares, são compreendidos e aceitos por seus iguais, fazendo com que eles se autorizem a sentir tudo ao máximo. João reiterou este fato em sua fala:

Adolescência, pra mim, é juventude, é tudo que fizer sentir na flor da pele. Igual assim, se você ama, você ama ao máximo; se você sente solidão, você sente solidão ao máximo. Acho que é o período que você sente as coisas com mais força. É por isso que as pessoas... ééé... às vezes, usam drogas, ou então, faz aquele tanto de loucura. Por causa que você sente aquilo no nível máximo. Não é igual quando você é adulto... Quando você é adulto, as coisas já se desgastaram. Se você é velho, as coisas já estão desgastadas. Aí, quando você é adolescente, não. Você sente aquilo com muita força. Isso, pra mim, que é ser adolescente, é ser jovem. (João, 17 anos)

Para João, ser adolescente é gozar de uma onipotência que dá a sensação de ser possível desafiar os perigos, pois os jovens se sentem imortais e invencíveis. Em sua opinião, isso é fonte geradora de prazer, que tem como base a intensidade das ações e o imediatismo. Afinal, a contemporaneidade é a era do imediato possibilitada pelo avanço da tecnologia, pelo acesso à informação e à comunicação mais rápida. E ser adulto é viver em um mundo com limites, repleto de proibições, compromissos, e concessões. João significa o mundo adulto como um espaço no qual o prazer cede aos deveres, o que gera desgastes emocionais e psíquicos.

No entanto, existe uma contradição que merece destaque nas falas dos adolescentes, pois a adolescência ora é significada pela falta de responsabilidade, ora pela necessidade de se manter produtivo. A primeira, porque não precisam pagar contas, e a segunda, pela necessidade de se manter na escola a fim de garantir um futuro profissional e a confiança dos pais. Gustavo abordou o primeiro ponto quando afirmou que felicidade está relacionada a não ter compromissos com contas a pagar e com a possibilidade de novas descobertas. Consequentemente, responsabilidade parece estar associada a perdas de coisas boas, como “prazer” e “vida boa”:

⁹ De acordo com filósofos como Hume, Bentham e Miller, considerados fundamentalistas do hedonismo, a lógica hedonista tem como princípio básico a busca do prazer enquanto virtude da construção humana. Na concepção moderna, a lógica hedonista volta-se para o prazer do indivíduo (RIZZUTI, 2002).

Adolescência, pra mim, é uma fase de curtir! [risos] Porque a gente não tem muito assim... obrigação com contas, essas coisas mais de adulto. (Luciano, 17 anos)

Este tempo de bagunça é significado por estes sujeitos como a possibilidade de viver tudo ao máximo, de diversão, festas, bebidas e namoro e de não precisar ter responsabilidade como os adultos, a não ser com a escola, pela necessidade de garantir o futuro. Entre os adolescentes pesquisados, nove definiram adolescência como tempo de bagunça. Breno sintetizou bem o significado do grupo sobre este aspecto:

Adolescência, pra mim, vem no nome de bagunça. Não na bagunça de anarquia, assim, mas na bagunça de diversão. O negócio é se divertir, é você se libertar. De você ser quem você é, de verdade. E tá tudo envolvido na bagunça. De você beber, de você fumar, de você fazer o que você quer, sem nenhum medo do que as pessoas estão pensando de você. Sem nem um conceito, assim: “Não vou fazer isso, porque tem gente me olhando.”. Você faz porque quer, porque você sente vontade de fazer. (Breno, 16 anos)

Esta colocação corrobora o que Clímaco (1991), Santos (1996) e Aguiar, Bock e Ozella (2009) afirmaram sobre os adolescentes que, quando não conseguem entrar no mundo adulto e se sentem impossibilitados de ser mais atuantes nesta esfera, vivenciam alguns sentimentos que os autorizam a ter atitudes contestadoras e até transgressoras, a viver no ócio, a vivenciar experiências extremadas, entre outras atitudes, acreditando que este é o “tempo” permitido pelo mundo adulto para vivenciar tais emoções.

A psicologia sócio-histórica compreende a prática hedonista a partir dos modos de produção capitalista e suas formas de organizações sociais, que propõem uma sociedade fundada na diferença individual e organizada em torno das manias e paixões de cada um. A lógica do mercado e do consumismo necessita “de prazer e pluralidade, do efêmero e descontínuo, de uma grande rede descentrada de desejo da qual os indivíduos surgem como meros reflexos passageiros” (EAGLETON, 1998, p. 127–128).

O capitalismo se faz acompanhar de uma sociedade com hábitos e atitudes de consumo, de traços tanto libertários como autoritários, tanto hedonistas como repressores. Dessa forma, há nesta sociedade tanto a prática hedonista, quanto a exigência ideológica em termos éticos, jurídicos e políticos de que o sujeito seja centrado e autônomo, representando o “ideal oficial do sistema”. Neste modelo apresentado, é possível perceber os significados que os sujeitos pesquisados atribuem à adolescência e ao mundo adulto.

2.2 Adolescência é tempo de passagem e transição

Os adolescentes desta pesquisa também significaram a adolescência como uma fase que vai passar, um período de transição entre a infância e a vida adulta, e que, por esta razão, ainda não ocupa um lugar a ser levado a “sério”. Nesse cenário, os sujeitos pesquisados acreditam que os adultos acreditam e aceitam a ideia de que, por ser uma fase, tudo o que o adolescente fizer, todas as suas condutas e atitudes devem ser consideradas e avaliadas como pertencentes a uma fase de passagem. A opinião de Breno é a pura expressão desse significado:

Eu me sinto muito feliz, porque eu acho que é uma fase, assim, que passa, mas que você sempre terá na memória. A adolescência, pra mim, é... Vamos dizer que ela é um tempo. Eu sei que vai passar. Vai ter uma hora que eu vou chegar e dizer que não devia ter feito aquilo, que: “Ah! Foi só uma fase.”. Minha mãe fala: “Ah! É só uma fase. Isso vai passar.”. Então, eu falo pra ela: “E então! Deixa passar.”. Porque ela quer que eu mude meu estilo, que é uma fase. Eu falo: “Se for uma fase, vai passar e eu vou mudar. Agora, se não for...”. (Breno, 16 anos)

A crença neste conceito biologicista de adolescência sugere que este modelo é mais bem aceito pela família e pela sociedade por ser mais conveniente. A convicção de que a adolescência é uma fase, um tempo que vai passar, lhes dá a certeza de que o tempo presente é o fundamental, permitindo que estes adolescentes se apeguem a isto para aproveitar e buscar o máximo de satisfação, o que legitima o depoimento de Breno. Coutinho (2000) assinalou que os membros das tribos urbanas não têm um compromisso com a continuidade na linha do tempo e valorizam o aqui-agora.

Tendo como base a fala dos sujeitos deste estudo, muitos pais ainda compreendem a adolescência como um período em que os adolescentes ora são quase adultos e devem se comportar como tal, e ora são crianças, que ainda não estão aptas a fazer suas escolhas. Gustavo revelou isso em sua fala:

A parte chata de ser adolescente é quando falam: “Você não sabe nada da vida. Ainda não. Você é adolescente, uma criança.”. Minha mãe me chama de nenê até hoje! Todos os adultos nos veem como criança. Mas, nós não nos vemos como criança. E muita gente adulta, assim, vê a gente como criança. Muito chato! Eles falam que a gente não sabe o que tá fazendo, não sabe o que vai fazer, o que você quer da vida. Tipo, eu escuto pra c... e eu brigo... (Gustavo, 16 anos)

Luciano chegou a dizer que fica assustado com a ideia de que a adolescência seja compreendida como uma fase de rebeldia e, por esta razão, todos os comportamentos “inadequados” ocorrem porque os adolescentes estão neste período.

Eu me sinto... Vamos dizer... Você sente um pouco de medo. Não tenho muita certeza, porque tudo que você faz, as pessoas vão rotular que é por causa da adolescência. A adolescência é responsável por tudo. E eles consideram que a adolescência é motivo de rebeldia. Todos os adolescentes são rebeldes. Tudo que ele faz é rebeldia. (Luciano, 17 anos)

No entanto, acreditando no fato de a adolescência ser provisória, Kate se autoriza, então, a vivenciar esta fase como um momento de sonho, de beleza e diversão.

Adolescência é poder fazer tudo que você sonha. Nossa! É lindo! Nossa! Não tem nem explicação... É uma coisa que a gente sabe que vai passar e na hora que a gente pensa, assim: “Nossa! Eu vou ficar mais velho. Eu vou ficar adulto.”. Aí, você começa a chorar só em pensar em crescer. Nossa! Você pode fazer muitas coisas. Você vive muito bem. (Kate, 15 anos)

Ser adolescente, sob o enfoque atribuído por Kate, indica que a adolescência é repleta de felicidades, por sua característica de transitoriedade. Todavia, este é um olhar tendencioso e perigoso, tendo em vista os outros significados sobre este tema, que os sujeitos pesquisados trouxeram neste estudo.

Por conseguinte, é possível perceber que os adolescentes da tribo *EMO* ainda conservam a crença de adolescência como fase¹⁰, transição e passagem, como indicou Ozella (2003, p. 38) ao expor que a adolescência, mesmo na contemporaneidade, ainda é compreendida pelo enfoque de naturalização, universalização e patologização, reforçando que “é tempo que passará, comum de uma fase”. Isso difere da concepção teórica que norteia este estudo, que assinala a importância de compreender a adolescência mediada pela sociedade, pela cultura e história a que está submetida, o que possibilita ao adolescente se significar e significar o outro pelo processo de subjetivação.

2.3 Adolescência é tempo de cobranças

A adolescência também é significada pelos adolescentes como momento de cobranças por parte dos adultos. Isso ocorre porque ela é compreendida como um tempo durante o qual o sujeito se prepara para a inserção no mundo adulto, o que, por sua vez, é significado por obrigações e trabalho. Sendo assim, para os sujeitos pesquisados, os adultos entendem que os adolescentes devem se preparar da melhor maneira para esta realidade próxima futura. João

¹⁰ Ao realizar um estudo sobre as concepções de adolescência que os psicólogos e profissionais que trabalham com adolescentes atribuem a esta temática, Ozella (2003) verificou que a visão biologicista, que significa a adolescência como uma fase, ainda prevalece no meio destes.

externou esse sentimento em sua entrevista, acrescentando que existe muita cobrança também no que concerne ao seu futuro profissional:

É uma coisa muito importante. Eu, até hoje, nunca reprovei. Eu tô fazendo esse pré-vestibular. Eu sei que, em grande parte, pai e mãe cobram muito isso da gente. Mas, eles têm razão nesse ponto, porque eu não sou tão imaturo, assim, a ponto de achar, assim: "Ah! Estudar nada! Eu vou fazer o que eu quiser.". Eu sei que eu tenho que estudar. Assim, primeiro, porque eu tenho vontade de ter banda, escrever livro, essas coisas. Assim, mais do mundo artístico. Mas, eu sei que isso é uma possibilidade muito baixa de dar certo. Então, eu sei que eu tenho que ter um porto seguro pra mim. E se eu não estudar, eu vou acabar fazendo serviço braçal, como meu pai faz. E eu não quero isso. É por isso que eu estudo bastante. Por isso que eu estou estudando pro vestibular. Espero que eu consiga passar esse ano. (João, 17 anos)

De acordo com Furtado (2003), o trabalho e as relações sociais são categorias básicas para a compreensão do homem. É por meio de sua atividade que o homem histórico define seu contexto social ao mesmo tempo em que é definido por este, em uma relação dialética. Destarte, a forma como a sociedade organiza o trabalho para a produção da existência humana, dentro de relações sociais determinadas, define a atividade de cada sujeito. Nesse caso, a família é responsável por reforçar para o adolescente, a partir da atividade, a realidade que está posta pela sociedade em que ele está inserido. Como consequência disso, os adolescentes pesquisados significaram as exigências realizadas pela família com um tom de cobrança e não, simplesmente, da necessidade de reforçar as mediações das relações entre a atividade e o adolescente.

O núcleo de significação “cobrança” é muito presente na fala dos adolescentes pesquisados, pois está inserido no contexto da relação entre pais e filhos. Na cultura ocidental, uma das instituições a transmitir e garantir a manutenção dos valores constituintes do sujeito é a família. Por consequência, esta se sente compelida e responsabilizada por esta tarefa, por vezes, enfrentando algumas dificuldades. À vista disso, cabe à família o papel de educadora, conduzindo esta educação na direção de um modelo social e, por vezes, até servindo de base para o surgimento de novos padrões sociais. Em sua fala, Kate revelou a tentativa de sua mãe de manter o modelo vigente:

Tem cobrança pela minha mãe. Ela sempre diz: “Você tem de se comportar, porque você é uma mocinha. Você tem de sentar de perninha fechada.”. E não sei o que. “Você não pode sair gritando no meio da rua!” Que é uma coisa que adolescente adora fazer. [risos] É esse tipo de cobrança. Normal. Estou acostumada. (Kate, 15 anos)

Outra instituição que também exerce papel coercitivo é a igreja, uma vez que tem como base as doutrinas teológicas, as quais ditam normas, impõem preceitos, estabelecem

valores, julgam e, por vezes, penalizam. Ana Carolina relatou que sentiu o peso dessa instituição por ser e pensar diferente dos membros da sua igreja.

Eu também me sinto cobrada na religião, talvez. Às vezes, assim, eu entro na igreja e todo mundo olha pra trás. (Nívia: “Olham por quê? Por causa da sua roupa?”) Por causa da minha roupa e por causa que eu, também, muita vezes... Porque todo mundo me conhece. Todo mundo sabe meu pensamento. E as pessoas, assim, já sabem, ficam meio assim... Tem mães que falam: “Cuidado com quem você está andando.”. Acham que eu sou um perigo. Mas, na verdade, não é não. É mais fácil eles me levarem para o mau caminho do que eu levar os filhos deles. (Ana Carolina, 16 anos)

O mercado de trabalho também impõe suas regras e estabelece seus princípios. Por conta disso, a aparência ainda tem um peso significativo na hora de efetivar uma contratação. Os padrões preestabelecidos socialmente ditam as normas do certo e do errado, do bem-visto e do malvisto. Dos dez adolescentes entrevistados, Daiane, Ana Carolina, Breno, Gustavo e Luciano afirmaram já ter experimentado essa situação, enquanto os demais revelaram em suas entrevistas que compreendem a necessidade de mudar sua aparência, sua forma de vestir quando forem procurar emprego, pois sabem da dificuldade de aceitação de seu visual de membros da tribo *EMO*. Como exemplo, Daiane contou sua experiência:

Eu sinto até dessa parte do emprego, do trabalho. Quando você vai procurar um trabalho, a pessoa já te olha assim, porque tem aquele ditado: “A primeira impressão é a que fica.”. Aí, quando você vai no estilo, mais assim, a pessoa fica assim: “Essa pessoa não deve ter respeito, não deve ser comportada, não deve seguir as regras da empresa.”. Aí, fica naquela coisa, assim... Até descarta. Até na hora de tá fazendo a entrevista, a pessoa já diz que não. Faz mesmo só pra dizer que fez. Mas, na parte do emprego, existe cobrança com qualquer estilo. Assim, se a pessoa for com brinquinho, com piercing, qualquer coisa, assim, já tem aquele preconceito. Tanto que minha mãe não deixa eu colocar nem um tipo de piercing por causa desse negócio de emprego. Porque a gente tá procurando emprego. Ela disse que isso ajuda muito a pessoa a não contratar. Tanto que eu já furei aqui, mas tirei. (Daiane, 15 anos)

Os adolescentes pesquisados unanimemente afirmaram ser cobrados para estudar, tendo em vista que o futuro depende do quanto se dedicam a seus estudos no presente. Também relataram ser cobrados no que tange à sua orientação sexual, como afirmou João, porém, acrescentando que, apesar de concordar com um pouco de cobrança, acredita que o exagero causa sofrimentos. Ele lembrou que a adolescência está diretamente relacionada com a maturidade e que o homem demora mais para amadurecer.

Tem, tem muita cobrança. Meu pai e minha mãe me cobram muito. Ainda mais com esse negócio do vestibular agora, de eu ter que estudar, de eu ter que, éééé... tentar fazer alguma coisa. Porque tem aquela cobrança de que a adolescência já acabou, que eu tenho de tomar outro rumo. Eu ainda não penso assim. Eu acho que ainda tem muita coisa pra viver. Eu acho que a adolescência acaba com o que? Com uns 25, 26 anos? Ainda mais pra homem, né? Porque homem amadurece muito mais devagar. Eu acho que não deveria ter tanta cobrança assim. Eu sei que é

necessário, porque se não tiver a cobrança, você sai da linha e só faz burrada. Você não pode viver solto, mas também cobrar menos. Meu pai e minha mãe cobram muito de mim as coisas. Teve uma época, um ano atrás, essa coisa de homossexualidade, essa coisa assim... Nossa! Teve época que eu achei que eu ia morrer de tanto que meu pai e minha mãe me cobraram, me reprimiram. (João, 17 anos)

Pertencer à tribo *EMO* também provoca cobranças, principalmente pela estética. Isso ficou claro na fala de Breno quando este revelou que, além de sua família não concordar com o estilo estético da tribo, eles ainda a confundem com o uso de drogas. Sendo assim, para evitar problemas maiores com a família, mas ainda manter-se dentro do estereótipo da tribo, ele optou por se arrumar na rua, levando na mochila roupas e maquiagem.

Minha mãe não concorda, minha avó não concorda, ninguém da minha família concorda com isso. Tem um tio que, quando vai na minha casa, ele fala: "Você é punk, você é gay, você é o que?". Aí, eu fico calado, porque eu não gosto. Fico até constrangido com a pergunta. Mas, digo pra ele pesquisar e saber o que é, porque não adianta a gente explicar. Explica, explica e sempre tá errado. Minha avó, por ser muito antiga, não compreende... No começo, até invadiam minha privacidade. Entravam no meu quarto escondido e mexiam nas minhas coisas, procurando drogas. Porque eles sempre têm a impressão que está envolvido com drogas. Mas, não é nada disso! É só um estilo! Quando eu queria sair com essas roupas, com essas coisas mais exageradas, aí tinha que sair escondido, por causa que não aceitavam. Aí, eu me arrumava na rua e levava minhas coisas na mochila. Eles falavam muito do cabelo. Minha avó falava: "Que cabelo diferente! Homem tem de usar cabelo curto e tem de sair direitinho...". (Breno, 16 anos)

Vigotski (2008) ponderou que, ao significar o mundo e o outro, o sujeito se apropria das relações sociais e dos sistemas culturais internalizando-os, tornando-os seus e dando sentido próprio a eles. Nesse movimento, o sujeito tem acesso aos instrumentos e aos sistemas de signos que subsidiarão o desenvolvimento de suas atividades culturais e de seu pensamento, permitindo a ele estruturar a realidade. Ao possibilitar o contato sistemático e intenso dos sujeitos com os sistemas organizados de conhecimento, a família e as outras instituições servem como mediadores entre o adolescente e seu processo de desenvolvimento.

Assim, por meio das relações sociais, cada sujeito apropria-se dos significados sociais e, partindo disso, produz seus próprios sentidos pessoais. O caráter ideológico dessa produção decorre do fato de que a sociedade produz significados que expressam interesses concretos, definidos historicamente pela contradição de classes e, por esta razão, o sujeito fica submetido a se adequar a este contexto social de classes. Quando na singularidade da adolescência e no processo de desenvolvimento da consciência o adolescente resiste em reproduzir o modelo social, negando os significados sociais predominantes, sofre pressões e cobranças que o impelem a consolidar as realidades proclamadas (GONÇALVES, 2003).

Todo esse processo é envolvido por uma carga de emoção, que gera conflitos, incertezas e solidão, vividos pela adolescência. No entanto, na tribo *EMO* em particular, pelo fato de seus membros terem mais facilidade de expressar seus sentimentos, fica acentuado este aspecto, como poderá ser verificado no próximo subtema.

2.4 Adolescência é tempo de conflitos, incertezas e solidão

À medida que as sociedades se tornaram mais complexas, o período da adolescência também se estendeu, gerando nos adolescentes conflitos, vez que os indivíduos ficaram sujeitos aos mecanismos mais aprimorados de uma socialização coercitiva e funcional: “[...] a ‘socialização’ de mais indivíduos, grupos humanos, povos, arrasta-os para o contexto funcional da sociedade” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 99). Conforme enunciaram Adorno e Horkheimer (1985, p. 40), existe uma falsa individualidade resultante da dominação que gera a

[...] alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. [...] O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas.

Nesse sentido, esta sociedade capitalista, em que os sujeitos desta pesquisa estão inseridos, tendo como apoio a indústria cultural, administra e unidimensional, quase sem oposição, os indivíduos, que só se identificam consigo mesmos, com seus valores e seus padrões preestabelecidos, pois assim

[...] que englobam todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltaria a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47).

Como afirmado anteriormente neste trabalho, as tribos urbanas na contemporaneidade não lutam por ideal político ou social, mas ainda necessitam de reconhecimento em sua coletividade e individualidade (ARAÚJO, 2003). Não obstante, quando se sentem diluídos na totalidade social, os membros das tribos se unem, criando seus códigos e ritos em busca de um espaço social que lhes tem sido negado, o que gera conflitos, inseguranças e medos.

Para Horkheimer e Adorno (1973), o indivíduo não é um átomo e nem deve ser diluído na totalidade social. Ao contrário da contradição entre indivíduo e sociedade,

Horkheimer e Adorno (1973, p. 52) reiteraram que o indivíduo em busca da autoconsciência da individualidade entra em contato com a consciência social, porquanto tem “[...] autoconsciência da singularidade do eu, que não basta para fazer, por si só, um indivíduo, é uma autoconsciência social”. Com esta afirmação, os autores sugeriram que é somente na relação de um indivíduo com outro que surge a autoconsciência e “[...] nessa relação de uma autoconsciência com outra, o indivíduo surge como nova autoconsciência, do mesmo modo que o universal, a sociedade como unidade das mônadas¹¹ só se manifesta na medida em que ‘o eu somos nós e nós o eu’.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 52). Dessa maneira, ao afastar de si o indivíduo, a sociedade burguesa anula o único sujeito capaz de criticá-la e de lhe fazer oposição.

O adolescente imerso nessas questões, bem como na tentativa de se constituir enquanto ser social e individual, encontra maneiras de produzir sentidos subjetivos a partir dos significados que lhes são dados pela sociedade e, por meio da subjetivação, busca dar sentido à sua participação nesta sociedade.

Vigotski (2008) asseverou que o sujeito constitui sua subjetividade por meio de suas vivências sociais e culturais e, para tal, se faz necessário entender os signos, a linguagem, a fala e a palavra expressos/codificados pelo sujeito, o qual, ao fazê-lo, lança mão de um sistema organizado socialmente e historicamente, fazendo-o por intermédio da subjetivação.

Na concepção de Molon (2003), a subjetividade que se realiza no sujeito não é um estado estático, nem abstrato e imutável, pelo contrário, é permanentemente constituinte e constituída pela subjetivação. Logo, o processo de subjetivação exige sempre do sujeito construções de novos papéis pessoais e sociais, os quais, em sua subjetividade, ressignificam novos modos de participação social. Esse processo é complexo e, por vezes, provoca instabilidades afetivas, expondo o adolescente à condição de vivenciar conflitos.

Os adolescentes *EMOs* participantes desta pesquisa trouxeram em suas falas experiências em que se sentem assim, revelando a valorização das emoções e dos sentimentos, afirmando que não há problema em ouvir uma música e ficar mais melancólico, ou mesmo se permitir vivenciar momentos de introspecção. Os participantes também

¹¹ Mônada é um conceito-chave na filosofia de Leibniz, que significa substância simples. Do grego, se traduz por único, simples. Heidegger (1979 apud BONNEAU, 2009, p. 131) esclareceu que “O que Leibniz entende por mônada engloba como que em si todos os significados gregos fundamentais: a essência da substância consiste no fato de que ela é mônada.”. Esse argumento revelou que uma pesquisa pelo ente na sua substancialidade e unidade ontológica encontra em Leibniz toda a herança da reflexão filosófica grega sobre a essência e a natureza das coisas. Heidegger (1979 apud BONNEAU, 2009, p. 131) ainda comentou que “[...] mônada é o elemento unificador simplesmente originário que previamente individualiza e separa.”.

declararam que, ao revelar esse sentimento à sociedade, nem sempre são compreendidos e sentem a pressão social por serem diferentes do que está posto.

Alguns relatos dos adolescentes pesquisados retratam bem essa realidade, como esta fala de Márcia:

No grupo EMO, as músicas são muito massa, porque é um rock mais leve, mais romântico. É muito legal, porque é uma coisa que você expressa seus sentimentos sempre. Eu, no caso, não me importo que as pessoas me vejam chorando. É uma coisa que eu não estou nem aí pra isso. (Daiane, 15 anos)

Pelas falas dos sujeitos pesquisados, pôde-se perceber que, na sua totalidade, eles vivem momentos de dúvidas e incertezas quanto aos significados sociais a que estão expostos. A inexperiência diante de situações novas, da sexualidade, da necessidade de autoafirmação geram ansiedades e, reiteradas vezes, trazem sofrimentos, que podem provocar tanto a solidão quanto uma busca por pertencer a uma tribo urbana. Esses sentimentos, somados ao medo do “novo” caminho a ser percorrido, podem ser compreendidos tanto de maneira positiva, quando proporcionam crescimento ao sujeito, quanto de modo negativo, quando este se sente inadaptado, possuidor de sentimentos de rejeição de si mesmo e do mundo que o cerca, direcionando-se ao egocentrismo e à autopiedade, culminando, algumas vezes, na autodestruição, como Daiane expôs tão claramente:

Muitas vezes, eu me sinto sozinha em casa desde que eu acordo até a hora que eu vou pra escola. Eu fico completamente sozinha. Eu gosto de ficar sozinha. É bom pra pensar, é bom pra escrever, até chorar. Ah! Eu fico superpensativa. Eu fico... sei lá! Às vezes, bate uma vontade de sumir. Agora, quando eu tô com alguém, não! Fico superalegre. Tenho as vontades que todo mundo tem... Tipo, sei lá! De tomar um monte de remédio pra entrar em coma ou de: “Ah! Vou tomar uma garrafa de vodka e entrar em coma alcoólico pra ver se alguém se importa comigo.”. Mas é pra chamar a atenção. (Daiane, 15 anos)

Daiane falou do sentido atribuído por ela aos seus conflitos, expondo uma necessidade de se sentir percebida. De acordo com Vigotski (2007), o sujeito precisa do reconhecimento do outro para que possa se reconhecer como sujeito de sua história, quando da conversão das relações interp psicológicas em relações intrapsicológicas. Sendo assim, o desejo de “chamar a atenção”, para Daiane, perpassa pela necessidade de autoconhecimento e do conhecimento do outro como diferente do eu. Para atingir esse objetivo, alguns dos membros da tribo *EMO* bebem muito ou até praticam a automutilação com objetos cortantes, principalmente gilete, ou se queimam com cigarros, justificando esses atos de várias maneiras, tanto para marcar um momento feliz, que gostariam que fosse eternizado, quanto para minimizar os sofrimentos do momento, quando o sofrimento físico ocupa o lugar do sofrimento emocional.

[...] eu tenho um queimado aqui. Um “S”. Sei lá! É bom e ruim. Assim, é bom quando eu fiz. Foi porque eu queria marcar aquele momento que foi muito “massa”. No meu grupo, isso é tratado internamente. (Daiane, 15 anos)

O tema da automutilação é compreendido pelos *EMOs* como algo que a tribo faz, mas que eles se incomodam de revelar. No grupo focal, essa questão provocou polêmica quando Daiane afirmou que se automutilou para marcar um momento feliz. Imediatamente, Leide a contestou, afirmando que essa razão é inadequada, porquanto compreende a automutilação apenas nos momentos de tristeza:

Pra mim, automutilação é mais tristeza. Tipo, o dia que você tá triste, é o dia que aconteceu uma coisa que fez doer muito... Pra mim, é assim. É uma forma de você desestressar. Você quer tirar aquela dor. Então, se cortando, você meio que esquece um pouco da dor. É uma coisa que, na verdade, nem doi tanto. Tipo água gelada no corpo. Depois, esquece. Eu já me cortei com gilete. Já faz um tempo que eu já parei com isso, porque minha cabeça mudou muito. Se as coisas continuarem como estão, não faço. Mas, se acontecer algo... Agora, pra marcar momentos de alegria, melhor tirar uma foto, ou sair com uma melancia no pescoço. [risos] (Leide, 15 anos)

As falas dos sujeitos sobre esse tema são um pouco contraditórias, pois uns afirmaram não concordar com essa prática, outros que já fizeram, mas não fazem mais. Porém, depois, confessaram que, se houver momentos de sofrimento novamente, podem repetir esse ato. William revelou isso em sua entrevista, deixando transparecer uma banalização com seu corpo quando declarou que cortou uma coisa que não era importante, que esse tipo de corte não é profundo e, portanto, não causou danos maiores:

Automutilação? Eu também fazia isso. Parei. É que, tipo, às vezes, a gente tá triste, nervoso, e isso, pra gente, acalma. Porque, assim... Na vida, há pessoas diferentes. As pessoas julgam muito. Então, aí, a gente não manda de volta. Vai passando o tempo e a gente só vai acumulando. Aí, quando acontece alguma coisa a mais no dia, a gente fica nervoso. Aí, é onde a gente chega em casa e sente vontade... Já fiz com gilete. Fazia mais pra acalmar. Sangra. Só que não é muito, não. Normal... Como se fosse cortado... Como se estivesse cortando uma coisa que não era importante. Também é superficial. (William, 17 anos)

A automutilação não deve ser compreendida como naturalizada, porquanto um complicador para entender a adolescência como fase é a dificuldade de reconhecer o sofrimento psíquico, que pode se apresentar como sintomas, como depressão, autoestima baixa, fobias, síndromes, entre outras. Em sua fala sobre automutilação, William apresentou características de normalidade, o que leva à reflexão sobre as causas que motivam as autoagressões. O sofrimento psíquico pode gerar comportamentos autodestrutivos em qualquer momento da vida. Entretanto, Vigotski (1996) afirmou que, na adolescência, as emoções e a afetividade assumem um caráter de necessidade, influenciando o funcionamento integral do sujeito e, quando satisfeitas, geram outras necessidades, as quais se organizam sob

emoções já existentes. Contudo, quando isso não ocorre satisfatoriamente, surgem os sintomas que provocam sofrimentos psíquicos.

Consequentemente, é importante compreender o discurso oculto da fala dos sujeitos pesquisados sobre a automutilação, pois este comportamento revela os conflitos, as angústias e o sofrimento psíquico que os adolescentes vivenciam e que influenciam no desenvolvimento da personalidade e no modo de agir destes sujeitos.

Além da automutilação, existe uma afirmação da sociedade que define os membros da tribo *EMO* como suicidas em potencial, vez que apresentam características de comportamento mais emocionais, como chorar ou demonstrar carinho explicitamente em público. Quando perguntados sobre o que pensam a esse respeito, os dez participantes deram respostas muito semelhantes. Todos relataram que, embora pensem nisso algumas vezes, não teriam coragem de fazê-lo, e que é comum qualquer pessoa se sentir assim de vez em quando. Por conseguinte, isso não seria uma marca da tribo *EMO*. Márcia atestou isso em sua fala:

Acho que é assim: se a pessoa quer se matar, ela vai lá e pula de uma ponte na frente de um caminhão. Mas, se não, ela não deve ficar falando que vai se matar. Isso é fazer drama. Agora, pra mim, se a pessoa tem um problema psicológico que leva a pessoa a fazer isso, por exemplo, depressão, é até meio explicado. Agora, eu acho também que é um desperdício, porque a pessoa já teve momentos felizes e só porque está tendo momentos tristes não tem porque fazer isso. Não vai ficar triste pra sempre, sabe? Eu já pensei nisso quando eu tava muito mau mesmo, mas só pensei. (Márcia, 15 anos)

Luciano reafirmou essa mesma opinião a respeito do suicídio:

Ixiiii! [risos] Suicídio seria a última opção para alguma coisa que acontece, tipo... acontece uma coisa, assim, que você pensa: "Agora é o fim. Não dá mais. Já era tudo.". Aí, eu pensaria, mas não sei se teria coragem de fazer isso. (Luciano, 17anos)

Embora as falas dos sujeitos pesquisados confirmem que os membros da tribo *EMO* não são suicidas em potencial e que o suicídio deve estar relacionado com a adolescência em geral, a prática da automutilação, a ênfase que estes adolescentes atribuem à emoção e o modo como lidam com seus sentimentos apresentam significados sociais contraditórios às suas falas, levando à dedução de que estas são falas reproduzidas socialmente e que não estão relacionadas às práticas vivenciadas pela tribo.

A incerteza entre duas forças antagônicas, provocada pelo desejo de independência e o medo, ou a impossibilidade de assumir as responsabilidades do mundo adulto, revela pensamentos ambivalentes no adolescente. Ao se relacionar com seu meio social, essa incerteza provoca confusões e conflitos, gerando, entre outros sentimentos, o desejo de isolar-

se ou de se sentir só. Absorto, em meio a suas indagações, Breno falou da solidão que sente mesmo estando entre outras pessoas:

Solidão? Assim, eu posso... Tipo, você pode estar acompanhado de muitas pessoas e sentir falta de apenas uma, né? Aí, é solidão! Tem vezes que tô com a turma, assim... Por um lado, assim, eu fico triste. Aí, eu vejo aquele tanto de pessoas e me sinto sozinho. Fico lá, no canto, só pensando. Aí, tem outras vezes que tô só mesmo pensando nas pessoas que eu não vi. Eu fico sentado em algum lugar, pensando. Aí, depois, vêm músicas... Aí, começo a escutar música também... Abstrair... Mas, solidão, pra nós, é quando tá sozinho mesmo... A gente começa a querer ir pra trás... (Breno, 16 anos)

Levy (2001) considerou o isolamento como uma instância de refúgio psíquico, a qual pode servir para organizar os sentimentos do adolescente, promovendo amadurecimento ou levando-o a se entregar à solidão e ao abandono.

Em sua fala, João demonstrou sua tentativa de subjetivar a solidão por ainda não ter encontrado um amor. Buscando significar esse conteúdo, dando sentido à sua emoção, ele revelou que escreve para tentar lidar de forma produtiva com o sofrimento de estar só:

Sinto muita solidão. Eu escrevo. Eu tenho planos de fazer livros, de escrever, de viver disso. E eu escrevo histórias. Eu me sinto muito sozinho, muito à parte. Por causa disso, sabe, que eu acho que eu nunca me apaixonei. Eu acho que eu tenho vontade de viver essa experiência, de saber como é desesperar por uma pessoa, e tal. Eu nunca senti isso. Aí, eu acho que é por isso que eu me sinto muito sozinho. Aí, eu escrevo o que penso. Invento história de relacionamento, umas coisas assim. (João, 17 anos)

Gonçalves (1999) assinalou que outra maneira de lidar com a solidão, controlar a ansiedade e diminuir a insegurança de forma positiva é fazer parte de uma tribo urbana, porquanto, ao se identificar com os membros de sua tribo, os sujeitos se sentem acolhidos e compreendidos, amenizando conflitos provenientes de baixa autoestima, de falta de confiança em si mesmos, entre outros. Daiane sempre busca seus amigos da tribo quando se sente rejeitada ou quando sente solidão, pois, assim, se sente melhor.

Ah! Eu sinto solidão. Eu odeio isso! Odeio me sentir sozinha em casa. Ah! É tão ruim! Eu me sinto rejeitada de tudo. Parece que o mundo explodiu e eu estou sozinha. É ruim... Aí, eu tento ligar pra qualquer pessoa que eu ver na agenda telefônica. Eu saio de casa pra ver se eu encontro alguém. Eu faço de tudo pra me encontrar com alguma pessoa, porque eu não consigo ficar sozinha. Às vezes, eu até converso com meus sobrinhos, meus primos, que eu não gosto. [risos] (Daiane, 15 anos)

Ana Carolina apontou o lado bom de ficar sozinha, de buscar isolamento, de chorar de vez em quando, salientando que busca contato consigo mesma, afirmando que o ideal é o equilíbrio entre festas, shows e momentos de introspecção.

Sim. Tem um livro de Paulo Coelho, a Bruxa de Porto Belo. Lá, ensina a amar a solidão. Às vezes, é bom ficar sozinho. Eu, A. C., eu amo ficar sozinha. Eu amo chorar de vez em quando sozinha, soluçar. Eu falo assim, depois de três dias de festa, eu prefiro ficar um mês dentro de casa. Depois de uma rave, um show, uma festa, eu prefiro ficar uma semana dentro de casa sem ver ninguém. Não me chamem, não me liguem. Eles já sabem disso. Durante a semana, eles não me ligam. E é isso! Eu sinto solidão, não só com os amigos, mas também com a família, e eu gosto disso. Eu gosto de ficar, assim, um tempo. Depois, eu começo a reagir... (Ana Carolina, 16 anos)

Marques (1996) esclareceu que quando o adolescente se coloca fora do seio familiar, enquanto busca nos colegas e nos ídolos modelos que passam a ser referências importantes para ele, está em busca de uma autonomia por meio da qual possa se constituir enquanto sujeito, legitimando suas subjetividades e seus sentidos em contraponto aos significados sócio-históricos. Horkheimer e Adorno (1973) assinalaram que, se por um lado, um modelo social capitalista arrasta o sujeito para um contexto funcional, alienando-o conforme os padrões preestabelecidos de uma totalidade, por outro, este indivíduo deve lutar contra a diluição do seu eu, buscando a autoconsciência de sua singularidade, mesmo que isto lhe provoque medo de ficar sozinho e de entrar em contato consigo mesmo, porquanto o universo interno, por vezes ainda desconhecido, gera sentimentos de incerteza e insegurança.

De acordo com Molon (2003), esse movimento do sujeito em busca dos sentidos, da autonomia e da singularidade está intrinsecamente relacionado a novas descobertas, tendo como base a subjetividade em busca do outro, do eu, dos saberes e dos poderes. E nessa relação dialética, permanentemente constituinte e constituída pela subjetivação, é que os adolescentes da tribo *EMO* têm significado a adolescência também como tempo de descobertas e desafios, como se verificará a seguir.

2.5 Adolescência é tempo de descobertas e desafios

As falas dos adolescentes pesquisados estão carregadas de sentidos que eles atribuem à adolescência como tempo de descobertas e de se achar. Embasada na teoria sócio-histórica, Rosa (2003) enunciou que o homem, pautado em sua cultura, suas relações sociais, suas experiências materiais de suas atividades interativas está sempre construindo novas configurações subjetivas e novas formas de significar a si mesmo e ao outro. Sobre o tempo da adolescência, Luciano destacou que:

Adolescência é uma fase de se achar. Sei, porque eu já fui tudo. [risos] Mas, quando eu me achei, eu posso dizer que tô feliz, entende? A procura da felicidade,

assim, acho que a adolescência é isso, é a procura do seu “eu”. E nisso, você passa por muitas tribos, passa por muitas coisas, até achar uma coisa que você se sinta bem. (Luciano, 17 anos)

William também traduziu esse significado sobre a adolescência em sua fala:

É a fase que se pergunta: “Quem sou eu?” [risos] A cabeça é voltada pra todas as outras coisas à procura de uma coisa que você se encaixa. Isso é adolescência pra mim! (Nívia: “Fase de perguntas?”) É. Perguntas e conhecimento de outras coisas. É a busca de quem você é. (William, 17 anos)

Ana Carolina entende a adolescência como um período para tecer seus projetos existenciais e transformar o seu lugar na realidade social, tendo como base uma busca de novas ideias, novos sonhos, novas opiniões. Não percebendo o momento de transição da adolescência para a idade adulta, manifestou o desejo de permanecer adolescente pelo resto de sua vida, afirmando ser este um tempo de fortes emoções, de grandes contrastes, durante o qual é permitido vivenciar muitas possibilidades.

Ao discorrer sobre as emoções, González Rey (1999) postulou que estas fundamentam a constituição das necessidades humanas, ao mesmo tempo em que são por estas constituídas. Ana Carolina expressa suas necessidades pelas emoções, que estão constantemente em desenvolvimento. Os motivos dão sentido às necessidades humanas, enquanto, simultaneamente, interferem no modo de atender estas demandas. Portanto, a compreensão acerca dos motivos presentes nas vivências e nas ações dos sujeitos permite apreender os seus sentidos subjetivos. Em consequência, o processo de construção de uma subjetividade individual e social implica, para o sujeito, responder perguntas, buscar sua independência, fazer escolhas, assumir papéis, descobrir novos sentimentos e novas relações interpessoais, entre outros. Em sua fala, Ana Carolina resumiu a adolescência como época de muitas possibilidades:

Adolescência é um período de novas experiências, de novas coisas que vão surgindo, novos sonhos, novas ideias, novas opiniões. Acho que entre a fase da infância, adolescência e adulta, eu prefiro a adolescência. Acho que eu vou ser adolescente para o resto da minha vida. Mesmo tendo meus 40, 50 anos, eu vou ser adolescente. Sonha muito... É coisa bem sonhadora. Já fiz isso muito e, às vezes, me decepcionei pra caramba e, às vezes, aconteceu o que eu queria. É um período que nem eu falei, de sonhos, de novas conquistas, de novas coisas que estão acontecendo com você. Às vezes, você ama; às vezes, você odeia. (Ana Carolina, 16 anos)

Conforme preconizou Santos (1996), na atualidade, não há ritos claros de passagem da infância para a adolescência e tampouco desta para a vida adulta não havendo fronteiras etárias definidas, as quais estão afrouxadas, possibilitando uma adolescência interminável.

Sem essas referências para facilitar esse processo de transição, o adolescente sente necessidade de experienciar, de descobrir e desafiar o que está posto sócio-historicamente, com o propósito de testar seus limites, a fim de descobrir seu lugar social e individual.

Leide também indicou que esse momento de descobertas é carregado de motivos sobre a necessidade de construir alicerces para seu futuro.

Uma fase que a pessoa tá passando da fase de criança pra adulta e você aprende praticamente o que você vai usar a sua vida toda. E você faz sua base, seu alicerce, você forma seu caráter. (Leide, 15 anos)

As drogas também estão inseridas neste universo de descoberta. Entre os vários fatores que levam os adolescentes a usar drogas, como grupos de amigos, acesso fácil a estas substâncias e modismos, os conflitos e a curiosidade de experimentar novas sensações são as razões preponderantes que os levam a fazer uso de drogas tanto lícitas quanto ilícitas (DE MICHELI, 2000; MENEZES, 2000).

Assim, todos os adolescentes pesquisados afirmaram já haver usado bebidas alcoólicas e cigarro, em um primeiro momento, por curiosidade e para experimentar. João, Leide, Gustavo, Ana Carolina, William e Luciano já usaram maconha, mas declararam que não usam mais. Daiane e Breno afirmaram que ainda usam maconha, oito deles ainda fazem uso de álcool e cigarro, apenas William contou que usa somente cigarro e Leide afirmou não usar mais nenhum tipo de droga.

Ana Carolina comentou sobre o uso de drogas na tribo *EMO*, pontuando que, como todas as tribos do rock, eles também fazem uso destas substâncias, embora utilizem principalmente a bebida alcoólica, o cigarro e a maconha:

Olha, em grupo, tem os que usam, tem os que não usam e tem os que querem experimentar. Não vou falar que não usam drogas, porque realmente usam. É impossível em uma tribo de rock as pessoas não usarem. (Nívia: “Mas na tribo EMO a maioria usa?”). Mas, a maioria, a droga mais usada, que eu vejo frequente lá é cigarro e maconha. São as que mais usam. E álcool. Álcool é exageradamente. Se a gente vai pro Vaca Brava, pode ter certeza que é pra beber. Mas tem os que não usam. Conheço gente que não usa nenhum tipo de droga. Tem gente que usa só o cigarro. Conheço gente que usa os dois e tem gente que usa só a maconha. É uma coisa, assim, supernatural no meio deles. Tem gente que chega e diz assim: “Você tem um back?”. No EMO, usa droga sim. Maconha mais dificilmente. Eu acho que é a tribo do rock que menos usa. Mas bebida e cigarro, usa muito. Quando vai pro show, aí usa. Usa papel, bala, ecstasy, que são drogas que você usa na língua e dança a noite toda sem parar, 13 horas, 12, depende da quantidade que você tomar. (Ana Carolina, 16 anos)

A partir da fala de Ana Carolina, percebe-se que há uma preocupação em afirmar que as principais drogas utilizadas pela tribo são as bebidas alcoólicas e o cigarro, tendo em vista

que estas são lícitas e socialmente aceitas. A psicologia social aponta que, para abordar o fenômeno do uso de drogas, é necessário considerar o contexto sócio-histórico no qual o indivíduo está inserido. Lima (2008) relatou que dois aspectos emergem desse tema: o primeiro, revela as questões intersubjetivas que conotam um fetiche no uso de drogas, atribuindo a estas um poder de dominação sobre os indivíduos, reduzindo seu usuário a simplesmente mais um dependente de drogas; o segundo, revela um caráter emancipatório, se o uso de drogas for significado como reivindicação de mudança da realidade posta socialmente. Os sujeitos pesquisados expuseram em suas falas, como primeiro aspecto acerca deste tema, uma preocupação, porquanto se justificam afirmando que a maioria dos membros da tribo *EMO* faz uso de drogas lícitas, sugerindo que estes temem ser estigmatizados como usuários de drogas.

Assunção, Oliveira e Camilo (2003) argumentaram que se percebe nesse discurso a necessidade que os adolescentes têm de se justificar, reiterando que não estão fazendo nada de errado, que isto não pode ser entendido como contravenção. Portanto, não são maus indivíduos, porque o mal advém do outro, de fora, do estrangeiro, dos membros de outras tribos. Consequentemente, o ponto em destaque é a dimensão moral da compreensão dos entrevistados em relação à posição social que ocupam, tanto individualmente quanto em grupo, vez que demonstram ser importante que se protejam enquanto tribo e que conservem sua unidade interna.

Breno observou que a “filosofia” que norteou originalmente a tribo *EMO*, composta por pessoas mais sensíveis, que são contra tudo que possa prejudicar a si mesmos e aos outros, não aprovava o uso de drogas ilícitas ou lícitas. Contudo, a tribo foi crescendo, evoluindo, descobrindo e agregando novos valores. Então, atualmente, os membros da tribo usam muito álcool, cigarro, um pouco de maconha, entre outros tipos de drogas:

Eu penso... A droga, pra mim, assim, é normal. Mas, também é prejudicativa. Dentro do grupo, muita gente usa. Aí, a gente acaba usando também, pelo fato de tá perto dessa pessoa. Mas, pra mim, é ruim. Eu pensei que não existisse no grupo EMO. Até na teoria do EMO, é contra as drogas. Contra as drogas, contra o álcool... Mas, hoje em dia, as coisas vão mudando, né? Quando surgiu, foi isso. O EMO é uma coisa sensível, que é contra a droga, contra o álcool, qualquer coisa que pode prejudicar a pessoa e as outras pessoas. Mas, com o tempo, foi desenvolvendo, desenvolvendo... No grupo, tem o álcool, que é muito usado, muito usado mesmo. Tem a maconha, tem os lança-perfume. Quando vão pra festa, usam aquelas pílulas. Eu nunca usei. Só usei a maconha, mesmo, uma vez. De vez em quando, quando dá vontade, aí você usa. Mas, aí, tem o álcool, a droga que injeta... (Breno, 16 anos)

Sendo assim, o uso das drogas é mais uma instância que possibilita aos sujeitos pesquisados acesso a descobertas e a novos significados sociais sobre a adolescência, pois, de acordo com as falas dos sujeitos pesquisados, o seu uso não é obrigatoriamente uma marca da adolescência, sendo usada pela maioria, mas não por todos, ainda havendo a possibilidade de escolha do tipo de droga a ser consumida. Ao revelar que preferem as drogas lícitas, reafirmam a importância da aprovação social neste quesito.

Nesse cenário, pode-se entender que a categoria “tempo de descobertas” para os adolescentes da tribo *EMO* está alicerçada no processo em que o mundo objetivo é convertido em subjetivo, configurando-se, assim, como algo novo e necessário para que as significações históricas e sociais se materializem, possibilitando o contato com o mundo exterior e, concomitantemente, com a própria consciência, por meio da subjetivação.

O núcleo de significação “desafio” traz em seu bojo a necessidade que os adolescentes desta pesquisa mostraram de ser possuidores de coragem para enfrentar seus medos, inseguranças e dúvidas, quanto às suas emoções, sexualidade, escolhas e significados. Ao participar de uma tribo, neste caso a tribo *EMO*, que na atualidade tem sido tão questionada socialmente, há de se estar preparado para enfrentar desafios, quer seja no âmbito social, familiar ou pessoal, que colocam o indivíduo à prova cotidianamente. Os adolescentes pesquisados demonstraram gostar de desafios e, por vezes, atribuíram características positivas a estes momentos. Em sua fala, Leide significou que o fato de ter de enfrentar o desafio do olhar do outro a fez lidar com a vergonha e com o julgamento das pessoas de forma construtiva:

Eu sinto, na verdade, que a minha cabeça é assim, que toda pessoa... que toda pessoa deveria passar por isso. Por ser EMO. Porque, quando você é EMO, muitas vezes, a pessoa entra no grupo e... e, na verdade, começa a ser EMO. E então, você acaba descobrindo muitas coisas, passando por muitas experiências. E tipo... tipo, você entrar em um shopping e todo mundo olhar pra você... Tipo, você acaba parando de ter vergonha de se mostrar, de fazer coisas que você gosta por causa das pessoas. Acho que esse é o lado bom, de você poder fazer coisas sem medo, sem medo de nada. (Leide, 15 anos)

Ana Carolina narrou que pertencer à tribo *EMO*, que exalta o diferente e contempla a diversidade, passa a ser, na prática, um desafio diário, o qual dá medo, mas que, ao mesmo tempo, é atraente.

Desafio. É um tipo de desafio que você tem medo daquele desafio, mas você quer. Tipo assim, você tem medo do perigo, mas vai atrás. Acho que é isso. Tipo assim, você saber que tudo que você vai passar, lá dentro da tribo, ainda vai ser pior. Você tem que viver isso. É preciso. Eu uso uma frase muito interessante: “Eu

prefiro fazer e me arrepender do que me arrepender de não ter feito.”. É isso. (Ana Carolina, 16 anos)

Mais do que isso, na próxima fala de Ana Carolina ainda pode-se notar como essa construção ocorre em um movimento de contradição: a relação desta adolescente com o olhar da sociedade e as questões produzidas nestes encontros permitem ressignificações de algumas vivências, sentimentos, sentidos que se configuram em sua subjetividade.

(Nívia: “Você está desafiando o que ou quem?”). A sociedade, o jeito de olhar da sociedade, o friozinho na barriga que dá nela. Quando tem uma criança, já puxa a criança para o lado, sabe? (Nívia: “Vocês acham que ameaçam a sociedade ou passam essa sensação?”) É isso. (Nívia: “E isso é bom? Essa sensação?”) A sensação não é boa, mas é o jeito de olhar a gente que ameaça. Como eu posso falar? Eu vendo uma mãe querendo proteger um filho, eu fico meio assim: “Putz, véio! Eu só sou só uma pessoa normal.”. Mas, depois, eu vejo, aí, ainda bem que ela está reconhecendo. Só faltou ver o que é realmente esse grupo. Que a gente gosta de ser conhecido, mas a gente gosta também de que as pessoas ééé... saibam que realmente nós somos, sabe, tipo... Eu acho que você andar na rua, você não vai olhar com discriminação para o grupo EMO. Você vai olhar e saber o que é. Acho que as pessoas estão precisando saber isso pra depois criticar. Fora o que a mídia fica fazendo aí, que às vezes não dá certo. (Ana Carolina, 16 anos)

Quando Ana Carolina assumiu que gosta de desafiar “o jeito de olhar” da sociedade, que gosta quando tem uma criança e a mãe a puxa para o lado para protegê-la, ao mesmo tempo em que produziu um sentido de incompreensão do seu “eu”, deixou transparecer uma sensação de reconhecimento enquanto tribo e também de poder. Nessa fala de Ana Carolina, percebe-se que as emoções são expressões de suas necessidades de ser reconhecida e notada como membro da tribo *EMO*. No entanto, os sentidos atribuídos por ela a esse episódio extrapolaram os sentidos individuais quando afirmou que a tribo, na totalidade, manifesta também o mesmo desejo, demonstrando, assim, que existem motivos que justificam a necessidade que a tribo *EMO* tem de manter uma estética diferente.

Outro desafio imposto ao adolescente é o pessoal, sendo este um processo subjetivo que tem relação direta com a autoestima, pela significação da autoimagem. Diante dessa realidade, os conflitos são inevitáveis, mas sempre encarados como desafio. Gustavo explicou os sentidos que ele atribui à adolescência *EMO*, os quais possibilitam a ele demonstrar sua subjetividade com mais segurança, se sentindo aceito pela tribo:

Como adolescente EMO, eu me sinto bem. Porque eu sendo EMO, no caso, eu posso ser o que eu sou, entende? Não preciso fingir. Eu posso mostrar minha essência sem ter de fingir e ser o que eu não sou. No caso, em grupo do EMO, sou o que eu sou e me sinto bem nesse grupo, pois posso ser o que eu tô sendo sem ter de figurar outra coisa. (Gustavo, 16 anos)

Na adolescência, a sexualidade aflora e ganha um grande espaço nas significações e ações do adolescente. É nesse momento que se buscam as tribos e/ou os grupos de pares, a fim de que, no processo da identificação com um igual, seja possível compreender suas emoções, sua essência e, por conseguinte, sua identidade. Um dos principais desafios que a tribo *EMO* enfrenta diz respeito a essa categoria, tema que será aprofundado na terceira parte deste trabalho. Porém, faz-se necessário abordá-lo aqui, mesmo que de forma passageira, por trazer um conteúdo rico sobre desafio. Em sua entrevista, Breno revelou que as pessoas acham um absurdo a homossexualidade ou a bissexualidade, e que, por esta razão, alguns membros de sua tribo não se assumem publicamente. Em contraste, no interior da tribo, eles são liberais e se permitem vivenciar plenamente suas orientações sexuais:

Eu acho assim... que lidar com a sexualidade na tribo EMO é um desafio, porque a sexualidade é muito aflorada entre o grupo. Tipo a bissexualidade e a homossexualidade. Tem muito pouco heterossexual dentro do grupo. Tem aqueles que falam que não são bi, que não são homossexuais, mas que de vez em quando são. Não se assumem, mais pelo medo de serem rotulados. Mas, eu acho que é uma coisa liberal entre o grupo, é uma coisa normal. Que para outras pessoas, que veem um menino ficando com um menino ou uma menina ficando com uma menina, ficam chocados e dizem: "Isso é um absurdo!". Mas, pra quem tá dentro do grupo, é a coisa mais normal. (Breno, 16 anos)

Portanto, na opinião de Breno, enfrentar a sociedade na questão da sexualidade é um grande desafio. Por essa razão, os adolescentes buscam seus pares no interior da tribo, a fim de compartilhar emoções, ideias e práticas sexuais aceitas por seus integrantes.

Araújo (2003) destacou que, em uma sociedade que dá ênfase ao tecnicismo, as tribos urbanas tentam resistir para dar voz a quem quer dizer alguma coisa, a quem deseja desafiar, despadronizar o mundo racional da contemporaneidade. Embora a tribo *EMO* não tenha um conteúdo ideológico¹² mais profundo e se revele fundamentalmente pela estética e pela orientação sexual, ainda assim não deixa de construir seus significados sociais transgredindo algumas condutas estabelecidas, pois seus membros propõem novas maneiras de ser e de se conduzir, principalmente em relação à sexualidade.

¹² Chauí (1997) trouxe a seguinte definição de ideologia: é um fato social produzido pelas relações sociais, possui razões claras para surgir e se conservar, não é um amontoado de ideias, mas um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo e prático de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é a de apagar as diferenças, como as de classes, e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento de igualdade social encontrando certos referenciais identificadores de todos para todos, como: a humanidade, a liberdade, a igualdade, a nação ou o estado.

Além de significar a adolescência como um tempo para a elaboração de várias categorias abordadas até aqui, os sujeitos desta pesquisa também trouxeram para discussão os significados da adolescência em seus espaços: adolescência dentro da tribo *EMO*, dentro da família e dentro da escola, categorias que serão desenvolvidas a seguir.

3 ADOLESCENTES *EMOs*, SUAS MEDIAÇÕES CONSTITUTIVAS E SEUS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Espaços de sociabilidade, aqui representados por instituições como a família e a escola, ou por grupos como a tribo *EMO*, possibilitam aos adolescentes participantes deste estudo a significação de si mesmos e da sociedade na qual estão inseridos.

Entende-se por espaços de sociabilidade aqueles que extrapolam os espaços físicos como um lugar para englobar dimensões políticas, culturais e psíquicas. Os espaços entendidos nesta perspectiva se constituem na medida em que os sujeitos os nomeiam, expressam seus significados e os legitimizam como tal. A partir disso, tornam-se signos¹³ que têm a função de mediar a relação indivíduo–sociedade (PONTE; BOMFIM; PASCUAL, 2009).

Santos (1999) argumentou que os espaços podem ser explicados como os lugares onde ocorrem as ações vividas pelo sujeito, mas também como os lugares de manifestação das relações de subjetividade que possibilitam ao adolescente dar sentido às suas vivências.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática de mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1999, p. 258).

Assim, apreender os significados atribuídos pelos sujeitos desta pesquisa a esses espaços permite compreender e interpretar vários aspectos de suas vidas, assim como a maneira pela qual estão se constituindo enquanto adolescentes e, portanto, sujeitos sócio-históricos.

3.1 Família: um espaço para ser aceito

De acordo com Peres (2001), na contemporaneidade, as famílias são heterogêneas, com múltiplos arranjos sociais e com alterações em suas configurações. A família é,

¹³ Vigotski (2007) explicou que o signo funciona como mediador do comportamento humano e, por conseguinte, de sua estruturação subjetiva, ou seja, a “prática significativa”, em estrita relação dialética com a ação concreta, que produz sentidos e permite a apropriação subjetiva dos significados sociais.

simultaneamente, singular, quando representa um grupo de pessoas que têm valores específicos e individuais, e plural, ao apresentar um comportamento social que identifica o grupo como família, com determinações nas relações afetivas, culturais, religiosas, econômicas, territoriais, entre outras. Portanto, as famílias diferem entre si tanto na estrutura quanto no caráter relacional, apresentando-se de formas múltiplas e não tendo um padrão único a ser seguido.

Ainda segundo Peres (2001), embora a família ainda continue sendo um lugar privilegiado de proteção e pertencimento, persistindo uma tendência à sua idealização, aparece também como um espaço passível de reproduções de relações sociais e culturais determinadas historicamente, no qual as emoções que os eventos provocam neste grupo podem ser boas ou ruins, funcionais ou disfuncionais.

Na adolescência, reiteradas vezes, o convívio com a família se torna difícil, gerando momentos de grande ansiedade, discórdias e dúvidas, tanto no adolescente quanto nos pais, os quais nem sempre compreendem o que está acontecendo com seus filhos, bem como na relação entre eles. O adolescente sente necessidade de se firmar como sujeito diante dos pontos de vista dos pais, de expor seus significados sociais e culturais, ao mesmo tempo em que ainda se sente dependente deles. Nessa relação dialética, entre estar preso no lugar que a família designou para ele e o desejo de liberdade, surgem conflitos, medos e sofrimentos. O grande desafio é encontrar um ponto de equilíbrio, no qual se possa estabelecer uma boa relação entre a família e o adolescente, para que este se sinta aceito e compreendido, como João expôs em sua fala:

As brigas com pai e mãe, que você tem que tentar se firmar. Porque, às vezes, você foi criado de uma maneira, né? Que você não pode comparar adolescente de hoje com adolescente de 30, 40 anos atrás. E é isso. Você tem que tentar se impor, mostrar o que você é. E, às vezes, eles não aceitam. Não aceitam uma cabeça tão aberta. Minha mãe, mesmo, fala isso, que eu tenho a cabeça aberta demais. Que tem coisa que não dá pra aceitar e eu aceito. Eu não vejo mal nisso. (João, 17 anos)

Analisando o depoimento de Luciano, a seguir, percebe-se que existe uma tendência em afirmar que, a despeito dos conflitos e divergências iniciais, por razões diversas, como a participação na tribo *EMO*, a orientação sexual, entre outras, a maioria dos adolescentes consegue, após certo tempo, manter um bom relacionamento com suas famílias, tendo em vista que estas os respeitam como são:

Eu já me relacionei muito mal. Mas, quando eu me achei mesmo... Porque, no caso, quando eu não era afetado, eu escondia. Era uma máscara pra mim mesmo, pra esconder minha homossexualidade. De ficar triste pelos cantos, já passei por essa fase. Mas, depois que eu assumi, eu fiquei mais social. Antes, eu era antissocial e

ficava na minha, em casa, sábado e domingo, sozinho. Não me socializava. Mas, depois que eu assumi, tudo ficou melhor pra mim. Porque as pessoas viram em mim o que antes sabiam, o que eu era, e agora, as pessoas tentaram me aceitar e aceitaram do jeito que eu sou. Principalmente meus pais. Eles são casados e moram juntos e sabem da homossexualidade. No começo, eles não aceitaram. Hoje, aceitam, respeitam... Quer dizer, acho que aceitar, nunca aceitam, mas respeitar, respeitam. (Luciano, 17 anos)

Luciano ainda confirmou que os maiores conflitos vividos com sua família estavam relacionados à sua orientação sexual. Todavia, quando ele conseguiu significar seu “eu”, também conseguiu ver o outro com mais sociabilidade. Assim, partindo do que Vigotski (2007) afirmou sobre o processo de transformar a realidade interpessoal (social e histórica) em intrapessoal (subjativa), este adolescente participante permitiu um encontro entre o seu mundo público e o privado. Considerando que as emoções são fundamentais no processo de construção do homem e que permeiam as falas, os pensamentos e as ações do indivíduo, Luciano conseguiu transformar a relação com sua família, que no início era repleta de conflitos, em uma relação de respeito.

Nas falas dos adolescentes pesquisados, puderam ser detectadas afirmações que, de uma maneira ou de outra, estão repletas de conteúdos que confirmam a preocupação da família com as escolhas destes sujeitos, as quais os levam a ficar à margem da sociedade, demonstrando seu receio de que isto cause sofrimentos a eles e às suas famílias. Ter filhos “diferentes” dos padrões sociais impostos gera inseguranças e medos, como demonstrado nesta fala de Breno:

De boa... Minha mãe, no começo, por ela ser como ela diz, “Sou católica apostólica romana.”, ela não aceitava quando eu coloco meião preto, quando eu coloco short. Ela diz: “Menino, pra que isso? Não anda assim. Pra que lápis no olho? Isso é coisa de mulher. Isso é pecado.”. Aí, ela pergunta: “Você tá feliz assim?”. Aí, eu falo: “Tô.”. Aí, ela fala: “Então, tá de boa.”. (Breno, 16 anos)

Ao analisar o depoimento de Breno, nota-se que sua mãe, em um primeiro momento, tem uma preocupação em relação à estética utilizada pelos *EMOs*, indicando conflitos intergeracionais, tanto pela falta de conhecimento sobre a tribo da qual seu filho faz parte, pois sai dos padrões estabelecidos culturalmente, como acerca do significado e do sentido disto na vida dele. No entanto, em um segundo momento, essa preocupação parece se transformar em aceitação ou conformismo, sugerindo que o mais importante é a felicidade do filho. Assim sendo, os sentidos e os significados atribuídos pela mãe de Breno às suas escolhas mudaram quando foi possível realizar uma negociação, um reconhecimento entre eles, ou seja, Breno pôde fazer sua mãe compreender que, apesar de não ser o filho que ela idealizava, ainda era seu filho, e também foi surpreendido por uma mãe que ele não sabia ter,

pois esta foi capaz de aceitá-lo. Este pensamento dialético possibilitou que a emoção e a afetividade se tornassem mais importantes que a manutenção de padrões socialmente aceitos. Poster (1979, p. 100) definiu família como “[...] estrutura emocional com relativa autonomia, a qual constitui hierarquias de idade e sexo em formas psicológicas. A família é concebida como um sistema de objetos de amor [...]”. Para Peres (1997), a base do desenvolvimento familiar se pauta nos laços entre seus membros, no contexto emocional das relações entre eles.

A mãe de William reagiu severamente ao perceber as mudanças de atitudes no filho, mas depois de vários embates e fracassos, como relatou o adolescente, ela desistiu de censurá-lo:

Minha mãe, de começo, achou que a gente tava é fazendo bagunça, fumando mesmo. Comecei, assim. No primeiro mês, acho, que eu tava ficando doido já... [risos] Ééé... Aí, foi passando, ela foi... como todo mundo... Pegou no pé, mesmo. Quando é o começo, pega no pé. Mas, depois, vê que é aquilo mesmo, vê que a pessoa é aquilo mesmo. Então, aí, para. (William, 17 anos)

William encarou a reação de sua mãe como “normal”, tendo em vista que, em um primeiro momento, por não compreender as mudanças que o filho estava vivenciando, ela foi mais enérgica, mas, logo em seguida, restabeleceu uma boa relação com ele.

Os sujeitos pesquisados revelaram em suas falas momentos de conflitos entre eles e seus familiares, que foram geradores de crises, se transformaram e se estabeleceram em relacionamentos socialmente aceitos. Hoffman (1995) considerou as crises como fundamentais para que novas organizações, novos padrões familiares ocorram, a fim de que haja novos estágios evolutivos no ciclo de vida, isto é, as crises são importantes para reestruturar os relacionamentos.

Em sua fala, João deixou clara sua preocupação em afirmar que seu relacionamento atual com a família é bom, embora tenham passado por conflitos iniciais:

Ah! Acho que antigamente, quando eu saía com essas roupas, com essas coisas mais exageradas, aí, eu tinha que sair escondido, porque eles não aceitavam. Meu pai é meio machista nesse ponto. E eu não queria, assim, deixar ele muito frustrado. Aí, eu tinha que sair escondido e eu me arrumava na rua. Hoje, como eu saio um pouco mais normal, eles não falam mais nada. Acho que já aceitaram um pouco o fato de eu ser diferente. Então, hoje, eu me relaciono muito bem. O meu pai e minha mãe me tratam muito bem. A fase mais difícil, como eu disse, foi mais ou menos um ano atrás, que eu tava muito enfeitado. Meu pai e minha mãe já estavam meio assustados... Mas, eu me relaciono bem. (João, 17 anos)

Apesar de todos esses embates, os sujeitos pesquisados demonstraram que têm necessidade de manter um bom relacionamento com sua base familiar para que possam se

sentir seguros, o que, na maioria dos casos, subsidia seu desenvolvimento e amadurecimento. As emoções que os eventos geram nas famílias, quer sejam boas ou ruins, funcionais ou disfuncionais, precisam ser analisadas, pois são elas, reiteradas vezes, responsáveis pela promoção do desenvolvimento ou não da família (McGOLDRICK; GERSON, 1995).

Assim, em um movimento que circula entre a tribo e a família, os sujeitos pesquisados estão sempre buscando a manutenção de suas raízes com o propósito de se certificar que os laços estabelecidos com suas famílias não foram rompidos. É perceptível a preocupação de todos os entrevistados em afirmar que, a despeito das crises, eles mantêm um bom relacionamento com suas famílias. Isso leva a deduzir que eles têm necessidade de aceitação nesse espaço, que necessitam da aprovação familiar, pois esta é fundamental para a sua estabilidade emocional e social.

Adolescentes, em geral, necessitam expor suas contradições familiares em busca dos seus significados, o que também foi demonstrado pelos participantes desta pesquisa. Nesse sentido, Peres (2001) indicou que é necessário haver uma redefinição dos papéis, tanto dos pais quanto dos filhos, de modo a se construir uma relação mais flexível entre estas gerações, visando melhor comunicação entre eles e propiciando aos filhos adolescentes que desenvolvam sentimentos de capacidade e autoestima.

3.2 Escola: um espaço do qual gostar é preciso

Lutte (1991) postulou que a escola é um espaço que permite a manutenção de valores, dos modos de produção, da história e da cultura de uma sociedade, também assegurando a transmissão de conhecimentos e instrumentos intelectuais, científicos e tecnológicos. Quando permite o desenvolvimento integral do sujeito em seus aspectos físicos, cognitivos, emocionais, estéticos, morais e sociais, essa instituição é responsável por possibilitar a cada indivíduo oportunidades iguais de êxito na vida adulta.

Durante sua entrevista, Breno narrou uma situação ocorrida em sua escola. Com o objetivo de manter os padrões estéticos socioculturais estabelecidos, uma professora protagonizou uma cena na qual expressou a força dessa instituição:

[...] esses dias pra trás, entrou um menino. Ele tinha uma franja enorme, muito enorme mesmo. Era gigante! E aqui, era repicado. Tinha um monte de piercing. Ele era pequenininho. Aparentava ter uns 12 anos. Aí, foi muito preconceito contra ele. Todo mundo saiu contra. A professora disse que se ele cortasse o cabelo, ele ia

ganhar três pontos. Ele foi obrigado a cortar o cabelo pelos três pontos, porque ele tava precisando. (Breno, 16 anos)

Breno falou com indignação sobre o fato ocorrido com o integrante da tribo *EMO* que teve seu direito de manter o cabelo no estilo da tribo violado e sofreu chantagem.

Lutte (1991) ainda preconizou que a escola estabelece uma relação de dominação-submissão entre os adultos e as crianças/adolescentes, tanto pelo ensino quanto pelas relações interpessoais. Porém, paradoxalmente, esse mesmo acesso aos instrumentos do conhecimento pode conduzir o adolescente à emancipação e autonomia, assim como a identificação com os professores pode oferecer-lhe modelos de comportamento adulto.

Luciano revelou que adora estudar, que gostaria de ser professor. Não obstante, sua mãe o tem orientado para que ele faça um curso que lhe renda mais dinheiro. Ele afirmou que sua escola tem ensino fraco, mas que, apesar disto, ele gosta de estudar naquela instituição, até porque há atividades extrassala (violão e artes plásticas):

Adoro! Adoro estudar! Eu queria muito, mas muito mesmo, trabalhar na área de história, que é a paixão da minha vida. Eu nunca tirei nota baixa em história. Só tirei 10, 10, porque eu acho muito interessante estudar o passado e saber do futuro, assim, basicamente. Mas, minha mãe enche o saco pra eu fazer arquitetura, porque eu sei desenhar muito bem, ou designer. Uma coisa assim, que dá dinheiro, porque professor não dá dinheiro. Mas, eu queria era ser professor, mesmo. Chegar na sala e dar “bom dia”. Eu adoro minha escola. Apesar de lá o ensino não ser muito bom, os professores meus são muito legais. A professora de português, ano passado, sentou comigo pra fazer uma redação: “E é assim, assim, assim.”. Eu estudo no Liceu de Goiânia, que eu acho o máximo, porque é a primeira escola fundada em Goiânia. Tem uma história e eu adoro história. Por isso que eu gosto de estudar lá... Lá tem alguns programas, tipo, você escolhe. Pode ter artes ou aulas de violão. É uma escola muito boa, apesar do ensino não ser tão bom. A educação pública no Brasil é precária: 90 e poucos por cento não sabe a matemática básica. (Luciano, 17 anos)

O depoimento de Luciano trouxe à luz significados que merecem destaque, pois está pleno de sentidos ricos e complexos. Ele disse gostar de estudar por entender a importância do conhecimento em sua vida; contudo, manifestou seu desejo de aprofundar seus estudos na área de história com o objetivo de fazer uma carreira acadêmica. Entretanto, sua mãe se posiciona contrariamente, tendo em vista acreditar que ser professor no Brasil não é rentável. Dessa maneira, Luciano logo terá de fazer uma escolha, a qual definirá sua trajetória profissional, entre investir em uma carreira que lhe proporcionará prazer, mas sem grandes retornos financeiros, ou buscar um bom salário sem muita satisfação pessoal. Tanto entre os adolescentes quanto entre os estudantes universitários, os indivíduos que encontram apoio em relação aos seus planos profissionais, que contam no seu percurso de estabelecimento na profissão com aproximação afetiva, tanto de pais quanto de professores e amigos, apresentam

níveis de decisão de carreira mais elevados que aqueles que não contam com tal tipo de sustentação (KRACKE, 1997).

Pôde-se também observar em sua fala elogios aos seus professores, afirmando que “são muito legais”, enquanto, paradoxalmente, comentou que a qualidade do ensino público no Brasil é baixa¹⁴, o que também ocorre especificamente em sua escola, embora a instituição compense esta deficiência com aulas extracurriculares.

Ana Carolina também deu um depoimento contendo sentidos carregados de emoção quando afirmou gostar muito de ler e estudar. Porém, a adolescente se sente decepcionada porque a escola não atende suas expectativas, o que lhe provoca sentimentos de desmotivação e desejos de fuga:

Eu amo estudar! Acho que minha maior paixão é ler livros. Eu amo ler livros. E sei que estudar é importante pro futuro. Mas, eu penso o seguinte: eu levanto às seis horas da manhã e vou para um colégio para estudar, não é para ouvir professor ficar gritando no meu ouvido, não. E acho que é isso que me desanima. A gente vai pro colégio, passa o dia todo, perde sua manhã de sono, num colégio que, às vezes, não faz nada. Às vezes, tem três aulas de educação física num dia só. Aí... Agora, quando é uma aula que você sabe que não vai ter aula, aí você marca com seus amigos pra sair, num chamado “fugir da aula”. Aí, eu gosto também. Quem não gosta? (Ana Carolina, 16 anos)

Ainda que Ana Carolina demonstre desejo de participar mais efetivamente do processo educacional, a adolescente tem reduzido a escola a um mero espaço de cumprimento de tarefas acadêmicas, sem a perspectiva de descobertas mais significativas, quer sejam individuais ou coletivas. Sua fala pode ser tomada como indício da irrelevante significação que a instituição tem para ela enquanto espaço de ampliação do conhecimento e de participação social.

Na maioria das respostas, ficou assinalado que os adolescentes pesquisados gostam de estudar; no entanto, pôde-se perceber no subtexto um outro significado em relação a esta afirmação. Em uma análise mais criteriosa das falas dos sujeitos, percebe-se que a escola é mais que um espaço do qual gostar é preciso, porquanto também se configura em um lugar de

¹⁴ No Brasil, esta é uma discussão complexa que perpassa por várias instâncias, como formação de professores, ambiente familiar, acesso à informação (bibliotecas, meios eletrônicos), entre outras. Em 2000, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) liderou uma avaliação internacional de desempenho de estudantes, denominada *Programme for International Student Assessment (PISA)*, com o objetivo de avaliar o nível de competências cognitivas de alunos de 32 países, dos quais 28 são membros da OCDE e quatro foram convidados: Brasil, Letônia, Liechtenstein e Federação Russa. O Brasil ocupou o último lugar em termos de desempenho médio em todas as provas realizadas (leitura, matemática e ciências). Nas avaliações mais recentes do PISA, em 2003 e 2006, os resultados obtidos pelo Brasil não foram diferentes. No PISA 2006, o Brasil ocupou a 54ª posição entre 57 países analisados e obteve o pior desempenho entre os países da América Latina (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2009).

relacionamentos interpessoais, que promove sentidos que justificam estar neste espaço. Ademais, o ato de gostar de estudar está relacionado com a possibilidade de um futuro estável e aprovado pelas leis sociais. Por conseguinte, de acordo com as construções das significações sociais relativas ao ato de estudar, os adolescentes participantes desta pesquisa tomam esta referência para a formatação de seu discurso individual, convertendo este lugar social em individual. Leide revelou que precisou mudar de escola para conseguir estudar, pois, embora não goste muito de estudar, tem consciência da necessidade disto:

Esse ano, eu mudei de escola. Mas, antes, eu não gostava do colégio que eu estudava, porque a única pessoa que tinha lá EMO, que tinha lá roqueiro, etc., era eu. E era um colégio evangélico e todas as meninas me recriminavam. Não tinha nem um amigo e não falava com ninguém no colégio. E agora, o colégio que eu mudei tem muitos EMOs e muitos roqueiros. Aí, é legal lá. Eu, gostar de estudar, eu não gosto, não, mas tem que estudar porque precisa. (Leide, 15 anos)

Breno complementou o depoimento de Leide comentando a importância de ser conhecido e respeitado em sua escola, de ter vários amigos e de ter a possibilidade de conhecer outros, afirmando que isto o estimula a ir para a escola:

Eu gosto da minha escola por estar lá há muito tempo, por todo mundo já me conhecer. Todo mundo conhece como eu sou. Como eu tenho meu estilo, ninguém tem preconceito comigo. Tem muita gente que conversa com você, mas, quando vira as costas, diz: “Que ridículo!”. Eu gosto de estudar. Não pelo estudo, mas pela amizade que você acaba criando dentro da escola. Aí, até que dá o interesse de ir pra escola pra estudar. Tanto que, de vez em quando, a gente marca pra estudar em grupo, porque na minha escola, a maioria da minha sala é um estilo rock. Então, junta tudo e cada um tem sua opinião. Tem roqueiro, tem punk, mas a gente senta todo mundo. Uns não concordam com o estilo de música que eu curto, mas eles também não falam nada. Ele tem a dele, eu tenho a minha, sem nenhum preconceito. Aí, fica... tem um espaço lá que junta umas 20 pessoas que têm um estilo assim. Tem gente de cabelo roxo, cabelo vermelho. Tem uma menina que tem um moicano enorme. Tem gente que vem conversar com a gente que a gente nunca viu. Tem gente que tem vontade... (Breno, 16 anos)

Os sujeitos pesquisados justificam gostar de estudar principalmente pela possibilidade de ascensão social, isto é, por promover acessibilidade ao mercado de trabalho e ao mundo adulto em um futuro próximo. Não obstante, no subtexto de suas falas pôde-se vislumbrar que quando a escola tem outros adolescentes que os fazem se sentir no meio de iguais, permitindo uma vivência coletiva, este espaço se torna mais facilmente aceito e mais prazeroso.

3.3 Tribo *EMO*: um espaço de poder

Martín-Baró (1989) assinalou que o poder está presente em todos os aspectos da vida cotidiana das pessoas, acontecendo nas relações humanas com um caráter de oposição e conflito, baseando-se na posse de recursos de um em detrimento do outro, que não os possui, ou os possui em menor grau. Dessa forma, o poder produz um efeito de obediência ou submissão, mas não é um objeto abstrato. Trata-se de “uma qualidade de alguém, pessoa ou grupo, na relação com outras pessoas ou grupos. [...] o poder constitui, por conseguinte, um fenômeno social não meramente individual.” (MARTÍN-BARÓ, 1989, p. 97).

No presente trabalho, os sujeitos pesquisados, membros da tribo *EMO*, significam o poder pela possibilidade de ser quem realmente são, de fazer parte de algo maior, de se identificar pelo igual por meio de estética, interesses, músicas, afetividade, emoções, ideias, orientação sexual e também pelo poder de identificar-se com a tribo, embora sem fidelidade e sem perder sua individualidade, podendo até não se identificar com alguns detalhes.

3.3.1 O poder de ser quem sou

Para Maffesoli (2000), na contemporaneidade, os sujeitos buscam inserir-se em grupos sociais – neste trabalho reconhecidos como tribos urbanas – e, para tal, usam símbolos, imagens, signos e adereços que servem para identificá-los como membros de determinadas tribos formadas.

Esse sentimento de pertença possibilita que os sujeitos ocupem espaços que se constituem em seus territórios de sociabilidade, nos quais vão criando uma teia de múltiplas relações de poder que se integram nos arranjos sociais. Maffesoli (2000) frisou que a sociabilidade, em suas várias facetas, mantém um aspecto temporal e uma dimensão espacial igualmente importantes. Por conseguinte, o desejo de estar junto e o sentimento de pertença aos microgrupos germinados são mantidos.

Os sujeitos pesquisados explicaram porque escolheram se tornar membros da tribo *EMO* afirmando que o poder de se identificar com um igual resulta na possibilidade de se descobrir, e este é um sentimento importante, como revelou Daiane nesta fala:

Significa, pra mim, eu conseguir descobrir quem eu verdadeiramente sou. Eu não preciso esconder mais pra ninguém quem sou eu verdadeiramente. Porque, antes, eu não tinha coragem de fazer algumas coisas que eu faço hoje. Que eu achava, assim, que eu nunca poderia fazer. Essa sensação é muito boa. E é importante você saber quem você é e você se sentir bem com o que você é. (Daiane, 15 anos)

A liberdade que esta tribo possibilita aos seus integrantes é um aspecto que João destacou em seu depoimento, pois os sujeitos pesquisados acreditam que os integrantes da tribo *EMO* tendem a ser mais liberais, lidando melhor com as diferenças.

Ah! Pra mim, ser EMO é você ter liberdade. Igual, quando você entra no mundo do rock, essas coisas assim, você tem uma certa delimitação. Você não pode fazer certas coisas, porque no mundo do rock tem várias categorias. Vamos dizer, tem punk, tem gótico, tem metaleiros. Aí, pra mim, eu gostei dos EMOs, porque eles são muito mais liberais. Porque, se você entrar em qualquer parte do rock que não seja EMO, vamos dizer, se você for bissexual, você é totalmente discriminado. Você não pode ter um carinho a mais com seus amigos... E pra mim, é mais isso. Pra mim, EMO é você ter liberdade pra você poder fazer o que você quiser, sem ter que se retrair, sem saber se seus amigos vão achar ruim ou não. E com o EMO, não! Você pode falar, pensar, namorar com quem você quiser, não tem muita restrição. E você pode ter amigos, vários amigos. Você pode chegar numa roda e não se sentir excluído, que todo mundo abre os braços pra você. (João, 17 anos)

Ana Carolina declarou que na tribo *EMO* ela se permite ser quem realmente é, diferentemente do que ocorre em seu espaço familiar, no qual não pode ser autêntica. Simionato-Tozo e Biasoli-Alves (1998) alertaram para o fato de que a família tem como finalidade estabelecer formas limites para as relações estabelecidas entre as gerações mais novas e as mais velhas, promovendo a adaptação dos indivíduos às exigências do convívio em sociedade. Sendo assim, quando o adolescente expõe uma nova visão de si e do mundo para a sua família, podem ocorrer problemas de relacionamento. A fim de minimizar conflitos, Ana Carolina afirmou que prefere se comportar de maneira diversa quando está perto de sua família e quando está com membros da tribo *EMO*. Pertencer a esta tribo significou para ela uma revolução interior, quando pôde compartilhar seus sentimentos e, aparentemente, não ser excluída ou julgada por ninguém.

Estar nesse grupo, pra mim, é como não estar excluída de todos. Significa muita coisa. Significa que eu tenho amigos que possam compartilhar, tipo assim, meus sentimentos por outras pessoas, sei lá... Significa a revolução de uma nova Ana Carolina. Já ouviu falar em dupla personalidade? Para os meus pais, eu sou uma pessoa; na tribo EMO, eu sou outra pessoa. Acho que na tribo EMO, eu sou a pessoa que realmente quero ser. Hoje eu sou Ana Carolina da tribo EMO. (Ana Carolina, 16 anos)

Para esses adolescentes, poder ser quem são no interior da tribo possibilita que eles, por meio de um processo de subjetivação, organizem a relação com seu mundo interior e o mundo real. Dessa forma, esses sujeitos vão dando sentido a si mesmos, na medida em que os

membros de sua tribo também o fazem, legitimando essa nova visão. Vigotski (2007) salientou que, ao “internalizar” os aspectos de sua cultura constituídos historicamente, os quais são base de instrumentalização e regulação das funções psicológicas superiores que mediatizam a práxis transformadora da realidade, o sujeito se apropria do que está posto como agente do seu processo de subjetivação.

3.3.2 O poder de fazer parte de algo maior

A tribo *EMO*, de acordo com os sujeitos, faz parte da tribo do rock, mas com algumas características próprias, o que permite que os adolescentes *EMO* se sintam diferentes para melhor. Precipuamente, eles tomaram o estereótipo da tribo geral do rock e, como indicou Luciano, construíram algo melhor:

A tribo EMO faz, com certeza, parte de alguma coisa maior... Antigamente, o roqueiro era uma pessoa que gostava do rock. Aquele cara fechadão, cabeludão, barbudão, tipo homem das cavernas. Mas hoje, não. Já é mais sentimental. Ele chora, veste roupas... não exatamente o preto... Tipo, tem muita gente, tem colega que usa calça rosa, verde, umas coisas bem chamativas e extravagantes também. E são rock'n'roll ainda. (Luciano, 17 anos)

João explicou com mais detalhes essas características afirmando que a tribo *EMO* pegou tudo o que as outras tribos do rock tinham de melhor, agregou valores da liberdade, da não-agressividade, do não-preconceito e construiu a “teoria” *EMO*.

É igual na tribo do rock. Existem várias categorias. Existe o rock, existem outras... Igual eu te falei. Existe o gótico, o punk... e o EMO é uma delas. Só que o EMO é muito discriminado, por causa que... Primeiro, porque o EMO pegou tudo de bom de todas as tribos e juntou. Ele pegou, igual, o cabelo do punk, as roupas do gótico, pegou a maquiagem do gótico, pegou os gritos dos skins. Sabe assim? Ele aglomerou, pegou tudo de bom de todas as tribos e colocou na dele. Aí, por isso que vê tanto preconceito. Igual, você vê um punk falando mal de EMO. Você vê gótico falando mal de EMO, metaleiro... Aí, existe tanta curtição. Por causa de que, no EMO, você é livre, entendeu? Você não vai na porrada com ninguém. Todo mundo, vamos dizer... Você está fazendo uma coisa aqui, eu não te julgo. Você faz a sua filosofia. Aí, as pessoas não aceitam isso, por causa de que não pode. Você tem que seguir uma linha. Você tem que fazer isso. Você tem que sair, agarrar 30 meninas numa noite, ou então você tem que bater em gay. E nos EMOs, não existe isso. Nos EMOs, a gente pegou a compreensão e a imagem de todas as tribos e juntou e fez a nossa. (João, 17 anos)

De acordo com as falas desses adolescentes, quando se apropriaram da cultura do rock e de outras tribos urbanas que já existiam no cenário contemporâneo e, segundo eles, selecionaram o que havia de melhor em cada uma delas e construíram a tribo *EMO*, tinham

como projeto idealizado ser os melhores, e mostraram isso por intermédio dos autoelogios. Isso faz parte de um processo de subjetivação em que significam a própria tribo como a melhor de todas, indicando necessidade de autoafirmação. O processo de desenvolvimento do adolescente ocorre tendo como base várias significações construídas sócio-historicamente. Dayrell (2002) observou que, ao acessar diversas referências culturais, as quais estão inseridas em contexto heterogêneo de redes de significados articulados, os adolescentes dão significados à sua vida cotidiana. Assim, a maneira como o adolescente se constrói e é construído socialmente, bem como o modo como se representa, são o resultado do seu processo de socialização e, como apontou Vigotski (2008), do seu processo de subjetivação.

3.3.3 O poder de se identificar pelo igual

O igual e o diferente são fundamentais no processo de subjetivação do sujeito, cabendo ressaltar que este se constitui por meio da identificação e da diferenciação com o outro. Apesar disso, os adolescentes tendem a inserir-se em tribos urbanas em busca de seus iguais, na tentativa de encontrar quem os compreenda e que vivencie os mesmos anseios que eles estão vivendo (GONÇALVES, 1999).

Os sujeitos desta pesquisa trouxeram à tona conteúdos que revelam o quanto é importante estar inserido em uma tribo composta por pessoas com as quais se identificam e que os acolhem. Gustavo deixou transparecer em sua fala o que significa para ele participar do grupo *EMO*:

Significa, pra mim, estar inserido em um grupo que eu queira, que eu gosto, com pessoas que se assemelham a mim. E poder compartilhar os mesmos sentimentos, os mesmos gostos... No caso, a música, os papos, as festas, essas coisas.
(GUSTAVO, 16 anos)

Gustavo permitiu-nos perceber uma nítida associação entre estar inserido e se identificar com os membros da tribo, tendo em vista que as duas opções acessam o sentido de pertença, de ser aceito, valorizando as características do próprio grupo na contramão dos exogrupos. Abramo (1994) advertiu que, ao buscar uma tribo urbana para se integrar, o adolescente procura nela características que se assemelham às que ele mesmo possui, ou porque esta é formada por pessoas que enfrentam problemas semelhantes aos seus, visando atender à necessidade de se sentir igual e, por conseguinte, aceito. Dessa forma, os indivíduos tanto valorizam as semelhanças percebidas dentro do seu próprio grupo quanto percebem as

diferenças que existem em relação a outros grupos, significando quem é quem no contexto, isto é, “quem somos nós” e “quem são eles”.

William corroborou a opinião de Gustavo explorando a importância de estar com pessoas que enfrentam o preconceito em busca de um mundo melhor:

Digamos que, pra mim, é tipo... conviver com pessoas iguais a mim, que têm praticamente as mesmas opiniões e que buscam, enfrentam, éééé... tipo, o preconceito das pessoas que estão aí, né? Tentando fazer que as pessoas melhorem, que o mundo melhore. (William, 17 anos)

Pertencer a uma tribo cujos membros se assemelham dá ao sujeito o poder de se reconhecer dotado de características comuns à tribo e, destarte, de pertencimento social. Assim sendo, o adolescente significa seu “eu” individual tendo como base o “eu” coletivo e, neste processo, vai sendo constituído como sujeito histórico-social.

Quando inquiridos sobre o significado de pertencer ao grupo *EMO*, os sujeitos pesquisados responderam que o mais importante é estar com pessoas que se identificam pelas mesmas ideias, estética, práticas, emoções e estilo musical.

É possível perceber que cada tribo urbana tem seus significados sociais, os quais norteiam a forma de pensar, os interesses e o modo de agir de seus membros. “Existe uma tendência em diminuir o diferente para afirmar o igual. Essa busca do ‘valorizar os indivíduos que pensam como eu’, frequentemente está associada ao ‘diminuir aquele que pensa diferente.’” (MAMMANA NETO, 2009).

Mamma Netto (2009) sinalizou que quando um sujeito se identifica com a ideologia de uma determinada tribo, inicia-se um processo de se sentir igual aos seus membros. Nessa perspectiva, começa a utilizar o estilo da tribo, veste-se de maneira igual, gosta das mesmas coisas e pensa de forma parecida, fortificando a relação que se estabelece entre o indivíduo e o grupo. João verbalizou que se identifica com o grupo *EMO* pela facilidade de encontrar pessoas que pensam como ele:

Ah! Você achar pessoas iguais a você, você não precisa... Porque, muitas vezes, eu vejo as pessoas falarem: “Ah! Eu queria tanto alguém que eu pudesse conversar. Queria tanto alguém que eu pudesse me relacionar sem ter nenhuma discórdia, nem nada assim.”. E nós, EMOs, é assim. Você chega, você faz amigo fácil, consegue ter os mesmos papos, a mesma cabeça. É por isso que eu me identifiquei mais. Eu acho que é pelo fato da gente pensar mais igual, da gente ter os mesmos planos, mesmo pensamento, das ideias bater juntos. Acho que é isso! A gente conversa muitas coisas. (João, 17 anos)

O modo de pensar e agir da tribo conduz a uma lógica de compartilhamento e isto inclui as ideias, pois ao dar significados sociais similares a seus pares, o sujeito tem a certeza de pertencimento à tribo.

Os adolescentes das tribos urbanas se reúnem em torno de diversas expressões culturais e demonstram por seu corpo, roupas, símbolos, acessórios, moda e maquiagem um estilo próprio, que marca a sua organização tribal. Para a tribo *EMO*, essas demarcações têm grande importância, pois caracterizam e identificam seus membros, uma vez que é assim que a sociedade os reconhece. Basicamente, o grupo é simbolizado pelas roupas, acessórios, maquiagens e tipo de cabelo que usa e pelo estilo, que passa a ser significado pelo social como emblema, que os diferencia de outras tribos. Esse é o meio de comunicação da tribo com a sociedade. O uso de maquiagem peculiar, franjas longas e tintura no cabelo, pelas meninas e igualmente pelos meninos, indica uma união de “características físicas e psicológicas de ambos os gêneros, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo, em um jogo de composição de gêneros que questiona a rigidez do conceito de identidade” (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004, p. 472).

Maffesoli (2004, p. 28) reiterou a importância que a estética tem para as tribos urbanas na contemporaneidade:

O *homo politicus* ou o *homo economicus* vai cada vez mais dar lugar, tanto para o melhor quanto para o pior, ao *homo estheticus*. Esse último vai constituir-se nas emoções partilhadas. É na capacidade de colocar em jogo o emocional, o afetual, que vai nos ser necessário, daqui por diante, pensar nesse *homo estheticus*, base daquilo que eu chamo de tribalismo.

O autor ainda assinalou que a valorização da estética, na atualidade, vem gradualmente ocupando cada vez mais diferentes espaços, entre as diversas classes e tribos urbanas, que passam a ser identificadas pelo visual. Ao analisar a estética adotada por um indivíduo, chega a ser possível sugerir quais são seus gostos pessoais, suas crenças, locais que frequenta, entre outros detalhes. A estética na tribo *EMO* é extremamente importante para seus membros. Breno possibilitou-nos perceber os sentidos que ele dá para a estética:

Pra mim, EMO é um estilo. Acho que é isso: um estilo. É adaptado pela pessoa. Eu mesmo gosto muito de usar xadrez, cabelo assim, arrepiado, meio assim, diferente... Aí, eu gosto de calça skin, que é aquela calça colada, tênis All Star, estilo adaptado por mim. (Breno, 16 anos)

William também mostrou a importância da manutenção do estilo estético de sua tribo:

Ééé... Nós gostamos de música, mas, principalmente, moda. Cada um quer ser mais diferente do que o outro. Cabelo, roupa, estilos, assessórios. (William, 17 anos)

Em sua fala, João garantiu não gostar da estética das outras tribos, identificando-se apenas com a aparência da tribo *EMO*:

Ééé... Também aparência, porque eu não gosto muito das outras tribos, do jeito que elas vestem. (João, 17 anos)

Abramo (1994) discorreu sobre a dimensão simbólica utilizada pelos adolescentes assinalando que, diante das diversas expressões culturais, estes jovens demarcam seus espaços utilizando como estratégia o corpo, as roupas, os comportamentos, as expressões, bem como se colocando diante deste mundo social e histórico.

Sendo assim, os adolescentes participantes desta pesquisa afirmaram que têm como prática de atividades no interior da tribo comportamentos de muita diversão. Isso é significado por eles como beber muito, fumar, dançar, namorar, gritar, acampar, conversar, ouvir muita música, enfim, brincar muito. Luciano revelou isso em seu depoimento:

Rir e dar trela e beber. [risos] O que eu mais gosto, mesmo, é a zoeira que a gente faz... Nossa!!! Quando junta a galera, não presta! Faz muitas loucuras! Tem muito amigo meu que é skatista e a gente vai no Vaca [Parque Vaca Brava] e desce aquela descida pra correr risco mesmo, sabe? Sentir que tá vivo... Sei lá! (Luciano, 17 anos)

Breno também revelou o que os membros da tribo *EMO* gostam de fazer quando estão juntos, sendo destaque o gostar de fazer “bagunça” e apresentar comportamentos alterados por causa da ingestão de bebida alcoólica. Assim, se permitem conversar sobre assuntos mais polêmicos e beijar na boca dos outros, sem restrições:

Eu, por exemplo, adoro fazer muita bagunça, ficar alterado. Primeiro, a gente começa a beber. Bebendo, bebendo... Aí, dá aquela alteração, aquela animação. Aí, começa a conversar e as conversas começam a ficar mais picantes... A falar de namoros antigos, do que já fez, do que não fez, do que tem vontade fazer. Aí, o resto começa a entrar nessa coisa. É muito engraçado! Aí, começa, vamos dizer, putaria entre aspas, pros outros, porque, pra gente, é normal falar assim. Aí, um começa a beijar na boca do outro. Aí, começa aquela pegação, todo aquele auê entre a gente e fica entre a gente. (Breno, 16 anos)

Ana Carolina falou sobre a necessidade que os indivíduos da tribo têm de trocar carinho entre si:

A gente tem um lugar só nosso, que a gente fala, assim, que é um lugar. O nome desse lugar é Cortesia. A gente gosta. É um rio e a gente gosta de ir pra lá e ficar a tarde toda bebendo e tal, mergulhando... A gente gosta mais de fazer isso, saca? Ficar junto e conversar. A gente necessita disso, de abraçar um ao outro, às vezes,

ficar um com o outro. A gente necessita muito disso. Trocas de carinhos. (Ana Carolina, 16 anos)

É possível perceber pelas falas dos sujeitos pesquisados que as tribos urbanas buscam construir um estilo próprio e, para lograr tal intento, estabelecem práticas de diversão e atuação características. Maffesoli (2000) asseverou que o hedonismo diário tem necessidade de um lugar para emergir.

Ainda de acordo com o mesmo autor, os pequenos momentos vividos em grupo, que nem sempre estão de acordo com o que está estabelecido socioculturalmente, são extremamente significativos enquanto centralidades subterrâneas. Nesses atos coletivos, em espaços flutuantes, ocorrem as infrações e os desvios historicamente pautados em sociedades complexas, que estão repletas de diferentes crenças e de valores resultantes da estética responsável por manter a sinergia social, a convergência das ações e das vontades, permitindo, assim, a despeito dos conflitos, garantir o equilíbrio destas relações.

Normalmente, os encontros entre os integrantes da tribo *EMO* acontecem nos fins de semana em shoppings ou parques da cidade de Goiânia, como o Parque Vaca Brava, o Parque Mutirama, entre outros. Márcia abordou esse assunto:

Nos finais de semana, sempre costumamos ir pro Vaca Brava, pro shopping, em um lugar onde pode ficar todo mundo sem ninguém encher o saco. (Márcia, 15 anos)

Também se encontram nas casas de alguns deles, em festas com a temática dos animes¹⁵ e shows. Daiane esclareceu esse ponto em sua entrevista:

Todos os dias, praticamente. Não o grupo inteiro, mas boa parte dele. Amigos que fazem parte desse grupo. Encontramos na minha casa, na casa dos outros. No Halloween, agora, foi na casa do João. Ele fez uma festa que foi maravilhosa. Ontem, teve festa na casa do Breno. Frequentamos também praça. A gente ama praça. A gente viaja, acampa em Bela Vista, na fazenda. Encontramos nos animes, também. A gente gosta de variar. Ama ir pra show de rock, no Martim Cererê¹⁶. Teve uma época que nós passamos dois meses, todo sábado e domingo, no Martim, sem parar. Virou rotina. E a gente gosta de variação. A gente gosta assim: um dia vamos para uma praça, vamos num show da Pitty... (Daiane, 15 anos)

¹⁵ Animes [leia-se animês] é uma forma derivada de “animação” criada pelos japoneses para se referir a todos os tipos de animação, tanto às nacionais de lá quanto às estrangeiras. Entretanto, a palavra tem um significado específico na Europa e na América do Norte: animação japonesa. Entre os traços mais marcantes desses desenhos, estão o nariz pequeno, os olhos grandes dos personagens, bem redondos (ou rasgados) e cheios de brilho, para dar emoção às histórias, e os cabelos coloridos e espetados (DEFINIÇÃO..., 2005). Esse estilo único já foi copiado pela moda, por bandas e cantores em seus videocliques e chegou ao cinema e ao videogame.

¹⁶ O Centro Cultural Martim Cererê é um espaço alternativo, localizado em Goiânia, no qual são realizados shows de rock, entre outras atividades culturais.

Geralmente, os encontros são marcados por telefone, e-mail¹⁷, Orkut ou, como Luciano pontuou em sua fala, já existe um encontro previamente marcado no domingo no Parque Vaca Brava ou no Parque Flamboyant.

Ah! Pelo Orkut, liga, telefona... Mas, já é lei! Todos já sabem que pode ir no Vaca todo domingo, tipo 4 horas da tarde, que tá todo mundo lá, debaixo daqueles pés de manga, ou no Parque Flamboyant de vez em quando... (Luciano, 17 anos)

Questionados acerca do que os indivíduos da tribo menos gostam de fazer quando estão juntos, três sujeitos revelaram que não sabem, porque gostam de tudo. Gustavo ficou em dúvida:

O que a gente menos gosta? [risos] Eu não sei! (Gustavo, 16 anos)

Outros sete sujeitos afirmaram que não gostam de discutir, brigar entre eles, como Breno exemplificou:

E... Não tem nada que eu menos gosto. Eu menos gosto das brigas. Quando a gente se reúne pra se divertir e começa a ter brigas, ter discussão, não gosto. Aí, eu fico grilado e eu falo que vou embora. Eu sempre vou, porque eu não gosto que as meninas ficam com raiva até de mim. Porque briga, ou resolve logo, ou eu vou embora, porque eu não gosto. Fica um clima ruim, clima chato. Fica todo mundo pensativo. Fica um no canto fumando, outro pensando... Aí, fica aquela coisa parada. Saí da minha casa pra fazer nada! Então, aí, eu vou embora. Normalmente, brigam por motivo mesmo de namoro, essas coisas assim. Tem um que gosta do outro e esse outro tá namorando com esse outro. Tipo, a Kelly tá namorando com o Fio e o Fio gosta de outro menino, e ele tá namorando com outro menino e fica naquela briga... Ela fica com ciúmes... Isso gera briga. Isso acontece entre eles e afeta a gente, porque a gente fica vendo aquela briga e tal. (Breno, 16 anos)

Sobre as práticas que os membros da tribo *EMO* gostam de realizar quando estão juntos, percebe-se que corroboram os significados que eles atribuem à adolescência quando afirmam ser este um tempo de bagunça, de liberdade, de se divertir e de sentir tudo ao máximo. As emoções são uma temática presente nas falas de todos esses sujeitos, envolvendo todas as atividades e escolhas dos membros dessa tribo.

Sawaia (2000) atestou que os indivíduos pensam, sentem e se emocionam com base em conceitos, já existindo uma forma predeterminada socialmente para pensar e se emocionar. Isso pode ser chamado de emocionalidade cultural, baseada em modos de criar relações afetivas definidas como aceitáveis pelo meio sociocultural, modos de comportar-se em relação às afecções do corpo. Os *EMOs* têm um discurso pronto em relação à emoção, o

¹⁷ E-mail é um serviço disponível na Internet que possibilita o envio e o recebimento de mensagens, entregues por meio de contas individuais (O SERVIÇO..., 2007).

qual, mais do que isso, é uma das características mais fortes da tribo. Kate deixou claro que a tribo *EMO* se define como um tipo mais emocional:

EMO? Até pelo que eu entendo, EMO é uma abreviação de emotional hardcore, que é um tipo mais emocional, mais do EMO. O EMO é uma pessoa mais sensível. Tem mais sentimento, não tem muito preconceito. É isso. Tem mais facilidade de demonstrar os sentimentos, não tem vergonha de mostrar o que sente, é mais alegre, mais criança. EMO é mais criança. EMO não é triste, ele é mais emocional, mais sensível. É isso. (Kate, 15 anos)

Ana Carolina comentou que a troca de carinhos entre eles é uma forma de suprir as carências sem preconceitos:

Também gosto da forma que lidam com as pessoas, dos abraços, dos carinhos. Às vezes, as pessoas estão carentes lá e querem suprir suas necessidades. E a forma atual, não tem preconceito, se... Ah! Eu sou homem, não posso chorar? Pelo contrário! Lá é mais afetivo. Ah! Chorar faz bem para o coração. Ah! Vai lá! (Ana Carolina, 16 anos)

Maffesoli (2000, p. 62) corroborou esta afirmação de Ana Carolina quando defendeu a existência de comunidades afetivas na sociedade contemporânea urbana, que “[...] produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos [...]”, sendo mecanismos de sobrevivência e resistência frente às pressões cotidianas. Para o autor, em todos esses espaços particulares, que constituem as tribos, os laços de afetividade são a condição *sine qua non* de existência e formação.

Breno também reiterou que a tribo *EMO* tem uma teoria dos sentimentos, porquanto eles ouvem uma música e interpretam suas letras, algumas vezes, levando-os a lembrar momentos bons ou ruins. Ele afirmou que, ao se importar com os seus sentimentos, eles também se importam com os sentimentos dos outros:

A teoria de sentimentos mesmo... Há muita gente que fala que o EMO, quando escuta música, ele chora. Mas não é porque ele escutou uma música que ele tá chorando. É porque ele entendeu o verdadeiro sentimento que a música quer trazer. Ele consegue entender a letra, ele consegue interpretar e consegue, também, rever muita coisa que aconteceu com ele. Ele lembra de momentos ruins, momentos bons que ele já teve. Então, ele consegue sentir, né? É um sentimento. EMO é uma pessoa sensível, uma pessoa que se importa com os sentimentos dos outros e com os próprios sentimentos. (Breno, 16 anos)

Breno confirmou que existe uma interpretação errada por parte das pessoas que estão fora da tribo quando afirmam que os *EMOs* são deprimidos, que se encontram para chorar, tratando-os de maneira preconceituosa. Sawaia (2000) assinalou que existe uma política de afetividade que define emoções e sentimentos diferentes por sexo, idade, raça, classe e momento histórico, de acordo com os significados sociais, os quais, quando não são

legitimados, possibilitam interpretações de exclusão. Ao impor suas regras para demonstrar seus sentimentos dentro da tribo, que tem âmbito para além do endogrupo, alcançando as determinações sociais, segundo as quais há ideias preconcebidas de adequação ou inadequação sobre as afecções do corpo, os adolescentes *EMO* provocam reações diferentes dos exogrupos, tanto de aceitação quanto de negação.

Além da característica emoção, a tribo *EMO* também tem em sua origem referências fortes ao seu estilo musical. Como mostrado anteriormente neste trabalho, o termo *EMO* provém da abreviação da palavra inglesa *emotional* e de um gênero musical derivado do *hardcore* (GIRON, 2006). Portanto, *EMO* é uma sigla que caracteriza um grupo de adolescentes oriundos do *punk*, que curtem música, mesclam som pesado e letras românticas. Assim sendo, o estilo musical é uma marca que une a tribo e lhe permite reconhecimento social. Ana Carolina apontou como se relaciona com a música na tribo:

A gente conversa mais, assim, sobre rock, bandas. A gente conversa muito sobre bandas. Tipo, eu adoro descobrir novas bandas na Internet¹⁸. Aí, eu vou passando pras pessoas: “Nossa! Gostei dessa banda. Achei essa banda legal.”. O que eu mais gosto da tribo EMO são as músicas. Sem dúvidas! Depois, as amizades. (Ana Carolina, 16 anos)

Gustavo também revelou a importância que é dada à música na tribo *EMO*:

Conversamos muito sobre música, sobre... A gente conversa sobre muita coisa. A gente tem a mente mais aberta. A gente também tem um pensamento sobre a política, sobre o meio social, sobre as coisas que acontecem. Nós falamos sobre tudo, mas principalmente sobre música. (Gustavo, 16 anos)

Os significados atribuídos à música pelos *EMOs* passam pela forma como esses adolescentes significam a própria tribo e as outras tribos, vez que a música é referencial não apenas desta, mas demarca territórios de diferentes tribos urbanas.

Seca (1988 apud JACQUES, 2007) observou que a música provoca um sentimento de comunidade em fusão, materializando espaços simbólicos e seus aspectos corporais, ao mesmo tempo em que promove um movimento de emoções e de significados não-verbais, que emergem do interior para o exterior do grupo. Com isso, a música difunde novas formas de conformidade coletiva, representa seus ouvintes e cristaliza um sentimento de flutuação identitária e expressiva (SECA, 2004 apud JACQUES, 2007). Ademais, a música representa

¹⁸ A Internet se refere ao sistema de informação global que: 1) é logicamente ligado por um endereço único global baseado no *Internet Protocol* (IP) ou em suas subsequentes extensões; 2) é capaz de suportar comunicações usando o *Transmission Control Protocol/Internet Protocol* (TCP/IP) ou suas subsequentes extensões e/ou outros protocolos compatíveis ao IP; e 3) provê, usa ou torna acessível, tanto publicamente como privadamente, serviços produzidos na infraestrutura descrita (PEREIRA, 1999a).

e é porta-voz de grupos da contemporaneidade, expressando sentimentos e manifestando a ideologia das tribos urbanas.

3.3.4 O poder de se identificar, mas sem fidelidade

Alguns entrevistados fizeram afirmações que deixam claro que eles são membros da tribo *EMO* no coração, no pensamento, na forma de se vestir e de agir, mas não assumem esta identidade quando perguntados a que tribo pertencem. Tal fato pode estar relacionado aos significados sociais negativos atribuídos à tribo, o que dificulta uma declaração consolidada de pertença, de ser efetivamente um membro dela.

João apresentou dois significados sobre a infidelidade à tribo – quando afirmou que já passou por outras tribos e quando tentou se justificar por não se assumir como pertencente à tribo *EMO* –, mesmo se sentindo um membro:

Eu não sei, sabe. Eu já passei por um monte de tribos. Assim, vamos dizer, já fui skatista. E já me empolguei um pouco com grunji, com gótico. Mas, isso foi há um tempo atrás, até os meus 16 anos. Aí, depois que eu achei os EMOs, eu parei. Isso foi há uns dois anos. (Nívia: “Hoje você se assume EMO, ou está no discurso de que eu sou, mas não digo que sou?”) É por causa que muitas vezes, é assim... Não é só pelo fato de você ser EMO. É o fato de você participar da tribo do rock. Você chega aqui, vamos dizer, tem uma turminha de roqueiro. Aí, você chega e diz: “Ah! Eu sou punk.”. Tudo bem. Aí, as pessoas começam a te especular pra ver se você é punk, pra te testar. Aí, você sofre isso. Se você fala que é gótico, você tem que seguir na linha aquilo que é ser gótico. Aí, muitas vezes, você pode ser o maior gótico, o maior punk do mundo, só que tem um monte de gente que fica falando que você é poser, que você não é aquilo. Aí, eu não me declaro EMO por causa disso. Por causa de que... não é pelo fato de ter medo ou alguma coisa assim. É simplesmente pelo fato de que eu não gosto de debater essas coisas. Porque fica parecendo que você realmente quer aparecer e eu não gosto disso. Aí, eu não falo, porque senão as pessoas começam a te perguntar: “Então, o que é EMO? O que você gosta de ouvir?”. Aí, você vai falar que você gosta de ouvir Evanescence. Aí: “Mas Evanescence não é EMO! É gótico!. Ah! Então, você é poser.”. Aí, eu já não falo que sou nada. Eu me sinto EMO, mas eu não falo isso pra ninguém. (João, 17 anos)

João declarou que não se assume como *EMO* para evitar ser chamado de *poser*. De acordo com ele, existe um preconceito gerado pelo fato de que alguns adolescentes, mesmo sem conhecer a história da tribo, sua filosofia, se passam por *EMO* com o objetivo de “ficar” com pessoa do mesmo sexo. Não obstante, na realidade, não são da tribo e sim *posers*. Então, são pessoas que apenas se vestem de acordo com o estilo *EMO*, frequentam os mesmos lugares, mas não comungam na forma de pensar e agir desta tribo, fazendo uso inadequado de sua imagem social, com práticas concebidas como impróprias pelos membros da tribo. Os

verdadeiros *EMOs* reclamam sua identidade de pertencimento a esta tribo afirmando que estariam sendo roubados pelos chamados *posers*. Acrescentaram que algumas pessoas não admitem ser *EMO* e isto tem enfraquecido o movimento. Apesar disso, o movimento *EMO* tem sobrevivido e ainda é consistente, mesmo que tenha sofrido mudanças desde o seu início. Essas transformações são normais, tendo em vista que os indivíduos estão sempre atribuindo sentidos e significados que desvendam as múltiplas determinações sociais, culturais e históricas, as quais revelam um lugar comum para que diversas tribos possam partilhar e configurar seus espaços de existência.

Outro subtema que emergiu das entrevistas, ainda relacionado à fidelidade à tribo, refere-se à participação dos sujeitos na tribo e se esta seria duradoura ou passageira, ou seja, se estes sujeitos acreditam que se manterão fiéis ao estilo da tribo por um tempo breve ou longo. Maffesoli (2000) enfatizou que, na contemporaneidade, não existe o infinito, que nada é para sempre, uma vez que as coisas são efêmeras, muito embora sempre exista a tentativa de ressignificar as mesmas coisas, em uma lógica circular, em uma dimensão cíclica. Ele ainda assinalou que os membros das tribos urbanas estarão sempre fadados a viver o presente, o momento, o aqui-agora.

Todavia, Gustavo, Márcia, William, Leide e Daiane afirmaram que a sua participação no grupo *EMO* será duradoura. William garantiu sua fidelidade à tribo:

Acho que vai ser duradoura, porque os amigos vão crescer juntos e tal. A gente sempre marca pra sair. Mesmo que passe o tempo, a gente fique velho, a gente vai continuar tentando... (William, 17 anos)

Breno e Luciano afirmaram que será passageira e este último defendeu esta posição em sua fala:

Ah! Eu já tô nessa vida já tem uns 4 anos já, né? Mas eu penso em fazer arquitetura. Aí, eu acho que o estilo não vai combinar muito com a área que eu vou querer atuar. Então, é passageiro. (Luciano, 17 anos)

Paradoxalmente, Ana Carolina, Kate e João afirmaram que a sua participação será tanto duradoura quanto passageira, como se pode depreender da fala de João:

Eu acho que é passageira, que é um momento da adolescência que você se identifica, mas duradoura. Porque, depois de uma certa idade, a pessoa fica com o sentimento dentro do coração. Mas ela não começa mais a ter as atitudes, os estilos. Ela começa a usar normal. Mas quem nasce EMO, morre EMO, mesmo tentando mudar. Assim, não querendo ter esse sentimento, ele tá guardado no seu coração. Ele tá lá, não sai. Ele fica como uma coisa que gruda. Você tenta disfarçar. Você pode até falar pros outros, enganar as outras pessoas que você não é, mas fica lá dentro de você. É uma forma de pensar, de ver o mundo, pois, para o EMO, é tudo mais calmo, uma coisa mais sensível, que se importa mesmo. Tipo,

que se importa com um amigo, que se importa com o que está passando na TV, que é um momento sensível da pessoa. (João, 17 anos)

Cada sujeito atribui sentidos subjetivos às suas vivências emocionais e psicológicas tendo como base suas variadas experiências. Em consequência, a compreensão das falas desses sujeitos perpassa por sentidos mais amplos e complexos, englobando suas emoções, desejos e necessidades.

3.3.5 O poder de se identificar sem perder a individualidade e o poder da não-identificação

Márcia indicou que, ao mesmo tempo em que os integrantes das tribos devem seguir o que é preestabelecido por elas como costumes e rituais, estes acreditam que não se pode perder a individualidade e que cada um deve fazer as coisas a seu modo:

Tipo, seguir tudo que o grupo manda a gente seguir, a gente segue, mas da sua forma de pensar, do seu jeito mesmo. Não seguir, assim, ao pé da letra, mas do seu pensamento Tem uma ideia geral, mas dentro dessa ideia se adapta. (Márcia, 15 anos)

No discurso de Márcia, percebe-se a necessidade do respeito aos sentidos pessoais, entendendo que a tribo não pode impedir que o indivíduo mantenha suas particularidades e subjetividades. Para Lane (2006), é no contexto grupal que a pessoa se identifica com o outro e, ao mesmo tempo, se diferencia dele, assim construindo os seus próprios sentidos e produzindo significados sociais. Diante disso, ao organizar sua realidade tendo como fundamento o que lhe é familiar e compartilhado pelo grupo, ou pelo que é estranho ou fora do grupo, o indivíduo atribui significados ao contexto em que está inserido.

Abramo (1994) esclareceu que os *EMOs* utilizam dimensões simbólicas como forma de comunicação entre si e com o seu meio social, com o propósito de alcançar integração ou até um encontro com a lógica do estranhamento, da exclusão.

Sendo assim, no decorrer desta pesquisa, investigou-se se existia alguma prática comum aos membros da tribo *EMO* com a qual os sujeitos pesquisados não concordavam. As respostas dos participantes revelaram que João e Márcia não concordam com os que exageram em relação às roupas e maquiagem, como se pode verificar nesta fala:

Sim. Tem roupas escandalosas, tipo, que exagera, assim, da roupa, da maquiagem, que eu não curto mesmo. Que eu acho que tem que ficar na sua e não ficar se mostrando pra todo mundo da rua. Tem que ser você, pra você mesmo. (Nívia: “Mas você se veste como a tribo?”) É, mas sem exageros. (Márcia, 15 anos)

William, Bruno, Ana Carolina e Luciano afirmaram que não aprovam a atitude de alguns que entram para a tribo para assumir sua homossexualidade, porém, sem revelar para suas famílias, se justificando que são apenas integrantes da tribo *EMO*. Isso demonstra que no interior da tribo também há preconceitos com os integrantes que agem dessa forma, como apontou Luciano em seu depoimento:

Tem muito EMO que não é EMO. Tipo, desses meus amigos que usam calça rosa... Tipo, pra mim, tá mais pra um gay que tem medo de falar pros pais. Aí, os caras falam: "Não, pai, eu uso maquiagem porque eu sou EMO, calça apertada porque eu sou EMO.". Mas, a maioria não tem o estilo. Mas é mais medo de assumir pros pais. Eu não gosto de pessoas assim. As meninas, agora, inventaram esse negócio de From UK. Falaram que é a evolução do EMO. Só que é com o dobro da viadagem, cabelo muito feminino. Aí, eu não sou muito fã do From UK. (Luciano, 17 anos)

Leide, Gustavo, Daiane e Kate disseram que se incomodam quando alguns integrantes da tribo não se apresentam como *EMO*, embora tenham o estilo, andem com a tribo, como revelou Kate:

Ah... Eu não concordo que eles não confessem que são EMOs. Os EMOs que não confessam. Porque eu acho que eles estão se escondendo. Eles não mostram que são EMOs pras pessoas conhecerem. Aí, eu acho que isso aumenta mais o preconceito, que as pessoas, que a sociedade tem com os EMOs, porque eles... até eles... É como se eles tivessem preconceito com eles mesmos, em se esconder e dizer que não é EMO. (Kate, 15 anos)

A fala de Kate é reveladora no sentido de mostrar que no grupo também existem barreiras quanto à liberdade do sujeito em ser e se apresentar como quiser. Nota-se, então, que existem contradições no interior da tribo, indicando que mesmo comungando com muitos significados sobre diferentes conteúdos apresentados nas falas dos sujeitos pesquisados, estes significados passam pela subjetividade de cada indivíduo, permitindo uma construção de sentidos. Portanto, no interior da tribo é possível perceber que existem preconceitos e regras que, se quebradas, provocam atitudes de repulsa entre seus membros.

Também surgiu, no decorrer das entrevistas, outro subtema referente ao que eles pensam a respeito de outras tribos urbanas. Tajfel (1983) e Souza (2004) assinalaram que grupos diferentes fazem comparações entre si, ou até se confrontam, em busca da manutenção da autoimagem social positiva e da supervalorização do endogrupo, na contramão dos exogrupos. Nesse sentido, as autopercepções definidas pelos próprios grupos geram efeitos significativos nos comportamentos sociais.

Como tribos urbanas que não se relacionam bem com os *EMOs*, foram apontadas pelos sujeitos desta pesquisa as seguintes: *playboys* e *patricinhas*, Força Jovem (torcida organizada do Goiás Esporte Clube), *hip hop*, *rappers* e *skinheads*.

Gustavo justificou porque não gosta das *patricinhas* e dos *playboys*:

Com playboy e com patricinha. [risos] Odeio, porque eles se preocupam muito com a questão financeira e eu não olho muito isso, não, nas pessoas. No caso de se vestir com coisa de marcas, tal... Não sou contra a pessoa usar nada de marca, mas aquela pessoa que fica discriminando as pessoas de baixa renda, eu não gosto disso. Pessoas metidas, fúteis. (Gustavo, 16 anos)

Leide, João e Luciano afirmaram não se relacionar bem com a Força Jovem por causa da agressividade desta tribo, uma vez que brigam por qualquer motivo. Luciano exemplificou isso em sua fala:

Força Jovem, torcida organizada, eu acho o cúmulo do absurdo. Torcida organizada, o pessoal que só pensa em bater e xingar e qualquer motivo faz. Eu acho horrível a Esquadrão. O pessoal da Esquadrão vai atrás de outros, mata por causa de futebol, entendeu? Pra mim, é o “ó”. Não dou certo, mesmo! Não converso! Conheço muita gente que é da Força Jovem que é amigo de infância, mas que eu converso de boa, mas evito. (Luciano, 17 anos)

A tribo do *hip hop* também foi citada por William, Daiane e Ana Carolina, porque já brigaram entre si, como afirmou esta última:

Eu não me relaciono bem. [risos] Nem é tribo do rock, aqueles hip hop! Não bate comigo. É pelo fato de já ter tido intrigas. Eles estavam cantando um rap e a gente começou a cantar também, alto, e aí, foi um momento que eles falaram: “Cala a boca! Cala a boca!”. E aí, a gente parou. Fez o que eles pediram, mas eles vieram pra cima pra brigar com a gente. E a gente disse: “Não! A gente não quer briga!”. E aconteceu que teve porrada. Eu acho o hip hop é uma coisa mais pra violência. As letras deles, mais essa parte da violência, morte... Não gosto, não. (Ana Carolina, 16 anos)

A tribo dos *rappers* também foi lembrada como uma das que não se relaciona bem com os *EMOs*, conforme apontou João:

Os manos. Aquele povo que gosta de rap, os rappers, lá, que a gente chama de mano. Não gosto muito, por causa de que as ideologias deles é extremamente diferente da gente. Eles gostam... eles saem é pra brigar. Sai catando quantas mulheres que conseguem a mais. E eu acho que isso é ridículo, sabe? Eu acho que você tem que valorizar a pessoa. E aí, eles saem... Uma vez, a gente tava num grupo e chegou um monte de mano caçando briga. Aí, um deles falou assim: “Não! Deixa de mão. Isso aí é roqueiro. Isso aí não compensa brigar.”. Isso você vê a ideologia da pessoa, que sai pra brigar. Igual aqueles Força Jovem. Pra mim, isso é uma pessoa muito fraca. Não tem intelectual nenhum. (João, 17 anos)

A tribo dos *skinheads* foi lembrada por Kate, ao afirmar que eles têm preconceitos contra a tribo *EMO*:

Não é que a gente não se relaciona bem. É que eles têm um certo preconceito com a gente. Que é os skinheads. Não sei porque, mas eles têm preconceito com a gente. Mas, de nós mesmos de não gostar de outros, eu acho que não. (Kate, 15 anos)

O tema violência foi o que esteve mais presente nas falas dos sujeitos quando estes revelaram as dificuldades que enfrentam em relação às outras tribos urbanas. Esse aspecto apontou para a categoria preconceito, trabalhada na parte quatro deste estudo, que variadas vezes se desdobra em brigas e agressões verbais.

4 ADOLESCENTES *EMOs* E OS SIGNIFICADOS SOBRE SEXUALIDADE E PRECONCEITO

Durante esta pesquisa, ouviram-se os participantes apreendendo-se os sentidos que eles atribuem à sexualidade, bem como se teve acesso ao que eles compreendem como os significados históricos e sociais estabelecidos sobre este tema.

4.1 Sexualidade e afetividade nas relações entre os *EMOS*: sem medo de ser feliz

Para os integrantes da tribo *EMO*, a sexualidade está relacionada com “orientação sexual”. Eles fizeram claras declarações em defesa da homossexualidade e da bissexualidade. Carrara e Simões (2007) esclareceram que a orientação sexual significa interesse sexual de um indivíduo por outro, quer seja de outro sexo, do mesmo sexo, ou de ambos os sexos.

4.1.1 A orientação sexual: significando a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade

Na tribo *EMO*, a orientação sexual para a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade é revestida de falas que expressam “normalidade”¹⁹, pois esses adolescentes significam a sexualidade como algo que permite à pessoa ser feliz, independentemente da orientação sexual do sujeito, acreditando que o mais importante é o sentimento que está envolvido na relação. Kate fala acerca desta “normalidade” da bissexualidade e que acha até mais bonito um casal homossexual que um casal heterossexual:

É mais normal ainda. Eu acho até mais bonitinho... (Nívia: “Explique melhor.”) Na questão de homem com homem, mulher com mulher. É bastante normal você ver isto na tribo EMO. Você vê bastante a questão da homossexualidade. Casais homossexuais. (Kate, 15 anos)

¹⁹ Chauí (2001b) postulou que todas as formas de relacionamento do homem com o contexto em que está inserido ocorrem por meio de vários discursos que orientam a maneira como ele deve agir pelo fato de ser um discurso competente. Sendo assim, entende-se que o conceito de normalidade significa um estado-padrão, no qual a maioria aprova comportamentos socialmente estabelecidos tendo como base setores sociais dominantes.

É necessário entender os significados atribuídos por esses sujeitos para esta “normalidade” em relação à prática da homossexualidade e/ou bissexualidade, vivenciada por eles cotidianamente, porquanto, comumente, na sociedade ocidental, estas orientações sexuais não são significadas desta forma. Góis (2005) afirmou, inclusive, que estas práticas são carregadas de preconceitos, demonstrando um caráter contraditório ao que apregoam os *EMOs*.

Gustavo também declarou que a orientação sexual não importa, que a homossexualidade e a bissexualidade são normais, sendo a felicidade o mais importante:

Eu acho que a sexualidade não importa. Acho que a pessoa tem que ser feliz. Quando eu falo de relacionamento, pode ser mulher com mulher, homem com homem ou homem com mulher. Tudo é normal. Acho que não existe isso. O povo diz que os opostos se atraem. Eu acho que os dispostos que se atraem, né? (Gustavo, 16 anos)

Márcia enfatizou os sentimentos nas relações interpessoais em detrimento à definição da orientação sexual dos sujeitos:

Bom... Tem gente que acha que é fase, mas eu acho que a pessoa pode gostar dos dois sexos mesmo. Tipo, porque tem uns que gostam mais de um ou mais do outro. Mas ela pode gostar igual, na boa, assim... a pessoa que é bissexual, ela não olha o sexo da pessoa. Ela olha o sentimento. (Márcia, 15 anos)

Percebe-se, por intermédio dessas falas, que os sujeitos pesquisados apresentam a homossexualidade e a bissexualidade como orientações sexuais “normais” no interior desta tribo, sendo mais importante o sentimento que é atribuído ao outro em busca da felicidade.

4.1.2 Sexualidade como prioridade

Para Moita Lopes (2002), o início da adolescência é marcado pelo envolvimento com os significados/discursos do amor, do afeto e do sexo. Na tribo *EMO*, a sexualidade é percebida como algo muito importante. A bissexualidade ou a homossexualidade feminina ou masculina são práticas comuns entre esses sujeitos, que afirmam existir heterossexuais dentro da tribo, mas que, de alguma forma, estes já tiveram ou ainda terão uma experiência homossexual com outros membros da tribo, como relatou Breno:

Eu acho assim... que a sexualidade tá muito aflorada entre o grupo. Tipo, a bissexualidade e a homossexualidade. Tem muito pouco heterossexual dentro do grupo. Tem aqueles que falam que não são bi, que não são homossexuais, mas que de vez em quando são. Não se assumem, mais pelo preconceito que rotulam a

gente. Mas eu acho que é uma coisa liberal entre o grupo, é uma coisa normal. Que para outras pessoas, que vê um menino ficando com um menino ou uma menina ficando com uma menina, ficam chocados e dizem: “Isso é um absurdo!”. Mas, pra quem tá dentro do grupo, é a coisa mais normal. (Breno, 16 anos)

Breno reforçou o conceito de normalidade em relação às práticas sexuais realizadas na tribo *EMO*, embora tenha comentado que, por vezes, alguns membros da tribo têm um pouco mais de dificuldade para vivenciá-las por medo da discriminação sem, contudo, obter sucesso. Muitas pessoas acreditam que a homossexualidade é um comportamento anticonvencional da sociedade. Como o grupo de heterossexuais é maioria e, portanto, são os indivíduos responsáveis pela elaboração das leis do comportamento aprovado e desaprovado, o subgrupo homossexual tende a ser considerado como outsider.

4.1.3 Sexualidade: se nasce com ela

Na adolescência, surgem os desejos sexuais, quer seja por alguém do sexo oposto ou entre pessoas do mesmo sexo, que também estão vivenciando este mesmo processo. De acordo com Medeiros et al. (2001), a sexualidade é definida tendo como base a história de vida pessoal somada a aprendizagens que ocorrem dentro dos grupos sociais do sujeito. Assim sendo, esses grupos construirão e recriarão no imaginário social os significados de sexualidade, os quais, por sua vez, assumirão um sentido próprio na vida de cada indivíduo, manifestando-se de maneiras diversas.

Os integrantes da tribo *EMO* se permitem experimentar novas vivências, mas depois que concretizam sua orientação sexual, não têm como voltar atrás, como explicou Márcia ao fazer referência à homossexualidade, de forma contraditória, como algo que não tem tratamento, apesar de saber que a homossexualidade não é uma doença:

Uai... no relacionamento, assim, eu acho que essa sexualidade não devia haver. Tipo, igual mulher que fica com mulher, é porque gosta. Mas, tem uns que ficam só por graça. Tipo, quando gosta mesmo, nem fazendo tratamento não muda isso, e isso é bom. (Nívia: “Tratamento? Então você acha que a homossexualidade é uma doença?”) Não... não acho que é doença... Algumas pessoas falam pra fazer tratamento. Mas, se você gosta mesmo, isso não vai mudar. Pode ir em qualquer psicólogo e ele não vai te fazer mudar. O que me incomoda é quando tem aquelas pessoas que, por exemplo, eu fico com uma mulher, aí, você chega em mim e fala que acha legal, que queria experimentar. Mas, você não sente nada. Você só fica porque todo mundo fica falando pra você que é legal. Mas, eu sinto e você não sente nada. Aí, eu acho você errada e eu certa. Mas, eu não acho que é doença, não. (Márcia, 15 anos)

Alguns membros da tribo são mais radicais com a questão da sexualidade e afirmam que não existe como escolher sua orientação sexual, que as pessoas nascem homossexuais, bissexuais ou heterossexuais. João exemplificou este conteúdo em sua fala:

Eu falo pros meus amigos assim, que eu não vejo diferença. Por causa, assim, eu acho que esse é um princípio que a humanidade tem que mudar. Acho que a humanidade tinha que ver que não é o caso de você escolher ser homossexual ou bissexual. Você não tem como lutar contra isso. Você é empurrado pra isso. Você nasce com isso. Aí, eu acho que homossexualidade não é um caso que devia ser discutido. Eu acho, assim, que quando você aceita essa hipótese, de você não ter escolha, ou de você não ter preconceito, você passa a ver que não tem diferença. Igual, você tem que gostar da pessoa pelo que ela é por dentro e não se ela é um homem ou uma mulher. Eu fico com pessoas que eu gosto, e não pelo fato de... Ah! Só porque é homem você não vai ficar! Se eu gostei, porque não ficaria? Se é mulher também, igual... Tem até gays que são assim: "Aí! Eco, mulher!". Não, eu não penso assim. Eu acho que o que importa é o que tem por dentro, não se a pessoa é um homem ou uma mulher. (João, 17 anos)

Gustavo reforçou a opinião de João afirmando que ninguém escolhe ser homossexual e acrescentou que a sociedade deve aceitar a pessoa como ela é:

Eu penso que a homossexualidade é uma coisa da pessoa mesmo. Eu acho que a pessoa não é homossexual porque ela escolhe. Ela é assim e basta à sociedade aceitá-la como ela é. (Gustavo, 16 anos)

Márcia, João e Gustavo afirmaram que a orientação sexual não é uma escolha e que a sociedade deveria aceitar este fato, como argumentou Guimarães (2004) quando assinalou que o homossexual não faz esta escolha, mas antes reconhece a realidade emocional e sexual de sua orientação.

4.1.4 Sexualidade em questão

Em um primeiro momento, o discurso da bissexualidade sugere que o indivíduo esteja passando por um período de confusão, uma indefinição da orientação sexual, quer seja para a homossexualidade, a heterossexualidade ou a manutenção da bissexualidade. No entanto, em uma análise mais profunda das falas dos participantes, é possível perceber no subtexto a sugestão de que a bissexualidade aparece apenas para esconder a homossexualidade não assumida, feminina ou masculina, como se pode depreender a partir do depoimento de Gustavo:

Eu acho que o bissexual ainda vai se decidir. Acho que é um gay ou uma lésbica mal decidida, que gosta mais de mulher, mas de vez em quando fica com homem só por diversão, só por uma conveniência. (Gustavo, 16 anos)

Luciano contou que, quando foi revelar para sua mãe sua orientação sexual, ele preferiu dizer que era bissexual, pois era mais fácil para ela compreender.

Tipo, assim, eu, por agora, me considero um homossexual. Então, pra mim, é de boa, mas tem muito preconceito. Quando eu falei com minha mãe, disse que eu era bissexual. Se eu falasse que era gay, ela não ia entender... Apesar que eu já namorei meninas também. (Luciano, 17 anos)

Breno se definiu como bissexual, embora tenha afirmado que prefere ficar com meninos, porquanto com as meninas, tem mais laços de amizade e só quando está bêbado fica com elas:

A bissexualidade, pra mim, também é normal. A pessoa tem a opção de escolha, podendo ficar tanto com homem quanto com mulher. Não precisa ter que tomar aquela decisão homossexual, ou seja, pode ter um sentimento pelos dois. Eu, por exemplo, sou bissexual. Mas, normalmente, fico mais com menino. Porque, dentro do grupo, tem mais menino que opta mais por menino. Mas, eu fico com menina, assim, mas é puxado pros meninos. Com as meninas, tenho mais laços de amizade. E então, fica aquela barreira. Na hora de ficar, não consegue. Mas, de vez em quando, quando tá bêbado, faz qualquer besteira. (Breno, 16 anos)

João reiterou o discurso de Breno revelando que se aparecesse um menino perfeito em sua vida e uma menina também perfeita, ele ficaria com o menino:

Eu penso que as pessoas não deviam ver o mundo dessa maneira: hetero, bi ou homo. As pessoas tinham que ver por dentro. Se a pessoa é legal, se ela te agrada. Não se ela é homem ou se ela é mulher. A bissexualidade, pra mim, é isso. Eu não tenho essa coisa, assim: “Ah, eu quero um dia casar com uma mulher.” ou “Eu quero um dia casar com um homem.”. O que aparecer, se eu gostar, se for homem ou mulher, pra mim, não importa. Mas, assim, ééé... vamos dizer, se aparecesse um menino perfeito, igual eu sempre sonhei, e uma menina perfeita, igual eu sempre sonhei, eu acho que eu escolheria o menino. Mas, nunca aparece! Então, eu fico mais com mulher. (João, 17 anos)

Entre as meninas entrevistadas, também apareceram os mesmos conteúdos. Kate afirmou ser bissexual, embora prefira garotas, e justificou afirmando que elas são mais limpinhas, como é possível perceber em sua fala:

Eu sou bissexual, porque eu sinto atração por homens e por mulheres também. Mas, normalmente, eu sinto mais atração por meninas, garotas... Elas são mais limpinhas... (Kate, 15 anos)

Ana Carolina também reafirmou sua preferência por meninas, apesar de também ficar com meninos:

Tem dia que eu sou lésbica e tem dia que eu sou bissexual. Eu fico com homem, mas eu prefiro mais ficar com mulheres. (Ana Carolina, 16 anos)

Luciano explicou que fica com meninas, mas só de beijos e abraços; apenas com os meninos é que tem relações sexuais:

[...] com menina, eu fico, eu beijo e abraço, mas eu nunca tive relação... Eu perdi minha virgindade agora, em janeiro, com o meu namorado. Sabe? Foi minha primeira vez... (Luciano, 17 anos)

William fez um relato diferente, afirmando que se sente bissexual e nunca teve relações sexuais com menino, porque tem medo de gostar e se tornar definitivamente homossexual. Por conseguinte, ele apenas beija e abraça homens:

Bom, tenho nada contra. Já convivo, tal... Tipo, a gente, quando se encontra, eu deixo. Já levei beijo na boca. Quando se encontra, beija mesmo, abraça, tal... Mas, assim, costuma dizer que entre nós, bissexual só fica com bissexual, não fica com homossexual. Porque, se ficar com homossexual, tem medo de virar homossexual, de gostar, entendeu? Bissexual só fica, só dá abraço, beija, tal, pega, essas coisas, mas não faz sexo! Com as meninas, eu não sei como funciona. [risos] A parte da mulher, não sei. Mas agora, homem tem a parte que gosta de mulher e a parte que gosta de homem. Aí, quando tá ficando com homem, aí sente aquela atração, lá. Aí, vai ficar com homem, fazer sexo. Aí, não tem como. Então, bissexual masculino não faz sexo com homem [homossexual] porque ele tem medo de fazer e gostar. Assim, você nunca fez. Você vai experimentar e pode gostar. (William, 17 anos)

As falas desses sujeitos revelam que sua preferência sexual recai em pessoas do mesmo sexo. Mesmo quando William afirmou que não pratica relações sexuais com indivíduos homossexuais, isso não ocorre porque ele tem medo de gostar, o que sugere que sua orientação sexual é a homossexualidade. Contudo, esses sujeitos insistiram em afirmar que se sentem atraídos por pessoas do outro sexo, mantendo um relacionamento bissexual.

Castañeda (2007) assinalou que as famílias, os amigos de adolescentes homossexuais e, algumas vezes, até mesmo os próprios adolescentes acreditam que a orientação homossexual está relacionada com o fato de que estes têm pavor do sexo oposto ou nunca tiveram experiências heterossexuais. Os integrantes da tribo *EMO* revelaram, na prática, que isto não faz parte da realidade deles, e que, por vezes, viver experiências sexuais com pessoas do sexo oposto faz com que o adolescente consiga compreender o que sente e, assim, assuma sua orientação sexual para si próprio e para a sociedade.

Nessa perspectiva, a bissexualidade se explica pela necessidade de buscar autoconhecimento para alcançar o verdadeiro reconhecimento de sua orientação sexual, que na totalidade dos sujeitos desta pesquisa passa pela homossexualidade.

4.1.5 Sexualidade liberada

Os membros da tribo *EMO* buscam ser identificados pelo discurso da liberdade sexual, defendendo que a sexualidade não pode ser engessada no sexo das pessoas, mas simplesmente na pessoa. Isso posto, eles afirmam gostar de pessoas independentemente do sexo delas e que o mais importante é a emoção envolvida nestas relações, como pode ser apreendido no depoimento de Leide, quando ela destaca que os membros da tribo são mais liberais:

Eu penso que a pessoa pode ser o que ela quiser e ficar com quem ela quiser, porque eu acho que amor a gente não deve definir por homem ou mulher. Acho que se a pessoa se sente bem, se ela quer ficar com a pessoa do outro sexo ou do mesmo sexo, que fique. Se ela estiver se sentindo bem, não tem essa regrinha de só homem pode ficar com mulher. (Leide, 15 anos)

Luciano também mostrou este mesmo conteúdo em seu depoimento, relatando que beija na boca das amigas e também dos amigos, sendo os participantes da tribo pessoas mais liberais:

Eu nunca tive problemas com isso e sempre fui muito amigo das minhas amigas e amigos. A gente beija na boca, não tem nóia nenhuma entre nós. É muito bom também. A gente é mais liberal, beija mesmo. É emoção! (Luciano, 17 anos)

Na tribo *EMO*, o discurso da sexualidade é muito recorrente, sendo objeto incitador para seus integrantes, que têm a preocupação de reforçar a questão da liberdade sexual, de acordo com a qual, é permitido exprimir seus sentimentos e seus desejos.

4.1.6 Sexualidade sem promiscuidade

Apesar da defesa da liberdade sexual, em algumas falas dos participantes parece existir preocupação em não cair na vulgarização da sexualidade, ou seja, passar a impressão de que os membros da tribo *EMO* praticam sexo com qualquer pessoa sem nenhuma seleção prévia. As falas de Ana Carolina e de João revelaram que os relacionamentos dentro do grupo estão pautados no amor e no sentimento pelo outro.

Eu sou a favor do amor e eu sou a favor do prazer também. Se a pessoa está querendo sentir prazer, sei lá, escolhe uma pessoa pro sexo, beleza. Mas, eu sou mais assim, se a pessoa chegar em mim e falar: “Vamos fazer sexo?”. Eu digo: “Não. Vamos fazer amor.”. É diferente. A gente, na tribo EMO, é contra o sexo e a favor do amor. É isso. (Ana Carolina, 16 anos)

João se sente um pouco velho para “transar” com qualquer desconhecido que encontra. Acredita que é preciso gostar um pouco da outra pessoa para fazer sentido ter uma relação sexual:

Eu sou meio velho pra isso. Assim, eu acho que é uma coisa muito sagrada, sabe? Eu acho que não é um ponto de você... Igual, tem muita gente que sai nas festas e sai transando com todo mundo. Eu acho que você tem pelo menos que gostar um pouco da pessoa. Eu acho que é isso. Não tô falando que nunca transo, que não faz nada, mas acho que tem que pelo menos ter alguma rédea nisso. Eu acho que você tem de saber com quem você tá transando. Se é seu amigo, se você gosta da pessoa um pouco. Acho que é isso. (João, 17 anos)

Os depoimentos de Ana Carolina e João apresentam os significados que eles atribuem à relação sexual como algo além do ato sexual em si, relacionado a sentimentos, ao amor. João chegou a afirmar que sexo é sagrado e que, portanto, existe uma necessidade de preservar uma seletividade de parceiros para praticar relações sexuais. Guareschi (1999 apud BISCOLI et al., 2005) apontou que a sexualidade está nas relações internas do sujeito e nas relações sociais. Destarte, o sexo seria uma parte da sexualidade, porém não a representando como um todo, mas envolvendo mais que sexo. Além das questões biológicas e físicas, a sexualidade envolve os aspectos psicológicos, afetivos, emocionais, ou seja, é expressão da subjetividade humana.

4.1.7 Sexualidade e fidelidade

Na tribo *EMO*, o conceito de fidelidade é vivenciado de forma diferente daquilo que é preestabelecido socialmente, vez que não se cobra monogamia dos integrantes. Dessa forma, mesmo quando estão namorando, podem “ficar” com outras pessoas. Contudo, existe uma regra entre eles a respeito do conceito de traição, como explicou Daiane:

Traição é quando, em um casal normal, o homem trai sua companheira... Mas, no grupo EMO, existe traição e variação. Nesse caso, aí, é tipo assim: eu tô namorando com uma mulher e eu fico, transo com um homem. Tudo bem! Isto é variação. Agora, se eu busco em outra mulher o que eu já tenho em minha companheira, aí, já é traição. Mas, é por isso que é muito igual isso na tribo. Você pode ficar com uma pessoa do mesmo sexo e, se você não está namorando, aí, não dá problema. (Daiane, 15 anos)

William também comentou que, na tribo *EMO*, os relacionamentos interpessoais são abertos e que, de certa forma, ele se incomoda um pouco com isto; porém, como faz parte da tribo, é aceitável:

Relacionamento... Assim, eu conheço pessoas que têm relacionamento aberto. Tão namorando, mas tão “ficando” com outras pessoas do grupo. Eu acho meio estranho, mas de boa. [risos] (William, 17 anos)

Ana Carolina explicou que viver a bissexualidade é muito complicado, porque é difícil saber quando seu parceiro está interessado mais em uma menina ou em um menino, mesmo quando se está namorando, pois, como mencionado, eles não consideram traição quando em um casal de meninas uma delas fica com um menino. Por consequência, isso gera insegurança na relação, tornando-a mais complexa.

A bissexualidade, eu acho que, quando uma pessoa tá com muita dúvida do que quer realmente, ou se já escolheu o que quer realmente, e que quer os dois. Pra mim, supernatural. Concordo, apoio totalmente e acho que é até mais fácil e mais difícil. Mais fácil, porque você tem duas opções; e mais difícil, porque quando você está com uma mulher, você não sabe se ela vai ficar com um homem. (Ana Carolina, 16 anos)

Os membros da tribo *EMO* significam o “ficar” com o outro como traição apenas quando o parceiro busca no outro algo que já existe na relação atual, ou seja, em um casal de meninas, uma das parceiras “fica” com uma terceira pessoa do sexo feminino; se esta terceira pessoa é do sexo masculino, o relacionamento é aceitável e entendido como variação. Este modo de significar a fidelidade revela as formas diferentes das relações na contemporaneidade, porquanto as pessoas têm encontrado novas modalidades de relacionamento sexual e amoroso entre casais. No entanto, é possível apreender que este novo modelo, mesmo sendo aceito e praticado pela tribo, provoca nestes adolescentes sentimentos de insegurança e conflito emocional, desde que sentem a estabilidade da relação ameaçada e instável. Isso revela que, se por um lado a liberdade e a independência em uma relação entre casais é fundamental, na contramão disso, a estabilidade e a segurança que os modelos tradicionais defendem também podem ser importantes.

Heilborn, Cabral e Bozon (2006, p. 212) explicaram que, na contemporaneidade, novos modelos de relacionamento entre casais têm surgido, seguindo padrões culturais, sociais e históricos: “A opinião sobre fidelidade funciona como barômetro da moralidade desejável nas relações afetivas. Trata-se de um tópico sensível para descrever a mentalidade de uma época ou geração”. Como referido por Bauman (2004, p. 46), a infidelidade conjugal encontra no “líquido mundo moderno” as condições favoráveis à sua emergência, dado que este mundo “detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo”.

4.1.8 Sexualidade sem exageros

Na tribo *EMO*, são estabelecidas diferenças entre *gay* e *bicha*. Para eles, não existe problema se pessoas do mesmo sexo mantêm um relacionamento amoroso e sexual, mas não concordam com alguns membros homossexuais que exageram em seus comportamentos, como relatou Márcia em sua entrevista:

Bom, assim... Eu vendo, assim, na minha frente, eu não acho legal. Mas, eu respeito e procuro não apoiar totalmente. Assim, eu apoio quando é sentimento mesmo. Mas, igual, por exemplo, a pessoa se transformar totalmente... Por exemplo, um homem que se transforma em mulher totalmente, eu acho errado. Também tem mulher que se transforma em homem totalmente. Supererrado. (Márcia, 15 anos)

Ana Carolina concordou com essa afirmação reforçando que esse tipo de comportamento decepciona os pais. Ela também acredita que não se deve decepcionar tanto os pais:

Eu penso que é normal. Assim como um homem e uma mulher ficando no Vaca Brava, porque não dois homens? Porque não duas mulheres? Normal pra mim. Mas, a frase que eu uso muito é a seguinte: “Gay sim, bicha nunca!”. (Nívia: “É qual é a diferença entre *gay* e *bicha*?”) *Gay é um homem normal, que usa um corpo de homem, que senta como homem e age como homem, porém gosta de outro homem. Vai pra festa, dança pra c..., agita pra c..., beija outro homem, fica com outro homem. Agora, bicha é aquela pessoa que é mais afeminado, uma vizinha mais escrota. Aí, não que tenha preconceito, é que eu... sei lá! Não dá pra combinar comigo, saca? Respeito, converso, tenho vários amigos que são, acho até divertido. Mas, sei lá... É o jeito delas. Mas, eu falo isso muito pro meus amigos. Assim, quando vão sair, eu brinco assim: “Uai, cara tá estranhando?”. [com voz grossa] Aí, eles falam: “Aí! Para, sua bicha nojenta!”. [com voz afeminada] Assim, nós brincamos muito. Eu gosto disso. Mas, assim, pra vida real, não. Aí, já fica, assim, mais decepcionante pros pais, pra sociedade. Não vale a pena decepcionar tanto os pais, assim. Já é gay, pra que ser bicha?* (Ana Carolina, 16 anos)

Márcia e Ana Carolina expuseram em suas falas a intolerância aos homossexuais que se comportam de forma mais afeminada na tribo. Corroborando o discurso desses sujeitos, Silva (1999) esclareceu que prevalece a impressão de que a sociedade tolera melhor que o sujeito se comporte como homossexual *gay* do que quando ele torna evidente sua preferência por meio da visibilidade, porquanto, dessa maneira, estará instigando um mal-estar em seu entorno e, por consequência, terá de arcar com esta transgressão.

Desse modo, as falas dos sujeitos que apresentaram, em um primeiro momento, sua orientação sexual como “normal”, em seguida revelou-se contraditória, pois estes indivíduos reproduziram um discurso tradicional, e de certa forma preconceituoso, quando afirmaram

não aprovar o homossexual mais afeminado. Percebe-se que eles aprovam a sexualidade que a tribo pratica, embora não tolerem as outras formas de expressão homossexual.

4.1.9 Sexualidade: sua marca tribal e o futuro

Os membros da tribo *EMO* usam franjas longas, caídas sobre os olhos, apenas de um dos lados do rosto. Ao serem perguntados se isso tem algum significado, pois é uma característica marcante do grupo, Breno declarou que:

A franja do EMO representa a bissexualidade: um lado homem e um lado mulher. Igual o Yin e Yang, que tem aquelas duas partes. A franja representa a parte sensível, porque a maioria das mulheres são sensíveis. Representa a feminilidade também. E o lado normal representa a masculinidade. É dividido, a bissexualidade. (Breno, 16 anos)

A tribo *EMO* emprega alguns estereótipos estéticos bem definidos, que os caracterizam e os identificam enquanto tribo, ainda existindo uma marca que explica a sexualidade dos membros da tribo, que é a franja. Chidiac e Oltramari (2004) assinalaram que o uso da franja contribui para a composição da fusão entre o masculino e o feminino e, simultaneamente, demarca a junção dos sexos.

Os membros da tribo *EMO* acreditam que a bissexualidade será a orientação sexual mais comum no futuro. Daiane frisou que as pessoas se acostumarão e, no futuro, terão a mente mais aberta e aceitarão a bissexualidade.

Acho que o futuro começa da gente. Nessa etapa de adolescência que tá agora, por exemplo, eu convivia com amigos que eram superheteros, heteros até demais e deu no que deu. E aí, nós vamos conhecendo pessoas e as pessoas, num primeiro momento, espantam: aí, menina beijando menina, menino beijando menino. Mas aí, as pessoas vão começando a achar normal. Aí, de repente, experimenta e gosta e depois vai mudando. Vão ficar com a mente mais aberta. (Daiane, 15 anos)

João revelou em sua entrevista que as pessoas que são mais velhas hoje e, portanto, preconceituosas, morrerão e, no futuro, os velhos serão os adolescentes atuais, que estão vivendo uma época em que o conhecimento é mais acessível e, conseqüentemente, com menos repressão. Dessa forma, a bissexualidade será muito comum futuramente.

Eu creio que... antigamente, as pessoas eram muito reprimidas. Igual, vocês que quando iam fazer uma coisa, vocês não podiam porque senão vocês iam ser julgados e iam ser errados. Igual, antigamente, um homem beijar outro homem era inaceitável. Mesmo vocês tendo vontade de querer fazer aquilo muito, vocês não faziam por medo, por receio... Hoje em dia, não. Hoje em dia, é bem mais aceitável e tem até estudos desses assuntos. Éééé... Que hoje em dia é mais aberto, as

peessoas entendem mais. Daqui uns 30 anos, a bissexualidade vai ser uma coisa extremamente comum porque... eu acredito por causa que, daqui a 30 anos, as pessoas ignorantes de antigamente já vão ter morrido... E quem vão ser os velhos do futuro somos nós. Então, pra gente, vai ser normal. (João, 17 anos)

Essas afirmações sugerem a necessidade de justificar socialmente a orientação sexual desses sujeitos, que passa pela homossexualidade e pela bissexualidade. Para Foucault (1981 citado por ORTEGA, 1999), o processo não é o de descobrir quem se é, como se é ou porque se é de determinada maneira, mas sim de como fazer a vida ser uma experiência transformadora e inovadora sempre, libertando-se das imposições morais socialmente postas e reguladas. “As decisões sexuais possuem uma dimensão existencial, atravessam a totalidade da vida e são suscetíveis de transformá-la [...] Ser homossexual significa para Foucault ser em devir.” (ORTEGA, 1999, p. 166).

4.1.10 Namorar e “ficar”: namorar é compromisso, “ficar” é curtição

Analisando as falas dos sujeitos desta pesquisa sobre o “ficar”, pode-se apreender os significados que eles atribuem a este tipo de relacionamento como: diversão, sugerindo não obrigatoriedade de sentimento; desejo por contato físico, que ocorre com mais de uma pessoa no mesmo encontro, indicando ausência de compromisso e exclusividade; “loucura”, apontando para uma forma de transgressão e liberdade.

Leide descreveu o que é “ficar” fazendo uma comparação com o que é namorar. Assim, revelou que “ficar” significa ter um relacionamento episódico e ocasional, o qual, muitas vezes, dura apenas algumas horas, ao longo de uma festa, show ou “balada”, envolvendo carícias sem compromisso futuro, com caráter superficial e passageiro. Em contraste, namorar é ter compromisso, como algo mais sério, permanente, relacionado com o sentimento de amor. Busemann (1988) elucidou que, na contemporaneidade, o namoro é significado como um relacionamento afetivo que mantém constância, duração, compromisso e sentimentos entre seus pares, porém sem o elemento do definitivo, como acontece no caso do matrimônio. Leide afirmou que:

“Ficar” é quando eu vou para uma festa e “fico” com cinco ou seis pessoas ou até mais. Namorar é quando eu vou para uma festa e fico só com aquela pessoa e a gente acaba saindo para outro lugar e Deus sabe o que faz. Namorar é quando você sai da sua casa com seu namorado, e vai pra festa com seu namorado, e volta pra casa com seu namorado e, no outro dia, você continua com o mesmo namorado. (Leide, 15 anos)

Breno explicou que no namoro existem algumas regras que devem ser cumpridas, pois, para namorar, deve haver fidelidade e as pessoas não podem sair traindo seus pares:

Acho que “ficar” é uma coisa assim... Igual, a gente vai à alteração. Na hora que você tá alegre, se quer fazer alguma coisa, aí, você “fica”. Namorar é uma coisa mais séria, uma coisa mais certa, que você tem que seguir algumas regras no namoro. É uma coisa fixa, que você não pode ficar desviando, traindo... Mais fiel. (Breno, 16 anos)

João complementou a colocação de Breno afirmando que namorar está relacionado com amor, com paixão e com compromisso. Ele declarou, também, que nunca namorou porque nunca se apaixonou:

Pra namorar, tem que ter amor, tem que gostar. Eu, até hoje, eu nunca namorei, porque eu acho que namoro tem que ser uma coisa mais séria. E eu não gosto dessas coisas assim: “Ah! Vamos namorar!”. “Vamos!”. Aí, já tá namorando. Aí, passa uma semana, aí, já acabou. Aí, volta de novo. Eu acho que, pra você namorar, pra você firmar um relacionamento, você tem que gostar da pessoa, você tem que realmente estar apaixonado. E eu nunca me apaixonei. Então, eu nunca namorei. (João, 17 anos)

Tendo por base as declarações dos sujeitos desta pesquisa, fica claro que, embora eles mantenham a prática do “ficar”, preferem namorar. Justo (2005) informou que o “ficar”, na atualidade, é um tipo de relacionamento afetivo comum, mas que este fenômeno deve ser investigado como uma construção histórica social, que abrange outras dimensões da sociedade. A abreviação do tempo, bem como o caráter efêmero e provisório do “ficar” são percebidos igualmente em outras relações, como trabalho, amizade, entre outras. Na contemporaneidade, o tempo é acelerado e as pessoas buscam se adequar a esta velocidade. Como resultado desse movimento, os vínculos psicossociais tornam-se fragilizados, ocorrendo sentimentos de incerteza e insegurança, possibilitando sugerir-se que esta seja uma razão que tenha levado os sujeitos pesquisados a preferir o namoro.

4.1.11 Casamento: uma expressão das contradições

Para os adolescentes pesquisados, o conceito de casamento está repleto de sentidos diferentes, embora todos tenham como base os significados sociais e suas histórias de vida pessoal. Entre os sentidos mencionados por eles, destacam-se: casamento como alguma coisa para ser realizada em futuro bem distante; responsabilidade, sofrimento e sonho, ao mesmo

tempo em que se torna prisão, como um compromisso que é para sempre; casamento só com amor.

O que se pôde perceber analisando as falas destes sujeitos é que, ao mesmo tempo em que mostram desejo de efetivar um relacionamento conjugal, este vem carregado de significados, que são ora idealizados do outro e de si mesmo, ora apresentam-se repletos de tensão e conflitos, os quais podem levar a sofrimento, perda de liberdade, muita responsabilidade e separação.

Giddens (1992) acentuou que os ideais do amor romântico, de que este é para sempre e único, não prevalecem na conjugalidade contemporânea. Assim, os sujeitos pesquisados opinaram acerca do casamento como uma experiência repleta de expectativas positivas e negativas que podem tanto provocar felicidade quanto tensão e conflito, possibilitando uma separação. Gustavo mencionou que tem intenção de casar, mas daqui a 20 anos:

Casamento... Eu pretendo casar, ter filhos, mas não agora. Deus me livre! Futuramente, daqui uns 20 anos. (Gustavo, 16 anos)

Márcia revelou não pretender se casar, porque relaciona casamento a responsabilidade e, sendo assim, prefere viver sozinha.

Uai... Casamento com as outras pessoas, assim, é muito bom. Mas, tem que ter muita responsabilidade por causa que... Eu não pretendo casar, porque é muita responsabilidade. Eu prefiro viver sozinha, mesmo. (Márcia, 15 anos)

Luciano salientou que casamento é sofrimento, porque depois de alguns anos de felicidade, começam as brigas, tornando-se, então, uma questão muito séria. Berger e Kellner (1970) definiram casamento como uma situação legitimada socialmente em que dois estranhos, com histórias pessoais diferentes, se encontram e se redefinem. Luciano declarou acreditar que o casamento de sua mãe não deu certo porque ela não encontrou a pessoa correta:

O casamento é uma coisa que é bem... Eu acho um relacionamento muito sério, porque minha mãe foi casada 15 anos. Depois de cinco de felicidade e dez só brigando, aí, minha visão de casamento... Meu pai batia na minha mãe. Eu não gosto! É uma coisa bem séria, mesmo. Tem que achar a pessoa certa. Assim, minha mãe casou mais porque ela tava grilada com meu avô, que falou pra ela não casar. E ela foi lá e casou de birra e tomou na cara. (Luciano, 17 anos)

Kate apresentou uma contradição em sua fala quando explicou seus sentidos e significados sobre casamento. Ao mesmo tempo em que ela sonha se casar de véu e grinalda, acredita que o casamento tira a liberdade e prende uma pessoa à outra. Os casamentos são

muito influenciados pelos valores do individualismo, que imperam na contemporaneidade, enfatizando mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge que a relação de dependência entre eles. Dessa maneira, Féres-Carneiro (1998) concluiu que valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades. E conseguir ceder diante das individualidades foi retratado por Kate como perder a liberdade, se sentir presa:

Casamento... [risos] Eu acho que todas as pessoas sonham com véu e grinalda, aquela coisa, lua de mel... Mas, por enquanto, eu não penso em me casar. Futuramente, mas quem sabe, né? [risos] (Nívia: “E porque você pensa assim?”) Ai, porque eu acho que, como sou adolescente, eu gosto da liberdade. Se eu casar, eu acho que eu vou me sentir presa àquela pessoa. Não vou poder ficar com outras pessoas. [risos] (Kate, 15 anos)

João relatou crer que casamento é muito importante, mas deve durar para sempre. Ele afirmou não concordar com separação, porquanto, em um relacionamento, a pessoa deve se fidelizar à outra:

Uma coisa muito importante... acho que... eu acho que, se for pra casar, é pra casar mesmo, sabe? Sem essa coisa de separar. Nada disso! É por isso que eu nunca namorei. Por causa de que eu acho que tem que ter amor no relacionamento. Eu acho que nem deveria existir a palavra namoro. Eu acho que, se você gosta, você simplesmente se fideliza com aquela pessoa. Não precisa sair espalhando pra Deus e o mundo. Igual, se chegar a “ficar” com você e se você estiver gostando de alguém, você não vai “ficar”. Eu acho isso muito vulgar. Eu acho que a pessoa tem que ter essa restrição, tem que seguir essa linha. Eu, pelo menos, sigo. Por isso que eu acho que relacionamento é uma coisa bem mais importante. Por isso, eu só “fico”. (João, 17 anos)

William afirmou que, para casar, tem de gostar muito. Em seu depoimento, traçou uma relação direta entre o casamento e o sentimento denominado amor, afirmando que o casamento deve ser realizado tendo como base muito afeto:

Pra mim, agora não! [risos] Quem sabe mais pra frente... Mas, casamento, as pessoas falam, tem que gostar muito... (William, 17 anos)

Sendo assim, de forma geral, os adolescentes pesquisados continuam reproduzindo a expectativa de casamento socialmente aceita, a qual, conforme postulado por Berger e Kellner (1970), engloba criar para o indivíduo uma determinada ordem, objetivando dar certo sentido à vida. No entanto, estes jovens agregaram um elemento novo a este tema, afirmando o desejo de encontrar um companheiro de que se goste como fator preponderante para a felicidade, independentemente do sexo do parceiro, incorporando o conceito da bissexualidade ao casamento. A fala de Ana Carolina foi clara e assertiva, não deixando

margem a dúvidas quanto aos significados atribuídos por ela ao casamento e à bissexualidade:

Ai, ai... Meu sonho é casar com uma pessoa que eu realmente goste. (Nívia: “De preferência do mesmo sexo?”) Olha, pra mim, assim, se eu casar com homem, tudo bem, se eu casar com uma mulher, tudo bem. É que eu gosto de menino, mas também gosto de menina, sabe? Pra mim, tanto faz, que eu realmente goste. (Ana Carolina, 16 anos)

Essa fala reafirmou o que estes sujeitos vêm dizendo ao longo deste estudo, dando ênfase ao sentimento e ao amor pelas outras pessoas, reiterando que o sexo do parceiro é irrelevante e salientando que podem encontrar a felicidade tanto com homens quanto com mulheres.

4.1.12 O amor como norteador das relações na tribo *EMO*

O amor é construído sócio-historicamente, sendo fatores culturais, ideológicos, sociais, políticos e econômicos constituintes de seus significados. Silva (2002) indicou que a escolha do parceiro é pautada nos modelos de cada época, dando formato aos relacionamentos amorosos centrados no amor.

Os membros da tribo *EMO* vivenciam dentro da tribo experiências de liberdade sexual, pois defendem as orientações sexuais da bissexualidade e homossexualidade, acreditando que o desejo pelo outro não está condicionado ao sexo do parceiro, mas sim aos sentimentos, muito valorizado por eles, e que permeiam suas escolhas e ações. O código estabelecido socialmente na tribo permite que eles se sintam parte do todo e, concomitantemente, vivam suas experiências individuais. Como consequência disso, ora eles valorizam o amor verdadeiro e eterno, como uma práxis necessária para alcançar a felicidade, ou seja, acreditam e defendem o amor romântico, e ora eles trazem em suas falas uma prática de um amor líquido, o qual, para Bauman (2004), se trata de relacionamento no qual não existe a obrigatoriedade de relações duradouras.

Márcia e Leide falaram sobre o amor eterno e verdadeiro. Márcia declarou acreditar em amor verdadeiro, que dura uma vida inteira, afirmando que já amou e que pretende amar para sempre essa pessoa:

Bom, acho que estou naquela fase que todo mundo fala que o amor não existe e tal. Mas, pra mim, existe, por causa que... Tipo, existe o amor verdadeiro, que você leva pra você a vida toda independente do que a pessoa fez com você. (Nívia:

“Você já amou?”) *Bom, eu acho que eu já amei e ainda amo, e isso eu pretendo carregar pra vida toda, mesmo não estando com a tal pessoa.* (Márcia, 15 anos)

Leide frisou que o amor é lindo, mas apenas se for de verdade, porque, na atualidade, as pessoas já não sabem mais o que é o amor e, inúmeras vezes, nem o reconhecem, pois poucas estão buscando uma relação amorosa mais séria. Assim, Leide teceu considerações sobre como a maioria das pessoas está significando o amor, dando notícias sobre a fluidez deste sentimento entre as pessoas na contemporaneidade:

Lindo... mas se for amor de verdade. Porque, hoje em dia, as pessoas fantasiam tanto! Muitas pessoas, na verdade, não sabem o que é o amor. Eu acho que, hoje em dia, tá muito difícil amor verdadeiro. Porque as pessoas podem até achar o amor verdadeiro, mas não acreditam que acharam e acabam perdendo. Então, por isso, que eu acho que poucas pessoas levam a sério a relação de duas pessoas. (Leide, 15 anos)

Em seu depoimento, Kate evidenciou a complexidade do amor ao afirmar ser este provedor de prazeres e tristezas: no primeiro caso, o sentimento está relacionado com a companhia do outro; já no segundo, com a falta de correspondência do amor pelo parceiro.

É um sentimento tão ruim, mas tão bom ao mesmo tempo. É bom você saber que você ama alguém, que você quer estar perto da pessoa, direto, 25 horas por dia. Mas, é ruim quando você não é correspondido. Aí, vem choro e choro. (Kate, 15 anos)

Para Kate, o amor é um sentimento que se revela dialeticamente entre o ter e o perder, gerando momentos ora de prazer, ora de dor, quando os encontros são realizados, gerando satisfação em certas ocasiões e frustração em outras, quando não é correspondido.

Ana Carolina acrescentou que todas as pessoas deveriam experimentar esse sentimento, pois existem diferentes tipos de amor: maternal, fraternal, romântico. Também comentou que o amor pode ser a melhor coisa que existe, mas também a pior, tendo em vista que pessoas matam em nome deste sentimento.

Aí, eu acho que viver sem o amor nós não somos ninguém. Acho que não existe. Acho até as pessoas que são piores, pessoas ruins, mesmo, de coração, acho que têm amor. Aí, como eu posso falar? É, ao mesmo tempo, complicado e fácil. Fácil de amar, mas, às vezes, você está sendo amiga de uma pessoa, de repente já tá amando ela. O amor é muito complicado. Ou, então, tem vários tipos de amor também. Vamos supor, eu tenho o amor da minha mãe, tenho o amor do meu amigo, tenho o amor do meu namorado. Supondo, assim, acho que o amor é a melhor coisa que existe e, às vezes, pode ser também a pior. Tem gente que até mata por amor. (Ana Carolina, 16 anos)

Em sua entrevista, Ana Carolina trouxe conteúdos que dão significados ao amor na contemporaneidade e na sociedade ocidental, tanto quando expôs sua opinião acerca dos tipos

de amor quanto quando abordou a questão do amor violento. Sternberg (1989) defendeu a existência de três componentes no amor – intimidade, paixão e decisão/compromisso –, os quais definem vários tipos diferentes de amor quando interpretados sozinhos ou em seu interrelacionamento uns com os outros. Por seu turno, Bourdieu (1999) discorreu sobre a possibilidade de o amor ser tanto um fator protetor quanto um fator de risco para a dominação e, portanto, para a violência, podendo ocorrer até homicídios no interior de uma relação interpessoal. Nem sempre, o amor significa coisas boas, como bem salientou Ana Carolina.

Breno revelou as possibilidades de amar tendo como base os modelos atuais, que fogem dos moldes do passado, tal como vivenciar um relacionamento pela Internet. Ele asseverou ter vivido uma história de amor com essa característica, com uma pessoa que morava em outra cidade e sem nunca terem se encontrado pessoalmente:

Eu já me apaixonei uma vez e foi por um menino de Internet. Foi um amor, assim, que foi muito forte pra mim e pra pessoa. A gente ficava até de madrugada conversando. Ele dizia que não era uma paixão o que ele tava sentindo por mim, era amor. Eu sentia também que não era uma coisa passageira. Tanto, que até hoje eu ainda gosto dele, sabe? (Nívia: “Vocês chegaram a se conhecer?”) Não, não chegamos a nos conhecer, porque ele é de São Paulo e eu, de Goiânia. Mas, era praticamente com se a gente se conhecesse, de tanto tempo que a gente conversava. Acho que foi a única pessoa que eu me apaixonei de verdade. (Breno, 16 anos)

Ele assegurou que o amor pode se sobrepôr às barreiras da distância geográfica. Segundo Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008), atualmente, a Internet criou possibilidades de relacionamento interpessoal, utilizando como recursos eletrônicos os e-mails, os chats²⁰, os sites de relacionamento, entre outros, como substitutos das antigas cartas e do telefone. Esse meio de comunicação viabiliza aos indivíduos uma relação de interação com o mundo, que permite conhecer pessoas, ampliando exponencialmente o número de relacionamentos interpessoais (MACHADO-GUIMARÃES, 1998).

4.2 Preconceito: a coragem de ser um *outsider*

Chauí (2007) ponderou que a sociedade brasileira, de origem colonial escravista, fundamenta-se no predomínio do espaço privado (ou dos interesses econômicos) sobre o público, na relação entre um superior, que dá as ordens, e um inferior, que as obedece, não

²⁰ Chat (“conversa”, em inglês) é o nome popular que foi dado para o *Internet Relay Chat* (IRC). O IRC ou chat é o encontro virtual de pessoas para conversar em tempo real por intermédio de mensagens escritas, tanto participando de discussões grupais em um dos milhares de canais de IRC como conversando em particular com amigos e familiares (PEREIRA, 1999b).

tendo o segundo direitos reconhecidos, autonomia nem reconhecimento de sua subjetividade. Quando as desigualdades econômicas, sociais, étnicas, religiosas e sexuais são muito evidentes, assumem as formas de opressão, preconceito e discriminação. Sendo assim, os indivíduos estão dicotomizados entre superiores e inferiores, em uma relação de dependência, a qual possibilita que a violência se torne a regra da vida social e cultural.

Becker (2008, p. 17) argumentou que os grupos que não se adaptam ao que está sendo imposto pelos grupos dominantes são considerados *outsiders*, vez que “*outsider* é aquele que se desvia das regras de grupo”. Todavia, da mesma maneira que determinados grupos ditam regras, há outros grupos que não concordam com essas determinações e as infringem, entendendo que *outsider* seria quem está legitimando tais regras.

A não aceitação dos grupos considerados *outsiders* pelos grupos dominantes é o que se entende por preconceito. Quando não se permite a expressão das diferenças por meio de ações desrespeitosas e/ou excludentes, ocorre a discriminação. Assim, o preconceito é responsável pela geração da discriminação e da desigualdade social.

Os adolescentes desta pesquisa afirmaram que, em um primeiro momento, buscaram a tribo *EMO* pela identificação com seus pares, por entender que este movimento de integração na tribo os fortaleceria enquanto grupo e, assim, os ajudaria a enfrentar o rótulo de *outsiders*, por conta da estética da tribo, da preferência musical de seus membros, pela maneira que lidam com seus sentimentos e pensamentos e também pela sua orientação sexual, que inclui a homossexualidade e a bissexualidade, vez que todos estes aspectos vão contra os valores dos grupos que os julgam. Entretanto, ao entrar na tribo *EMO* e se adaptar a todas as características que a definem, eles se tornaram ainda mais *outsiders*. Quando perguntados acerca do que entendiam por preconceito, algumas respostas revelaram os significados que o grupo atribui a esta categoria. Nessa perspectiva, Luciano comentou sobre a falta de aceitação do outro, dizendo que a pessoa preconceituosa é individualista e ignorante, que não aceita coisas novas e, por esta razão, impõe suas verdades:

Preconceito é f... É uma pessoa que tem o pensamento dela e não aceita o pensamento do outro. É uma pessoa muito individualista, uma pessoa muito ignorante, sabe? A gente tá no século XXI, mas tem gente que pensa que tá no século XIII. A pessoa só pensa em igreja, trabalhar e dormir, igreja, trabalhar e dormir e estudar. Que na minha idade, enche o saco, mesmo. Então, acho uma pessoa ignorante. Uma pessoa preconceituosa é quem não tem mente aberta, que é nada, não gosta de nada que é novo, só o antigo. Porque o preconceito surge indo contra uma coisa nova. O que você não conhece, você estranha, você não quer, você não aceita. Mas, com o tempo, passa. (Luciano, 17 anos)

João completou afirmando que preconceito é quando as pessoas julgam com um olhar, quando não aceitam as diferenças e as individualidades do outro, tentando mudá-lo para que este se torne adequado ao que está determinado socioculturalmente:

Preconceito é isso. Preconceito é as pessoas passarem por você e simplesmente já te olhar torto. Pra mim, isso já é totalmente preconceito. As pessoas não te aceitam como você é, as pessoas tentam te mudar. Igual, quando você passa num lugar, você se sentir olhado demais. Eu sei que a gente é meio excêntrico. Nosso estilo não é mal. Mas, eu acho que o preconceito maior não é as pessoas olharem, mas as pessoas olharem com nojo. Não só o fato do EMO, não. Acho que é o fato de muitas tribos, do diferente, a pessoa... pelo fato dela ser diferente, ela é olhada como um monstro. Ninguém é um monstro. Simplesmente tem coragem, coisa que eles não têm. (João, 17 anos)

Breno revelou seus sentidos e significados sobre preconceito e discriminação mostrando que preconceito é tudo aquilo que a pessoa não conhece e critica e que a discriminação ocorre quando há violência, agressão física contra os membros da tribo, fato que é comumente experienciado por eles:

Preconceito, pra mim, é tudo que... É um pré-conceito. Que a pessoa não conhece e critica e fala. Tem a violência também, que as pessoas te violentam também. Já apanhei muitas vezes na rua pelo estilo. Até dentro do Vaca Brava, mesmo, onde tem o grupo. Eu tava andando e chegou uma pessoa e deu um tapa na minha bunda e disse: "Ah! Tapa no EMO.". Teve uma vez que eu tive até sorte que um amigo meu punk me ajudou. Ele veio correndo e tirou os caras de cima de mim, os caras da Força Jovem. Sempre que tem os encontros EMOs, aí vai aquela galera EMO dentro do ônibus. E, de vez em quando, nós temos a má sorte de encontrar a Força Jovem e eles acabam agredindo a gente até dentro do ônibus mesmo. E é um preconceito. Eles nem sabem o que é ser EMO. Pra eles, são os rótulos que todo mundo diz: "É veado, então vamos bater. Não presta, então vamos bater.". Isto é um preconceito. Eles não estudaram. Não sabem o que é ser EMO. (Breno, 16 anos)

Ana Carolina contou que as pessoas mais velhas afirmam que ser da tribo *EMO* é uma coisa do demônio e que a homossexualidade é falta de vergonha. Também revelou seu incômodo em ter de frequentar uma igreja sem acreditar em seus postulados, apenas por imposição familiar e social:

Você andar na rua e estar simplesmente andando, como todas as outras pessoas, mas só você é parada, só pra ser chamada a atenção por um policial, mesmo sozinha. Éééé... Preconceito é você estar no Vaca Brava e beijar uma pessoa do mesmo sexo, vendo outros casais heteros também beijando, e as pessoas olharem com nojo. Ou até mesmo o fato das pessoas mais idosas dizerem: "Isso não é coisa de Deus! É demônio!". Éééé... "Toma vergonha!" Saca? Ééé... Que nem a avó do B. Um dia, ela chegou e disse: "Vocês estão pitando, aí, né?". Criticando, saca? Umas coisas assim, meio sem lógica. Preconceito é você chegar em casa às 8 horas, você tendo dez em todas as matérias, e as pessoas ainda estarem te criticando, o seu jeito de vestir. Ou você entrar numa igreja mais pela obrigação. Você não quer servir aquilo, mas você tem que ir, por causa das outras pessoas, por causa da sociedade, por causa que você tem que ser alguém melhor na vida. Você tem que mostrar que sua mãe falou que você é crente, tem fé em Deus. Mas,

eu posso crer em Deus e ser do jeito que eu sou. Amar a Deus e amar também, de certa forma, o mundo. (Ana Carolina, 16 anos)

Os sujeitos desta pesquisa trouxeram à tona em suas falas a práxis do preconceito e da discriminação, porque fizeram a escolha de participar de uma tribo que se apresenta como um grupo de *outsiders*, muito embora seja possível observar que dentro da própria tribo existem divergências entre seus integrantes, sugerindo alguns comportamentos preconceituosos entre eles, como revelado em falas anteriores. Outro aspecto agravante é que, por serem adolescentes, não são ouvidos de forma séria pelas pessoas mais velhas, como pontuou Becker (2008). O autor afirmou que as pessoas necessitam impor suas regras a outras, independentemente do que os outros pensam a respeito disto, se concordam ou se aceitam, e que, em geral, estas regras são criadas por pessoas mais velhas e impostas aos jovens.

De fato, adolescentes se vêem cercados por regras concernentes a esses assuntos feitas por pessoas mais velhas e acomodadas. Vê-se como legítima essa atitude, porque os jovens não são considerados sensatos nem responsáveis o bastante para traçar regras adequadas para si mesmos (BECKER, 2008, p. 29).

Gustavo revelou que acredita existir preconceito contra a tribo *EMO* por causa da marca tribal, uma vez que usam adereços diferentes, como calças apertadas roxas, munhequeiras, cabelos lisos, franjas, e porque mantêm uma estética que causa estranheza nas pessoas de fora da tribo:

Eu acho que tem mais preconceito porque o EMO é muito melódico, aparentam e são afeminados, usam alguns apetrechos que as pessoas condenam, tipo calça apertada roxa, munhequeira, piercings, cabelos diferentes. Acho que isso causa certa estranheza nas pessoas. As pessoas estranham. Não é uma coisa muito normal. Eles olham pra aquilo e pensam: “O que é isso? Que coisa é essa?”. Na verdade, é o que a pessoa quer ser, é o que a pessoa quer vestir, é o que a pessoa quer usar. Eu acho que a pessoa tem o livre arbítrio de ser o que ela quiser. (Gustavo, 16 anos)

Além da estética diferente, o uso da cor preta também é apontado como causa de preconceito contra a tribo, desde que várias pessoas associam esta cor a macumba, morte, cemitério, como apontou Breno em sua fala:

É pelo rótulo da homossexualidade ou pela pessoa usar mais só preto. Quando a pessoa usa só preto, eles acham que já está indo pro cemitério, que tá fazendo macumba, que tá envolvendo com magia. Que é sempre esse rótulo. Que a pessoa fica mais com raiva. É esse rotulo que as pessoas usam para atingir. Tem página na Internet que só rotula, fala: “EMO é gay. EMO usa isso porque ele é... EMO faz macumba.”. Aí, tem pais que têm acesso à Internet, lê aquilo e fica assim: “Não vou deixar meu filho entrar nisso.”. A gente fica até sentido com isso, porque não é verdade, não é a verdade. (Breno, 16 anos)

Ana Carolina corroborou essas afirmações quando contou acreditar que o preconceito contra a tribo ocorre porque usam roupas e acessórios como desejam:

Existe também preconceito porque a tribo EMO gosta de se vestir do jeito que dá na telha. Se quer vestir um All Star azul e outro All Star vermelho, se quer vestir como uma criança, se quer andar de pijama, por que não? Acho que as pessoas olhando isso, falam: “Nossa! Que ridículo! Que tosco!”. Mas, eles não sabem que ridículas são elas. (Ana Carolina, 16 anos)

Sendo assim, a marca tribal, o estereótipo estético da tribo *EMO* é significado pelos sujeitos pesquisados como uma das razões que a sociedade utiliza para justificar comportamentos de preconceito e discriminação contra seus integrantes. Outros pontos levantados são a questão da emotividade vivida tão intensamente pela tribo e a orientação sexual de seus membros, os quais, segundo os participantes desta pesquisa, não são bem aceitos pela sociedade, como apontou Márcia:

Bom, porque eu acho que EMO é um grupo que não procura ter muita violência. Mas, as pessoas pensam que os EMOs são mais fracos, mais frágeis, que se ofendem apenas com uma palavra, uma frase. Eu falo uma frase pra pessoa, ela já se ofende. É por esse lado emotivo do EMO que tem mais preconceito. (Márcia, 15 anos)

O modo de viver a sexualidade dentro da tribo, a orientação sexual dos seus membros também é causadora de preconceito e discriminação, como revelou Daiane em sua entrevista:

A orientação sexual também gera preconceito. Porque... por causa de que o EMO, ele não tem medo de mostrar o que é. Tipo assim, não tem medo de mostrar sua sexualidade, sua homossexualidade. (Daiane 15 anos)

Surgiu um aspecto diferente, que Luciano expressou em seu depoimento como causador de preconceito contra a tribo *EMO*, tendo em vista que este movimento é recente no Brasil. Ele declarou acreditar que as pessoas sempre resistem ao novo, precisando de um tempo para se acostumar com as novidades:

E porque, apesar do movimento ser de 1980, se manifestou só agora no Brasil. E você vê muita gente EMO que usa maquiagem, que usa cabelo que faz escovinha, faz chapinha, pinta cabelo, pinta unha. Como a gente, que chegou de uma vez e ainda não deu tempo da sociedade se acostumar com a gente, com nosso estilo, loucura. Então, como as pessoas não conseguem admitir uma coisa nova, preferem ignorar do que tentar viver com aquilo. Aí, então, tem preconceito mesmo. (Luciano, 17 anos)

William afirmou acreditar que a falta de conhecimento sobre a tribo provoca medo nas pessoas, que discriminam seus membros e preferem se manter distantes:

Porque, assim, muitas vezes, as pessoas não têm conhecimento. Aí, gera algum medo. Então, melhor ficar assim mesmo, manter distância, assim. A maioria é assim... (William, 17 anos)

Com base nesses depoimentos, torna-se possível perceber que muitos são os significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados para explicar as razões do preconceito contra a tribo *EMO*. Esses motivos passam pela estética, a maneira de lidar com as emoções, a sexualidade dentro da tribo, pelo fato de ainda ser novidade, enfim, pela falta de conhecimento em relação à tribo.

No entanto, se faz necessário analisar se esta tribo é apenas vítima dos preconceitos externos ou se os seus membros também praticam o preconceito no interior do grupo. Ao apreender os significados que eles atribuem a um membro da tribo *EMO*, que deve respeitar as regras, a “filosofia” que norteia a tribo, é possível perceber que também são preconceituosos, pois aqueles que não se adéquam a estas determinações não são considerados *EMOs*, mas *posers*. Outro exemplo é quando afirmam que não toleram homossexuais com comportamentos muito afeminados ou excessivamente masculinizados.

Além do que já foi exposto até aqui, os integrantes da tribo *EMO* ainda revelaram que sofrem muitos preconceitos e discriminações por comunidades virtuais na Internet. Essas comunidades virtuais se multiplicam diariamente na diversidade de interesses, constituindo a chamada sociabilidade virtual. De acordo com Lévy (1996), a comunidade virtual modifica a realidade e é por ela modificada, em um movimento entre o real e o virtual. Nesse espaço, vale tudo, incluindo circulação de imagens, músicas, notícias e até textos discriminativos que, como apurado nesta pesquisa, reiteradas vezes atacam a tribo *EMO*.

Os sujeitos pesquisados expressaram em suas falas que têm sentimentos de raiva, medo, indignação e desprezo quando percebem o preconceito que essas comunidades da Internet demonstram ao criticar o grupo *EMO*.

William asseverou que sente raiva quando vê na Internet manifestações preconceituosas contra a tribo. No entanto, ao mesmo tempo, pensa que a ignorância é de quem discrimina e isto alivia a sua raiva:

A primeira impressão é raiva. [risos] Sem dúvida! Aí, eu penso: “Pra que faz isso? Essa pessoa não conhece a tribo e vai continuar sendo a mesma pessoa de sempre, criticando todo mundo.”. Ela não sabe nada de nada! (William, 17 anos)

Luciano revelou que lida com essa situação desprezando quem pratica a discriminação. Afirmou que isso não o influencia e que não muda sua escolha de ser um membro da tribo:

Acho que todo mundo tem o direito de pensar à sua maneira. Eu não ligo, sabe? Não me afeta em nada. Eu não vou deixar de ser EMO por causa disso. Não vou

deixar de ser por causa disso. A pessoa quer criar comunidades contra a tribo, então cria! F...-se ela. (Luciano, 17 anos)

Leide concordou com a opinião de Luciano e acrescentou que a tribo *EMO* tem sua comunidade na Internet também. Nela, eles simplesmente excluem quem discrimina a tribo, revelando intolerância à diferença:

O grupo todo não liga muito pra isso, porque a gente tem nossa comunidade e tal. Se a pessoa vai lá falar mal da gente, a gente já exclui. A gente não dá moral, porque não vai acrescentar nada pra gente! E a gente já sabe o que eles pensam e deixa eles acharem. (Leide, 15 anos)

João contou acerca da indignação que sente, porque as pessoas que criticam a tribo, na verdade, não a conhecem e são apenas influenciadas pela mídia:

Ah! Bom, eu simplesmente apago. Mas sabe aquela dor no coração? Aquele aperto? Putz, véio! As pessoas pensam isso? Eu acho ridículo, porque se você for tirar 90% das pessoas que estão ali falando, participando das comunidades, esses 90% nem sabem porque tá ali. Você vai e chega em qualquer um e pergunta: “Ah! Porque você odeia EMO?”. “Ah! Não sei! Eu vi no Gugu que tem que odiar.”. Sabe, assim? Coisa mais ridícula! Você nem entende! Eu acho isso podre, podre mesmo, porque eles não têm opinião formada. Eles seguem a maré. (João, 17 anos)

Breno afirmou chegar a sentir medo do preconceito e da discriminação sofrida pela tribo. Por consequência, tem medo de sair sozinho e ser agredido:

Eu me sinto muito mal, porque as pessoas não sabem o que é. Tem gente que só vê assim e criam uma comunidade contra o EMO. Só vê a pessoa assim. Vê que ela tá com a franja e a calça colada e já é homossexualidade, já é gay. Pra eles, não presta. Aí, já criam uma página e a gente recebe muitas ameaças pelo Orkut, pelo MSN. Tem muita gente que entra no nosso Orkut e começa a falar: “Vou te pegar!”. (Nívia: “Como você se sente?”) A gente fica com medo, porque a gente tem nosso estilo, nossa expressão, nossa vontade de sair. A gente tem até medo de sair até sozinho. Quando tá em grupo, a gente tem até uma confiança, tipo, tá em grupo. Mas, quando tá sozinho, fica com medo. “Será que tem um aqui, nas minhas costas, e vai me dar um chute?”. Tem muitos casos na Internet que as pessoas gravam batendo nos EMOs. Teve um caso que até chocou! Assim, passou até no jornal. De um cara jogando uma pedra na cabeça, bater, bater e depois jogar uma pedra na cabeça. E uma agressão, assim, a gente tem um medo! (Breno, 16 anos)

Como colocado nas falas dos sujeitos pesquisados, pôde-se perceber que eles sofrem quando vivenciam o preconceito, o que, por sua vez, desperta neles emoções que podem ser tanto positivas, como ocorreu quando Kate falou acerca da importância da emoção para a tribo *EMO*, quanto negativas, como quando William contou sobre a raiva que sente ao sofrer discriminações por comunidades da Internet. Assim sendo, cada emoção pode ter vários sentidos, os quais são relacionados com a totalidade psicossocial de cada sujeito.

Do ponto de vista de Sawaia (2004), deve-se entender que a afetividade e o sofrimento são éticos e políticos quando se referem aos excluídos socialmente, pois nas injustiças sociais, na opressão, na discriminação, na exploração e no não-reconhecimento dos direitos humanos estão retratadas as questões sociais dominantes de cada época histórica. Conforme Heller (1992 apud SAWAIA, 1994, p. 164),

Sentir é estar implicado, é avaliar o significado dos objetos e das pessoas aproximando-as ou afastando-se dos mesmos. Portanto, os sentimentos são orientadores da vida cotidiana, eles guiam os contatos humanos, ao mesmo tempo em que são orientados por estes.

Diante disso, é possível compreender os sentimentos que surgem nestes sujeitos quando o tema é preconceito. Ao serem questionados se acreditavam que poderiam fazer alguma coisa para diminuir o preconceito que vivenciam por serem integrantes da tribo *EMO*, Ana Carolina e Breno declararam acreditar que podem fazer alguma coisa neste sentido. Todavia, João revelou nada poder fazer para combater o preconceito. Becker (2008) enfatizou que os grupos que detêm o poder podem reivindicar projetos de mudanças a fim de gerar consequências positivas para a vida em geral, ou, mais comumente, manipulam outros grupos para que suas regras prevaleçam como verdadeiras, com o intuito de se sobrepôr e de se manter no poder. No entanto, para grupos considerados *outsiders*, como a tribo *EMO*, provocar mudanças significativas é mais difícil, ainda que a maioria dos adolescentes pesquisados deseje fazê-lo.

Ana Carolina declarou que sua tentativa de minimizar o preconceito se pauta na explicação, no esclarecimento sobre a tribo, por meio das pessoas que estão mais próximas, por depoimentos colocados na Internet e também criando comunidades de apoio aos *EMOs*. Todavia, ela tem consciência de que faz pouco e de que em cidades maiores, como São Paulo, os integrantes da tribo têm se organizado melhor e até realizado programas com o objetivo de apresentar a tribo para a sociedade:

A gente tenta explicar pras pessoas que estão ao nosso alcance, tenta colocar depoimentos na Internet, fazer comunidades. Mas, sempre tem aqueles machistas ou aquelas pessoas que não querem nada na vida, que ficam enchendo o saco da gente. Acho que a gente faz pouco, muito pouco. Aqui em Goiânia, faz pouco. Agora, em outras capitais, eles fazem mais. Tipo assim, em outras capitais, já teve pesquisa no Fantástico, tá tendo, recentemente, toda semana na Record. As pessoas estão sabendo lidar mais com isso. Acho que lá as pessoas ainda não aceitam, mas apoiam. (Ana Carolina, 16 anos)

Breno corroborou a fala de Ana Carolina e relatou que um amigo seu explicou para a própria mãe sobre a tribo e ela, então, o compreendeu e conseguiu aceitá-lo:

Eu acho que se fosse presidente eu faria, eu criaria uma lei pra proibir qualquer tipo de agressão física. (Nívia: “Mas, e sem ser o presidente?”) Não. Mas acho, na Internet mesmo, você pode tentar mudar as pessoas e quem convive com você. Você explicar o que é. Igual, tem um amigo, meu irmão praticamente, da Internet. A mãe dele implicava muito com ele. Aí, ele pegou e: “Mãe, senta aqui na frente do computador, aqui comigo, que eu vou te mostrar o que é a tribo e te falar o que eu faço e o que eu não faço disso que falam aqui.”. Ela até aceitou, porque ela entendeu o verdadeiro sentido do estilo. (Breno, 16 anos)

João contou manter sua crença de que o preconceito é impossível de ser combatido e que só o tempo é capaz de trazer mudanças, vez que a sociedade evolui sozinha:

Não! As pessoas têm... Acho que é evolução natural da humanidade. Um dia, ela vai descobrindo sozinha. Acho que não tem nada que você possa fazer, assim, de tão revolucionário. Que você possa mudar muita gente, não. As pessoas, de repente, mudam elas mesmas. É a criação de uma pessoa que faz dela. Acho que se essas novas gerações fossem mais de cabeça aberta, aí, isso vai se abrindo aos poucos. Acho que, por agora, assim, mesmo que você... Quando você tenta mudar alguma coisa, parece que você aumenta a repressão. Quando passa aqueles programas, na televisão, no Fantástico, no Gugu, no Jornal Hoje, parece que aquilo só fez foi aumentar a individualidade dos grupos. Cada grupo é assim. Aí, mostra um maltratando. Aí, tem que maltratar também, que é a escória. Por mim, acho que eu não tenho nem ideia, assim. Eu acho que você pode mudar algumas coisas próximas a você, mas não a sociedade. Ela evolui sozinha. (João, 17 anos)

Apesar do preconceito, nove sujeitos afirmaram que se vestem sempre como a tribo e vão a qualquer lugar, pois gostam do estilo das roupas, da maquiagem, do cabelo. Apenas João falou que se veste com mais discrição. Breno explicou que em seu guarda-roupa não existe outro tipo de roupa:

Me visto. Sempre mantenho minha aparência, tanto porque eu gosto quanto porque é meu estilo. Já ficou. No meu guarda-roupa, não vê, assim, outra coisa. É EMO. Mas, tem a ver com rock. Muita roupa preta, muito suspensório, muita coisa xadrez, muita maquiagem. A gente gosta de usar muita maquiagem. Um lápis forte no olho, um pó... Até pra foto! A gente gosta de tirar muita foto. Pra foto ficar bonita. (Breno, 16 anos)

William quase não entendeu a pergunta, mas de forma muito espontânea apresentou esta fala:

Como assim? É tipo eu tô desse jeito aqui? É sempre desse jeito. (William, 17 anos)

Gustavo contou que, apesar de se vestir sempre como a tribo, na escola isto é proibido, impossibilitando-o de manter seu estilo lá. No entanto, até para ir à igreja ele não muda seu modo de se vestir:

Pro colégio, eu não vou... porque não pode usar. Mas, quando vou sair, assim, eu me visto sempre do mesmo jeito. Eu não mudo meu jeito de vestir dependendo do lugar. Se for na igreja, eu vou do mesmo jeito. (Gustavo, 16 anos)

Luciano também apresentou uma fala parecida com a de Gustavo, porém, no caso dele, no trabalho é proibido manter o estilo:

Eu só deixo de vestir como EMO pra trabalhar, sabe? Porque eu trabalho em uma lanchonete e lá dentro não pode e tal. Mas, no dia-a-dia normal, eu só visto estilo EMO. (Luciano, 17 anos)

João foi o único sujeito que relatou que atualmente não se veste de maneira tão semelhante à dos outros integrantes da tribo, embora quando mais novo já tenha sido bastante fiel ao estilo *EMO*. Interpretou isso como uma questão de fase ou para evitar um pouco o preconceito:

Eu já fui, assim, bem mais exagerado. Eu já me vesti muito mais do que eu visto hoje. Igual, hoje, eu estou de calça e blusa e meu boné, tal. Antes, não! Antes, eu colocava um tanto de pulseira, maquiagem, tudo mais. Aquela coisa, assim, mais de rebeldia, mesmo, pra demonstrar, mesmo. Ia pra escola assim e sofria muito, muita curtição por causa disso. Mas, sei lá! Não mudaria isso, não. Muito massa! Mas, eu visto mais, assim, mais simples, assim, como você tá vendo, o tempo todo. Mais do mundo do rock, não tão EMO, porque mais, assim, de você ser EMO, é a franja, né? As pessoas te identificam mais. Aí, eu mudo o cabelo, mas muito essa coisa de seguir a linha, não. Acho que tudo é uma questão de fase. Acho que... eu amadureci muito nesses dois anos, que eu entrei pro mundo do rock. Eu já passei muita coisa, assim. Talvez seja pra evitar um pouco o preconceito. Também pelo fato de você enjoar daquilo, sabe? Acho que também é questão de maturidade. Você vê que no mundo rock, pra você defender suas filosofias, você não tem que andar com uma bandeira estampada em você. Simplesmente é você mesmo. Basta você sentir, você acreditar. Não precisar mostrar pra Deus e o mundo, não. (João, 17 anos)

Portanto, a questão do preconceito e da discriminação a que estes sujeitos estão submetidos em seu dia-a-dia, por serem considerados *outsiders*, gera sentimentos que levam ao sofrimento e ao desejo de reagir contra o que está posto, embora sem lograr sucesso. Becker (2008) assinalou que o sentido atribuído ao desvio está relacionado com a maneira como as pessoas reagem a ele. Em síntese, significar um ato como desviante ou não depende da relação estabelecida entre a pessoa que comete o desvio e a reação das pessoas ao ato, e esta é, muitas vezes, política. Sawaia (2004) postulou que existe um sofrimento ético-político nas relações referentes à forma como o outro me trata e como eu trato o outro, seja na intersubjetividade, no anonimato, ou cara a cara, abrangendo conteúdos e qualidades que são determinados pela organização social.

Além de relatar suas experiências e significados quanto ao preconceito e à discriminação, os adolescentes pesquisados ainda atribuíram alguns significados à sociedade em que estão inseridos, reforçando a ideia do preconceito.

Para Chauí (2007), a sociedade brasileira é considerada oligárquica, autoritária, vertical, hierárquica, polarizada entre a carência e o privilégio e com bloqueios e resistências

à instituição dos direitos civis, econômicos, sociais e culturais, concebendo a cidadania como privilégio da classe dominante, sendo as assimetrias sociais e pessoais geradoras de desigualdades, preconceitos e discriminações. João declarou que a sociedade ainda é muito arcaica, que tem dificuldade de aceitar os diferentes e é preconceituosa com todos os exogrupos:

Muito arcaica, muito medieval, com muitas pessoas ignorantes. As pessoas têm que aceitar o próximo como ele é! E não existe isso ainda. Existe muito preconceito ainda, não só por parte do EMO, mas também com o homossexual. Se você vê uma pessoa negra, tem gente que diz: “Óóó só! Um negão!”. Eu acho isso muito ridículo. Acho que a pessoa tem que abrir a mente dela. Acho que a pessoa tem que cuidar da vida dela e esquecer um pouco da vida do próximo. A sociedade tem isso. A sociedade não aceita as coisas, por mais que fale, lá, você tem que amar o próximo, por mais que... até mesmo a igreja! Eles pregam isso, eles falam disso o tempo todo. Se chegar alguma coisa mais anormal, assim, digamos anormal, eles não aceitam. Eles não aceitam as escolhas diferentes. Não existe aceitação nesse aspecto. Eu já fui em igreja e é realmente, você se sente um, vamos dizer, um sapo num lago de cobras. Você vê as pessoas olhando pra você torto. Você se sente reprimido. Eu acho isso muita bobagem. Eu acho que as pessoas têm que sair dessa era medieval, sair da caverna e descobrir o fogo logo! Que até hoje ninguém descobriu. (João, 17 anos)

Chauí (2007) enfatizou que a classe dominante monopoliza a informação e o consenso é confundido com unanimidade e as classes que não têm acesso a todas as informações são consideradas ignorantes. No entanto, Ana Carolina, contrapondo-se a isto, opinou que a sociedade, representada por esta classe que determina as regras, é que ainda deve estudar, pesquisar e aprender muito em relação aos diferentes, principalmente sobre a tribo *EMO*:

Sociedade? Acho que ela tem muito que aprender. Por mais, assim, que a gente fale, assim... Antigamente, quando eu fazia teatro, a gente falava, assim, aí, tem muito preconceito dentro do cinema, por causa que são poucos artistas negros e tal. E hoje, eu já vejo a revolução, que não é tanto assim, mas ainda tem muito que aprender. A mesma coisa com a tribo. As pessoas conhecem um pouco, mas eles têm muito que aprender. Eles têm muito que... O que falta na sociedade é pesquisar, estudar. (Ana Carolina, 16 anos)

Leide revelou que, embora queira fugir do que a sociedade impõe, acredita que não é possível, porque o que é normatizado tem força de lei e ir contra isto é muito difícil, restando-lhe apenas seguir os padrões estabelecidos socialmente.

Que é ridícula é, mas não tem jeito de fugir dessa sociedade. Eu falo que eu não tento seguir os padrões da sociedade, mas é meio difícil, porque se tô vestido assim, hoje, é porque a sociedade se veste assim, mesmo eu gostando de roupas diferentes... E não tem jeito de fugir disso. (Leide, 15 anos)

Ao serem questionados sobre o que mudariam na sociedade, surgiram algumas falas significativas. João asseverou que mudaria na sociedade a forma de aceitar as pessoas, que

deveriam ser aceitas pelo que são por dentro, deixando de lado as diferenças externas, mas que para tal, a sociedade ainda tem que evoluir muito:

Mudaria, mudaria essa visão. Eu espero que algum dia mude, porque não tem como negar. Porque as novas gerações que estão nascendo, estão nascendo diferentes, mas acho que ainda tem muita coisa pra evoluir. Acho que as pessoas tinham que abrir mais os olhos, aceitar mais as coisas. Igual, nesse aspecto que eu estou te falando, também, de bissexualismo, das pessoas não se importarem tanto com o que as pessoas é por fora, mas sim pelo que ela é por dentro, pelo que ela agrada. Sem cor, sem etnia, sem nada. Tem pessoas que se importam demais. Eu acho isso muito bobo, muito bobo. A pessoa tem que evoluir. (João, 17 anos)

Breno reforçou a fala de João quando afirmou que, se pudesse, criaria uma lei para proteger todas as pessoas contra as agressões físicas e psicológicas:

Se eu fosse presidente, criava uma lei protegendo a mudança... Proibindo e multando as pessoas que tiverem uma agressão, que agredirem tanto o físico quanto o psico da pessoa. (Breno, 16 anos)

Leide relatou pensar que uma sociedade com uma nova visão teria preocupação com o planeta, evitando guerras, maldades, desonestidades, de tal modo que melhoraria a distribuição de renda, a saúde, a segurança, mas, principalmente, a educação:

Eu acho que sim. O EMO tem um pensamento... Eu, por exemplo... Tem um pensamento pelo lado do naturalismo e sou muito assim, não jogo papel no chão, essas coisas. Acabaria com a maldade, tipo a guerra, desonestidade, falsidade. Faria uma distribuição de renda. Melhorar a educação no Brasil, que é precaríssima, a saúde, a segurança... Mas, o mais importante é educação, pois, se investir nela, não precisa muita segurança. Porque, com a educação, não ia ter quase nenhum marginal. (Leide, 15 anos)

Gustavo assinalou que, como os integrantes da tribo *EMO* são pessoas que valorizam as emoções e os sentimentos, podem contribuir com a sociedade mostrando a importância do amor e do carinho para a vida destas pessoas:

Participando da comunidade EMO, eu posso trazer um pouco de amor pras pessoas, fazendo que as pessoas possam ver que o mundo não é só coisas más, não é só coisas ruins. Que também existe amor, música amorosa, pessoas que interagem com carinho e tal. (Gustavo, 16 anos)

Portanto, a categoria preconceito surgiu nesta pesquisa carregada de emoções, tais como indignação, raiva, desprezo e medo, as quais ocorreram de forma muito recorrente, tendo em vista que os integrantes da tribo *EMO* são considerados *outsiders* e, por consequência, vítimas de muito preconceito e discriminação. Vigotski (1996) afirmou que, ao modificar seu ambiente, o indivíduo é modificado por este, possibilitando compreender que quando estes sujeitos sofrem preconceito também se tornam preconceituosos. Na perspectiva da psicologia social crítica, representada por Lane (1995), entende-se que a afetividade é um

ato ético-político que modifica as questões psicossociais, possibilitando à sociedade, ao estado e ao indivíduo modificar a si mesmo e a sua realidade tendo como base um compromisso social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado com dez adolescentes membros da tribo *EMO*, representantes de tribos urbanas, o que permitiu apreender os sentidos e os significados que estes atribuem à adolescência contemporânea, bem como às dimensões emocionais que são vivenciadas pelos sujeitos desta pesquisa na relação consigo mesmos, com seus pares, famílias, escolas e com a sociedade.

A adolescência, neste estudo foi vista sob o enfoque da psicologia sócio-histórica, que significa o homem em construção por sua relação/interação indivíduo–sociedade, ou seja, em sua relação social (VIGOTSKI, 1996). Nesta perspectiva, ao internalizar os significados culturais-coletivos, o sujeito configura sua subjetividade (GONZÁLEZ REY, 1997), a qual, quando externalizada, entra no processo de comunicação com as demais pessoas, possibilitando a socialização.

Tendo como base o material empírico colhido, na forma de entrevistas e observações diretas realizadas com dez adolescentes, foi possível realizar a análise dos núcleos de significação que emergiram acerca dos sentidos e significados que estes participantes atribuem à adolescência e, em especial, à adolescência *EMO*. Tendo assim procedido, alguns pontos merecem ser evidenciados, porquanto sintetizam o que se pode concluir do processo de construção e interpretação do grupo estudado.

Em um primeiro momento, os sujeitos significaram a adolescência como tempo de bagunça, sendo isto interpretado como divertir-se, experimentar emoções e viver tudo intensamente, sem muitas responsabilidades e preocupações. Todavia, no contraponto dessa liberdade, os sujeitos deste estudo afirmaram que a adolescência também é um tempo de cobranças em relação aos estudos, pois deverão estar prontos, em futuro próximo, para entrar no mercado de trabalho, que exige cada vez mais preparo técnico e teórico. Também relataram ser cobrados no que tange à sua orientação sexual, à forma como lidam com a emoção e ao estilo estético da tribo *EMO*. Todo esse processo de cobrança é carregado de sentimentos que geram conflitos, incertezas e dúvidas quanto aos significados sociais a que estão expostos, vez que ainda se sentem inseguros em relação à sua autoestima e a situações novas, que lhes geram sofrimentos. Com o intuito de minimizar esses sentimentos, de sentir que são compreendidos e de evitar crises e solidão, esses indivíduos buscam seus pares, inserindo-se em tribos urbanas, neste caso estudado, a tribo *EMO*.

Pôde-se apurar durante as entrevistas que os membros da tribo *EMO* realizam a automutilação, prática existente na tribo, mas que se revelou cheia de contradições, pois alguns confessaram que já se cortaram com gilete ou se queimaram com cigarro, mas não concordam com esta prática. Paradoxalmente, voltaram atrás e asseguraram que se sentirem necessidade de fazer novamente, o farão. Eles salientaram que a automutilação pode ser realizada tanto para aliviar uma dor ou um sofrimento quanto para marcar no corpo um momento importante que não deve ser esquecido. Porém, os sujeitos desta pesquisa foram enfáticos em pontuar que não concordam com a afirmação de que os membros da tribo *EMO* são suicidas em potencial apenas pela maneira sensível com que lidam com suas emoções. Alegaram que o suicídio entre adolescentes não deve ser atribuído à tribo, mas à adolescência em geral.

Observou-se que outra forma de significar a adolescência ocorreu com a dimensão tempo, quando os participantes asseveraram que ser adolescente é tempo de se descobrir, fazer escolhas, assumir novos papéis, entrar em contato com novos sentimentos, novas relações interpessoais, além de ser tempo de tecer projetos existenciais e transformar o seu lugar em realidade social. Em suma, percebe-se que significam a adolescência como tempo de converter o mundo objetivo em subjetivo e, para tal, se faz necessário enfrentar desafios, testar limites, encarar seus medos, suas emoções, sua orientação sexual, tanto no âmbito familiar quanto no social, a fim de obter reconhecimento tribal e pessoal.

Os sujeitos também demonstraram, por intermédio de suas falas, que a adolescência é tempo de passagem, de transição entre a infância e a vida adulta e, por ser assim, consideram que tudo é visto com mais complacência pelos adultos, pois estes veem a adolescência como uma fase que tem prazo para acabar.

Ademais, os participantes trouxeram à luz uma adolescência significada pelos espaços de sociabilidade ocupados por eles dentro da família, na escola e na própria tribo *EMO*. A instituição família tem significados de conflito, discórdias e ansiedade, tanto para os sujeitos como para seus pais, uma vez que estes últimos, além de ter de compreender e aceitar que seus filhos são membros de uma tribo que mantém uma estética fora dos padrões estipulados socioculturalmente, ainda têm de lidar com a orientação sexual deles, que passa pela homossexualidade e bissexualidade. Assim, a fase inicial de adesão à tribo é sempre carregada de brigas e medos de que os filhos sofram por suas escolhas. No entanto, em seu depoimento, os sujeitos pesquisados enfatizaram que, passado o primeiro momento de crise, eles conseguem manter um bom relacionamento com suas famílias, sendo aceitos por elas.

A escola é significada por estes adolescentes como lugar do qual é preciso gostar para alcançar êxito na vida adulta, além de ser um lugar de relacionamentos interpessoais. Contudo, ainda constitui um lugar no qual eles vivenciam o preconceito por serem diferentes dos padrões estéticos socioculturais estabelecidos. Ainda revelaram que a qualidade do ensino público no Brasil é baixa, o que lhes provoca sentimento de desmotivação.

Estes adolescentes significam a tribo *EMO* como um lugar de poder, pois é neste espaço que eles se identificam com seus pares e possuem o poder de ser quem são, de fazer parte de algo maior, de se identificar pelo igual, pela estética, pelas ideias, pelas práticas, pelas emoções, pelo estilo musical, têm o poder de se identificar sem fidelidade, sem perder a individualidade e têm até mesmo o poder da não-identificação.

Seus integrantes frisaram que é a melhor tribo que existe, pois pegaram o que havia de melhor nas outras tribos do rock, agregaram valores da liberdade, da não-agressividade, do não-preconceito e criaram a tribo *EMO*. Essa tribo prioriza uma estética marcada pelo uso de roupas pretas ou muito coloridas, xadrez, calças coladas, cintos com rebites, pulseiras e colares de bolinhas, suspensórios, tênis *All Star*, maquiagem preta, franja lisa, cabelos pintados, todos sendo detalhes adotados tanto por meninas quanto por meninos, gerando algumas confusões de diferenciação entre os sexos feminino e masculino. Todas essas marcas dão visualização à tribo, caracterizando-a e diferenciando-a das demais, tornando seus membros únicos e demarcando seu território tribal, sendo esta uma forma visível de comunicação social, a qual os integra e, ao mesmo tempo, causa estranhamento e, por conseguinte, os exclui da sociedade.

A música é fator preponderante para todas as tribos do rock, mas o diferencial da tribo *EMO* é que o estilo musical que eles apreciam constitui-se de um som pesado, com letras melódicas, denominado *emocore*. Os participantes da pesquisa afirmaram que, por meio da música, expressam seus sentimentos, porquanto interpretam as letras das canções. Como exemplos de bandas apreciadas por eles, podem ser citadas *Simple Plan*, *Nx0*, *Evanescence*, entre outras.

Os adolescentes da tribo *EMO* se reconhecem como pessoas mais emotivas, que valorizam os sentimentos, que gostam de trocar carinhos entre seus integrantes, independentemente do sexo, em particular ou em público, demonstrando sentimentos de alegria e tristeza, enfim, são sensíveis, compreensíveis e amorosos. Em contrapartida, não gostam quando são confundidos com fracos, suicidas em potencial, taxados como pessoas que não sabem se defender, que não reagem a provocações, que não têm assuntos para conversar e

que ficam tristes sem razão. Pelo contrário, os sujeitos pesquisados afirmaram que se divertem muito quando estão juntos, bebem muito, fumam, dançam, namoram, conversam sobre tudo e brincam bastante. Para isso, vão a festas, a shows, frequentam *raves*, parques, shoppings e as casas uns dos outros, como a maioria dos adolescentes da contemporaneidade.

Sobre drogas, os sujeitos esclareceram que fazem uso de álcool em grande quantidade e, em menor proporção, usam o cigarro e a maconha. Eles apontaram que o uso de drogas é comum em todas as tribos do rock, sendo na tribo *EMO* mais utilizados a bebida alcoólica e o cigarro, por serem drogas lícitas. Ademais, relataram que a “filosofia” que originalmente norteou a tribo *EMO* era contra o uso de qualquer tipo de drogas; entretanto, inevitavelmente, a tribo evoluiu e, atualmente, existe o consumo de drogas por seus membros.

A orientação sexual na tribo *EMO* está relacionada com a homossexualidade e a bissexualidade para a maioria de seus integrantes, embora não neguem a existência da heterossexualidade no interior da tribo. Contudo, é possível perceber que os sujeitos pesquisados sugerem em suas falas que alguns membros da tribo se apresentam como heterossexuais apenas por medo do preconceito sofrido pelos homossexuais ou bissexuais, muito embora estes sujeitos, mesmo afirmando que são heterossexuais, em algumas situações, “ficam” com parceiros do mesmo sexo, indicando que existe temor de se apresentarem como homossexuais.

Os participantes asseguraram que o sentimento envolvido na relação é o fator mais importante e não apenas o sexo das pessoas, e que a felicidade está acima das determinações sociais. Os sujeitos acreditam que a orientação sexual é inata ao homem e que a bissexualidade, na maioria dos casos, é considerada como uma indefinição da homossexualidade masculina ou feminina, além do que, no futuro, esta será a orientação sexual mais usual da maioria das pessoas.

Para eles, a fidelidade carrega um novo conceito, desde que afirmaram que ocorre traição quando em um casal homossexual um dos parceiros fica com outro do mesmo sexo, enquanto a situação em que um dos parceiros fica com alguém do sexo oposto é denominada variação. Eles não apreciam comportamentos exagerados de homossexuais e afirmaram que não toleram trejeitos muito afeminados ou masculinizados. Explicaram que existe outra tribo, considerada como uma derivação da tribo *EMO*, os chamados *From UK*, que se comporta assim, muitas vezes sendo confundidos uns com os outros. Esclareceram, ainda, que a franja usada por eles representa a bissexualidade, sendo a franja a parte feminina e o outro lado, a masculina.

Os integrantes da tribo *EMO* defendem a liberdade sexual, mas sem promiscuidade, preocupando-se em escolher bem seus parceiros, pois estes devem ser pessoas que eles conhecem. Os sujeitos pesquisados elucidaram que “ficam” com pessoas, mas que preferem namorar, vez que pensam que namorar é compromisso, algo mais sério, permanente, fiel, estando mais relacionado com o sentimento de amor. Eles significam casamento como um objeto de desejo, mas que traz sofrimento, responsabilidade e que deve se realizar em suas vidas apenas em um futuro muito distante. Todavia, quando isso acontecer, deve ser eterno, com a pessoa certa e repleto de muito amor, independentemente do sexo do parceiro. Desejam ser felizes, pois acreditam no amor romântico, aquele que, segundo os sujeitos, é verdadeiro e dura uma vida inteira. Contudo, por vezes, pontuaram que o amor também pode causar dor quando não correspondido, ou mesmo quando uma pessoa faz mal à outra em nome do amor. Os adolescentes participantes ainda apontaram a possibilidade de haver relacionamentos amorosos virtuais como meio de satisfação de necessidades emocionais e sociais.

Outra categoria que surgiu durante a análise das falas dos sujeitos foi o preconceito, que é um dos principais pontos de significação para estes jovens, tendo em vista que são considerados *outsiders* e, por consequência, sofrem repúdio da sociedade. Ao serem perguntados acerca do que é preconceito, os sujeitos apontaram a dificuldade de aceitar o diferente, a necessidade que as pessoas têm de julgar o outro, a exigência de cumprir papéis sociais; ainda acrescentaram que o preconceito leva à discriminação, que já foi vivenciada muitas vezes por eles. Relataram já ter sofrido preconceito e discriminação pelo olhar das pessoas, pelo abandono de amigos e até sofrendo agressão física e psicológica de outras tribos e de membros da sociedade em geral.

Acreditam que isso acontece com a tribo *EMO* por seu estilo estético, pelo lado emotivo revelado por seus integrantes, porque a tribo ainda é novidade no Brasil, por causa da forma que eles lidam com a sexualidade dentro da tribo e por terem coragem de se expor. Comentaram que quando entram em contato com os preconceitos das comunidades da Internet que criticam a tribo *EMO*, alguns sentem raiva, outros sentem desprezo, indignação e até medo de ser agredidos sem aviso ou motivo.

Na tentativa de minimizar o preconceito, os sujeitos destacaram que tentam explicar o significado do movimento *EMO* para as pessoas mais próximas, colocam depoimentos na Internet e criam comunidades virtuais. Alguns asseveraram que mantêm a estética da tribo com o intuito de que as pessoas se “acostumem” com o estilo. Por outro lado, mostraram ter certeza que todas essas ações são em vão, tendo em vista que mudar a maneira da sociedade

pensar e agir é muito complicado, porquanto esta evolui sozinha, não existindo nada de tão revolucionário que os sujeitos possam fazer.

Sendo assim, a fim de evitar o preconceito e a discriminação, muitos integrantes da tribo *EMO* não se apresentam como tal, embora afirmem que são *EMOs* no coração, no pensamento, na forma de se vestir e agir, que quem nasce *EMO* morre *EMO*. Em adição a isso, alguns deles alegaram que não se assumem como *EMOs* para não serem confundidos com os chamados *posers*, que são homossexuais que frequentam a tribo com o objetivo de “ficar” com pessoas do mesmo sexo, que até se vestem de maneira igual à dos membros da tribo, mas que não compartilham a “filosofia” da comunidade, agindo de forma diferente e descaracterizando a tribo. À vista disso, os verdadeiros *EMOs* acreditam que os *posers* são pessoas que roubam e deterioram a identidade da tribo. Assim, alguns adolescentes *EMOs* evitam ser apresentados como membros da tribo e isto tem enfraquecido o movimento. A despeito disso, o movimento *EMO* tem resistido e sobrevivido.

Os adolescentes pesquisados atribuíram alguns significados à sociedade em que vivem, frisando que esta é arcaica e preconceituosa com todos os grupos considerados *outsiders* e não apenas com a tribo *EMO*. Adicionalmente, comentaram que a sociedade da qual fazem parte tem muito a aprender e precisa conhecer os diferentes grupos que compõem a sociedade. Todavia, ainda lembraram que não há como fugir do que é imposto, restando apenas seguir o que está normatizado como lei. No entanto, se eles pudessem mudar alguma coisa, tentariam fazer com que as pessoas valorizassem os outros pelo que são em sua subjetividade, deixando de lado as diferenças externas, aceitando a bissexualidade, a homossexualidade, preocupando-se mais com o planeta, evitando guerras, desonestidade, melhorando a distribuição de renda, as políticas públicas, protegendo as pessoas de agressões físicas e psicológicas. Como membros da tribo *EMO*, ensinariam as pessoas a valorizar as emoções e os sentimentos, mostrando a importância do amor na vida de todos.

Sintetizando o que foi apreendido das falas dos sujeitos e por intermédio das análises dos núcleos de significação, percebeu-se que existem duas dimensões fundamentais sobre a adolescência na contemporaneidade: a primeira, que trata aspectos compreendendo a adolescência de maneira universal, e a segunda, que aborda as particularidades que a tribo *EMO* expressa enquanto tribo urbana.

Como dimensão universal, os adolescentes pesquisados significam a adolescência como tempo de bagunça, em que a palavra de ordem é diversão; tempo de descobertas, de fazer escolhas, de se reconhecer como sujeitos sociais e históricos; tempo de passagem, isto é,

uma fase entre a infância e a vida adulta; tempo de crises e conflitos; e tempo de cobranças, porquanto os adolescentes devem se preparar da melhor maneira para ter acesso ao mercado de trabalho. O relacionamento com a família, a relação com a escola e com o uso de drogas também são aspectos que estão inseridos na dimensão universal.

Em relação ao tempo de cobranças, este também foi significado pelos sujeitos pesquisados na dimensão particular, porque, além de serem cobrados como todos os outros adolescentes, ainda são cobrados pela forma como vivenciam suas emoções e sentimentos, pela orientação sexual, pela estética e pelo estilo musical da tribo *EMO*. Assim, todos esses aspectos particulares que os adolescentes *EMOs* vivenciam fazem com que sofram preconceitos e discriminação por parte da sociedade. Ainda na dimensão particular, os integrantes desta tribo praticam automutilação, que é realizada em momentos de tristeza, crises e conflitos, ou até mesmo em momentos de muita alegria. Portanto, os significados que os membros da tribo atribuem à adolescência têm como base a maneira como expressam suas emoções, pautada pela sensibilidade, liberdade de opinião, liberdade sexual e liberdade de sentimentos.

Este estudo possibilitou ampliar a compreensão sobre a adolescência na contemporaneidade na perspectiva sócio-histórica, e para tal se faz necessário evidenciar as contradições presentes na relação indivíduo–tribo e sociedade, que emergiram na análise dos núcleos de significação.

O primeiro ponto significativo é a automutilação, prática realizada pelos membros da tribo *EMO* para marcar momentos de alegria ou para diminuir dores psíquicas e significadas por eles como naturais, não sendo associada ao suicídio. A automutilação compreendida como naturalizada sugere ser este ato normal, embora haja a necessidade de se refletir sobre o que está por trás desta autoagressão. Quando os sujeitos pesquisados relacionam essa prática à dor psíquica, levantam hipóteses sobre estes atos serem representantes de sintomas, como depressão, autoestima baixa, fobias, síndromes, entre outros. O sofrimento psíquico pode gerar comportamentos autodestrutivos, os quais influenciam o desenvolvimento da personalidade e o modo de agir do sujeito. Portanto, há duas questões que merecem atenção: Seria possível significar a prática da automutilação sem relacioná-la ao suicídio, como afirmam os sujeitos pesquisados? Como entender a automutilação justificada para marcar momentos de alegria se este comportamento causa dor física?

O segundo ponto a ser destacado se refere ao uso de drogas pelos integrantes da tribo *EMO*. Tendo como base as falas dos sujeitos pesquisados, percebe-se que há preocupação em

afirmar que as principais drogas utilizadas pela tribo são as bebidas alcoólicas e o cigarro, tendo em vista que estas são drogas lícitas e socialmente aceitas. Essa afirmação parece indicar que os sujeitos têm o desejo de não ser estigmatizados como usuários de drogas ilícitas. Como essa preocupação ficou bastante clara nas falas dos adolescentes pesquisados, surgem as seguintes perguntas: Porque é tão importante para esses sujeitos serem reconhecidos como membros de uma tribo que não fazem uso de drogas ilícitas, entendendo que isto é uma contravenção? Será que existe um discurso oculto de proteção à imagem da tribo a fim de conservar sua unidade interna?

Um terceiro aspecto que merece reflexão é como os membros da tribo *EMO* vivenciam a sexualidade, pois agregam a homossexualidade, a bissexualidade e a heterossexualidade, acreditando que o desejo pelo outro não está condicionado ao sexo do parceiro, mas sim aos sentimentos, muito valorizado por eles, e que permeiam suas escolhas e ações. Contudo, revelam em suas falas que “ficam” com pessoas de ambos os sexos, mas que existe preferência em praticar atos sexuais com pessoas do mesmo sexo. Será que a bissexualidade para esses sujeitos funciona para encobrir a homossexualidade ainda não assumida? Ou tem o objetivo de amenizar o preconceito social contra os homossexuais?

O código estabelecido no interior da tribo permite que esses sujeitos ora valorizem o amor verdadeiro e eterno, dando ênfase ao sentimento como uma práxis necessária para alcançar a felicidade, ou seja, acreditam e defendem o amor romântico, e ora tragam em suas falas a prática de um amor líquido, o qual, segundo Bauman (2004), se trata de relacionamentos nos quais não existe a obrigatoriedade de relações duradouras. Sobre isso, fica uma questão a ser respondida: Será que este movimento que perpassa o amor romântico e o amor líquido é uma característica apenas do adolescente pertencente à tribo *EMO*, ou pertenceria à adolescência em geral?

A quarta questão envolvendo a tribo *EMO*, sobre a qual se faz necessário refletir, é o fato de ser um grupo fechado e, como qualquer outra tribo, ter regras de inclusão, de permanência e de expulsão de seus membros. Assim sendo, será que eles também não praticam a intolerância, contra a qual tanto se defendem? É também importante perceber que seus integrantes apresentam um discurso de autoidealização em relação à tribo quando afirmam que esta é melhor que todas as outras tribos urbanas. Afinal, acreditam que pegaram o que tinha de melhor em todas as outras tribos e agregaram o conceito de paz, criando a tribo *EMO*, que funciona dentro de uma lógica hedonista e consumista, buscando prazer em suas práticas e consumindo formas de estar no mundo. Tudo isso leva a pensar sobre quais são os

sentidos atribuídos por esses sujeitos à forma ideal de se posicionar em relação à sociedade da qual fazem parte. Quando eles afirmam que são vítimas de preconceito por parte da sociedade, pois defendem os sentimentos e a emoção, a liberdade pela orientação sexual e uma estética marcada por estar fora dos padrões estabelecidos socialmente, será que também não são preconceituosos com os que não comungam com suas formas de pensar?

Todos esses pontos que desenham e dão formato à tribo *EMO* conduzem-nos a perguntar o que esses sujeitos estão dizendo sobre e para a sociedade em que estão inseridos. Será que se pode defini-los como um grupo de contestação, de transgressão ou os dois? Será que esse movimento, que defende a emoção e os sentimentos, mesmo os negativos, é uma tentativa de revelar e expor uma sociedade exigente, racional e individualista que prega o sucesso como sinônimo de felicidade?

Levando em consideração que a perspectiva crítica da psicologia social se fundamenta em questionamentos, tendo em vista que o homem significa o mundo o tempo todo, ficamos à vontade para deixar essas perguntas a serem respondidas em estudos posteriores, visando ampliar ainda mais os significados sobre a adolescência. Portanto, para que seja possível compreender ainda mais este tema, se faz necessário um estudo comparativo com outras tribos urbanas, como as que estão fora do universo do rock, denominadas patricinhas, *playboys*, Força Jovem, pagodeiros, entre outras, o que justificaria novos estudos a respeito desta temática.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta; Página Aberta, 1994.
- ABRAMOVAY, M.; WAISELFISZ, J. J.; ANDRADE, C. C.; RUA, M. G. **Gangues, galeras, chegados e rappers**: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009a. p. 129–140.
- AGUIAR, W. M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009b. p. 95–110.
- AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 161–178.
- ANTUNES, T. O que alguns jovens pensam sobre a geração EMO. **Época**, São Paulo, edição 403, não paginado, 2006 (exclusivo online). Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1124406-1664,00.html>>. Acesso em: 12 ago. 2008.
- ARAÚJO, R. B. Neotribalismo – o predomínio da estética local sobre a ética global. **Cenários da Comunicação**, São Paulo, v. 2, p. 5–8, 2003. Disponível em: <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/cenarios/article/view/63/74>>. Acesso em: 18 fev. 2010.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ASSUNÇÃO, C. V.; OLIVEIRA, M. C. S. L.; CAMILO, A. A. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Temas em Psicologia da SBP**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 61–75, 2003. Disponível em: <http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art06_t.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGER, P.; KELLNER, H. Marriage and the construction of reality. In: DREITZEL, H. P. (Ed.). **Recent sociology**, no. 2. New York: Collier-McMillan, 1970. p. 5–73.

BISCOLI, C.; FAVARÃO, N. R. L.; FEITEN, R. H.; SOUZA, A. C. P.; PERPÉTUO, C. L. Sexualidade em sala de aula: um estudo da produção de sentidos. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, Umuarama, v. 9, n. 1, p. 47–55, 2005. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/saude/article/view/219/193>>. Acesso em: 13 fev. 2010.

BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 15–35.

BONNEAU, C. Heidegger e Leibniz: a abertura do conceito de mônada. **Cadernos Espinosanos: Estudos sobre o século XVII**, São Paulo, v. XXI, p. 130–139, 2009. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/epinosanos/ARTIGOS/numero%2021/cristiano.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta, 1999.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde (1996). Conselho Nacional de Saúde. Resolução CSN nº 196/96. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

BUSEMANN, A. Psicologia da segunda infância e da idade juvenil. In: KATZ, D.; PIAGET, J.; INHELDER, B.; BUSEMANN, A. (Org.). **Psicologia das idades**. 8. ed. São Paulo: Manole, 1988. p. 67–95.

CARRARA, S.; SIMÕES, J. A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 65–99, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 fev. 2010.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual**: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A girafa. 2007.

CASTRO, L. R. de; LEHMANN, L.; SILVEIRA, A.; ALONSO, A. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: CASTRO, L. R. de. (Org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998. p. 125–140.

CHAUÍ, M. de S. **Contra a violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. Não paginado. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/conteudo/contra-violencia-por-marilena-chai>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

CHAUÍ, M. de S. **Convite à filosofia**. 12. ed. 4. impr. São Paulo: Editora Ática, 2001a.

CHAUÍ, M. de S. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

CHAUÍ, M. de S. **O que é ideologia**. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

CHIDIAC, M. T. V.; OLTRAMARI, L. C. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 89, n. 3, p. 471–478, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

CLÍMACO, A. A. S. **Repensando as concepções de adolescência**. 1991. 95 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

COUTINHO, L. G. Da metáfora paterna à metonímia das tribos: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo. **Rubedo, Revista de Psicologia Junguiana e Cultura**, Rio de Janeiro, ano II, n. 4, não paginado, 2000. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117–136, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

DEFINIÇÃO de anime, manga & notícias. S.l. 16 mar. 2005. Não paginado. Disponível em: <<http://gamestart.uol.com.br/forum/viewtopic.php?t=3012>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

DELA COLETA, A. S. M.; DELA COLETA, M. F.; GUIMARÃES, J. L. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 277–285, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a10v13n2.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2010.

DE MICHELI, D. **Uso de drogas por adolescentes: adaptação e validação de um instrumento de triagem (DUSI) e estudo das razões do uso inicial**. 2000. 192 f. Tese (Doutorado em Ciências)–Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2000.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379–394, 1998.

FORBELLONE, A. **Orkut: uma grande rede social**. S.l., 22 maio 2007. Não paginado. Disponível em: <<http://blog.forbellone.com/orkut-uma-grande-rede-social.html>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

FREITAS, J. B. de; BRASIL, J. A; VARGAS, E. A. M. de; DRAGO, A. B; BONOMO, M. **Ser EMO**: processos identitários em tribos de jovens urbanos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA SOCIAL: Epistemológicos, Metodológicos, Éticos, Políticos, Estéticos, Políticas Públicas, 14., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Recife: ABRAPSO, 2007. Não paginado. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_265.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2010.

FURTADO, O. Psicologia e relações de trabalho: em busca de uma leitura crítica e uma atuação compromissada. In: BOCK, A. M. B. (Org.). **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 211–239.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda França Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

GIRON, L. A. **Emos, a nova escolhinha do rock**. 6 fev. 2006. Não paginado. Disponível em: <<http://giron.blogspot.com/2006/10/emos-nova-escolhinha-do-rock.html>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

GÓIS, J. B. H. Homossexualidades projetadas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 515–518, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14976.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2010.

GONÇALVES, F. N. Hedonismo e ethos contemporâneo: o fenômeno das *rave parties*. In: RUBIM, A. A. C.; BENTZ, I. M. G.; PINTO, M. J. (Org.). **Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 91–107.

GONÇALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 37–52.

GONÇALVES, M. G. M. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 41–62.

GONZÁLEZ REY, F. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski. **Educación & Sociedad**, Campinas, SP, v. 21, n. 71, 2000, p. 132–148. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0101-73302000000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=es>. Acesso em: 27 fev. 2010.

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, Playa, 1997.

GONZÁLEZ REY, F. **La investigación cualitativa en psicología**: rumbos y desafíos. São Paulo: EDUC, 1999.

GUIMARÃES, C. D. **O homossexualismo visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GUTIERREZ, F.; PRIETO, D. **A mediação pedagógica**: educação à distância alternativa. Campinas, SP: Papirus, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: D&A Editora; Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. S.; BOZON, M. Valores sobre sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (Org.). **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006. p. 207–266.

HITCHCOCK, M. Os Flintstones. **RetrôTV, o portal brasileiro das séries e desenhos antigos**, s.l., 200?. Não paginado. Disponível em: <<http://retrotv.uol.com.br/flintstones/index2.html>>. Acesso em 12 jan. 2010.

HOFFMAN, L. O ciclo da vida familiar e a mudança descontínua. In: CARTER, B.; McGOLDRICK, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 84–96.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Temas básicos da Sociologia**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix/EUSP, 1973.

JACQUES, T. de A. **Comunidade rock e bandas independentes de Florianópolis**: uma etnografia sobre socialidade e concepções musicais. 142 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia, UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61–77, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2010.

KRACKE, B. Parental behaviors and adolescents’ career exploration. **The Career Development Quarterly**, Alexandria, v. 45, no. 4, p. 341–350, 1997.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S. T.; SAWAIA, B. B. (Org.). **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, Educ, 1995. p. 55–63.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. 5. reimpr. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 78–98.

LEVY, L. Da criança idealizada à criança real. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casamento e família**: do social à clínica. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p. 12–22.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, A. F. de. Dependência de drogas e psicologia social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria de identidade. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 80–101, 2008.

LUTTE, G. **Liberar la adolescencia**: la psicología de los jóvenes de hoy. Barcelona: Editorial Herder, 1991.

MACHADO-GUIMARÃES, G. Relações virtuais: a aurora de um novo pensar. **Revista Textos de Cultura e Comunicação**, Salvador, n. 39. p. 79–96, 1998.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAFFESOLI, M. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. Tradução Cristiane Freitas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, 2004. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/364/295>>. Acesso em: 7 mar. 2010.

MAGNANI, J. G. C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 48–51, 1992.

MAMMANA NETO, O. Representações de tribos juvenis no espaço urbano: primeiras reflexões. **Revista Cordis, Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, São Paulo, n. 1, não paginado, 2009. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero1/artigos/3_tribos_juvenis.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2010.

MARQUES, J. Estilos de relações interpessoais na adolescência. **Revista Psico**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 23–27, 1996.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder**. San Salvador: UCA Editores, 1989. (Série Psicología Social desde Centroamérica, Colección Textos Universitarios, v. 10).

McGOLDRICK, M.; GERSON, R. Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; McGOLDRICK, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 144–166.

MEDEIROS, M.; FERRIANI, M. G. C.; MUNARI, D. B.; GOMES, R. A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 35–41, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n2/11512.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2010.

MENEZES, S. Adolescência x droga. **Revista de Psicologia Catharsis**, Rio de Janeiro, jan./fev. 2000. Disponível em: <http://www.revistapsicologia.com.br/materias/pontoDeVista/m_pontodevista_adolescenciadrogas.htm>. Acesso em: 22 de março de 2010.

MINAYO, M. C. S. Conceito de avaliação por triangulação de métodos. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. de; SOUZA, E. R. de (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: FioCruz, 2005. p. 19–54.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1993.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

O SERVIÇO de e-mail. 1 jul. 2007. Não paginado. Disponível em:
<<http://www.ufpa.br/dicas/net1/mailtipo.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

OZELLA, S. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 17–40.

PEREIRA, A. **O que é Internet**. Recife, 1999a. Não paginado. Disponível em:
<<http://www.aisa.com.br/oquee.html>>. Acesso em 3 mar. 2010.

PEREIRA, A. **O que são os chats**. Recife, 1999b. Não paginado. Disponível em:
<<http://www.aisa.com.br/chats.html>>. Acesso em 3 mar. 2010.

PERES, V. L. A. Desenhos de família. In: SOUSA, S. M. G; RIZZINI, I. (Coord.). **Desenhos de família**: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001. p. 73–93.

PERES, V. L. A. **Famílias de crianças em situação de rua**: modos de vida, relacionamento familiar e práticas educativas. 1997. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1997.

PONTE, A. Q.; BOMFIM, Z. A. C.; PASCUAL, J. G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Psicologia Argumentativa**, Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345–354, 2009. Disponível em:
<<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=3375&dd99=pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2010.

POSTER, M. **Teoria crítica da família**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

QUINTANA, M. **Espelho mágico**. XII utopias. Porto Alegre: Globo, 1951.

RIZZUTI, E. V. Hedonismo como conteúdo filosófico do prazer. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14., 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2002. Disponível em:
<http://www.redcreacion.org/documentos/enarel14/mt_efec06.html>. Acesso em: 31 maio 2010.

ROSA, E. Z. Da rua para a cidadania: a construção de sentidos na construção da travessia. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 167–200.

SAMPAIO, B.; GUIMARÃES, J. Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 45–68, 2009. Disponível em: <<http://www.econ.cam.ac.uk/teach/guimaraes/pubs/EconomiaAplicada-ArtigoPublicado.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2010.

SANTOS, B. R. dos. **A emergência da concepção moderna de infância e adolescência**: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. 1996. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAWAIA, B. B. A emoção como *locus* de produção do conhecimento - Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In: CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL, 3., 2000, Campinas. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. Não paginado. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/indit.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2010.

SAWAIA, B. B. **Artimanhas da exclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SAWAIA, B. B. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: LANE, S. M. T.; SAWAIA, B. B. (Org.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 157–168.

SILVA, S. P. da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 23–43, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v22n57/12001.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2010.

SILVA, V. G. da. **Faca de dois gumes**: percepções da bissexualidade masculina em João Pessoa. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

SIMIONATO-TOZO, S. M. P.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14/15, p. 137–150, 1998.

SOUZA, L. Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. In: SOUZA, L.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Violência e exclusão**: convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 57–74.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 63–92.

STERNBERG, R. J. **El triangulo del amor**: intimidad, pasión y compromiso. Barcelona: Paidós, 1989.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

TEIXEIRA, P. F. **Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato portal no Brasil**. 2002. 239 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)–Escola de

Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teixeira-pollyana-exercicio-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV**. Madrid: Visor, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

APÊNDICES

Apêndice A. Declaração de aprovação do Comitê de Ética



PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Av. Universitária, 1069 - Setor Universitário
Caixa Postal 86 - CEP 74605-010
Goiânia - Goiás - Brasil
Fone: (62) 3946.1071 - Fax: (62) 3946.1073
www.ucg.br - prope@ucg.br

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o Projeto: **Sentidos e Significados que adolescentes pertencentes ao grupo EMO atribuem à adolescência**, coordenado pelo (a) pesquisador (a) **Nivia Claudia Santos Leite** foi cadastrado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás (CEP-SGC/UCG) sob o **CAAE 3558.0.000.168-08**, em 07/10/2008 e **aprovado** em 19/11/2009.

- CEP-SGC/UCG pode, a qualquer momento, fazer escolha aleatória de estudo em desenvolvimento para avaliação e verificação do cumprimento das normas da Resolução 196/96 (Manual Operacional Para Comitês de Ética em Pesquisa – item 13).
- Informamos que é obrigatória a entrega do relatório de pesquisa, conforme a categoria de pesquisa realizada, em cumprimento da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.
- Modelo de relatório de pesquisa se encontra no site do Comitê de Ética <http://agata.ucg.br/formularios/ucg/prope/pesquisa/home/index.asp>

Categorias de pesquisa

TCC: Final da pesquisa
Especialização: Final da pesquisa
Mestrado: Relatório anual
Doutorado: Relatório anual
Outros: Relatório anual

Rodrigues
Prof. Dr. José Rodrigues do Carmo Filho
Coordenador do CEP-SGC/UCG

Goiânia, 29 de março de 2010.

Apêndice B. Termo de consentimento livre e esclarecido

I Dados de identificação do sujeito da pesquisa e seu responsável legal

1 Nome do/a responsável legal pelo/a adolescente:

Natureza e grau de parentesco:

Documento de identidade nº: Sexo: () M () F

Data de nascimento:

Endereço:

Quadra: Lote: Bairro:

Cidade: Estado: CEP:

Telefones:

2 Nome do/a adolescente participante:

Documento de identidade nº: Sexo: () M () F

Data de nascimento:

Endereço:

Quadra: Lote: Bairro:

Cidade: Estado: CEP:

Telefones:

II Dados sobre a pesquisa científica

1 Título da pesquisa: TRIBO *EMO*: EMOÇÕES COMO MEDIAÇÕES CONSTITUTIVAS DA ADOLESCÊNCIA

2 Pesquisadora responsável: Nívia Claudia Santos Leite

Inscrição no Conselho Regional de Psicologia: CRP: 5080-DF

Telefones para contato: (62) 3877-1770; 9977-3892

3 Orientadora: Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes de Souza, Pontifícia Universidade Católica de Goiás

4 Avaliação do risco da pesquisa (probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo):

Sem risco Risco mínimo Risco médio

Risco baixo Risco alto

5 Duração da pesquisa: 2 anos

6 Participação dos sujeitos na pesquisa: um encontro para entrevista individual e um encontro no grupo focal.

III Esclarecimentos da pesquisadora acerca da pesquisa para o/a participante e seu/ua representante legal

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, em uma pesquisa do Curso de Pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) em nível de mestrado.

Com esta pesquisa pretende-se investigar o conceito de adolescência atribuído pelos adolescentes participantes do grupo *emotional hardcore (EMO)* na cidade de Goiânia-GO.

Participarão desta pesquisa dez adolescentes integrantes do grupo *EMO*, com idades entre 15 e 18 anos, de ambos os sexos, com escolaridade entre o nono ano do ensino fundamental e o cursinho pré-vestibular, integrantes e ex-integrantes do Projeto Arte Educação da Fundação Jaime Câmara, na cidade de Goiânia, que aceitem participar voluntariamente e forem autorizados por seus responsáveis a participar deste estudo.

O resultado desta pesquisa pode beneficiar os participantes e suas famílias, possibilitando ao grupo *EMO* reconhecimento enquanto grupo social, bem como contribuir para a criação de políticas públicas voltadas para eles e suas famílias, além de possibilitar a formação de profissionais que lidam com grupos e desenvolver novas estratégias psicoterapêuticas para a realização de trabalhos voltados para os adolescentes e suas famílias.

Sua participação nesta pesquisa poderá gerar algum constrangimento para você em relação ao seu próprio grupo, o que será minimizado pela garantia do sigilo científico.

Sua participação se restringirá a dois encontros: no primeiro, será realizada uma entrevista individual com você; no segundo, será realizada uma entrevista em grupo (grupo focal) e ambos os momentos serão gravados. Esses encontros serão previamente marcados com você, combinando hora e local convenientes. Nada do que você disser será repassado a outras pessoas. Todas as respostas serão confidenciais e não poderão ser utilizadas contra você ou a seu favor e o seu nome não aparecerá em nenhum lugar. Você e seu/ua responsável terão o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, interrompendo, assim, sua participação caso não mais queira participar desta pesquisa, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo.

Caso você ou seu/ua responsável legal entenda que você sofreu algum dano, você será indenizado. Se houver necessidade de algum tipo de acompanhamento psicológico em decorrência desta pesquisa, você poderá procurar o Centro de Estudos, Pesquisa e Prática Psicológica da PUC-Goiás (CEPSI) pelo telefone (62) 3946-1198, para obter atendimento gratuito.

Esta pesquisa está baseada no respeito às pessoas e foi avaliada pelo Comitê de Ética da PUC-Goiás, que fiscaliza a aplicação da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Após ser esclarecido/a sobre a pesquisa, caso você aceite participar deste estudo e seu/ua responsável legal também concorde, é necessário que os/as dois/uas assinem este termo de consentimento, apresentado em duas vias, declarando estar informados acerca do projeto de pesquisa descrito. Uma das será entregur a vocês e a outra ficará com a pesquisadora responsável. Em caso de dúvida, você e/ou seu/ua responsável legal poderão procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Goiás pelo telefone (62) 3946-1071 e/ou a pesquisadora responsável por esta pesquisa, a psicóloga Nívia Claudia Santos Leite, pelos telefones (62) 3877-1770; 9977-3892.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG nº _____,
com o consentimento de meu/minha responsável legal,
_____, RG nº _____,
abaixo assinados, declaramos que, após esclarecimentos prestados pela pesquisadora responsável Nívia Claudia Santos Leite acerca da pesquisa intitulada TRIBO *EMO*: EMOÇÕES COMO MEDIAÇÕES CONSTITUTIVAS DA ADOLESCÊNCIA e de ter entendido o que nos foi explicado, comprometo-me a participar voluntariamente da presente pesquisa.

Goiânia, / /

Assinatura do sujeito da pesquisa

Assinatura do/a responsável legal

Assinatura da pesquisadora responsável

Apêndice C. Roteiro de observação simples

Data da entrevista: ____/____/____

Pesquisadora responsável: Nívia Claudia Santos Leite

Iniciais dos nomes dos adolescentes:

Número de participantes: () F () M

Local:

Estilo de vestimentas, maquiagem, acessórios:

Movimento do grupo (andam, ficam parados em um mesmo local – tempo, local):

Relacionamento entre eles (andam juntos, abraçados, separados):

Relacionamento com outras pessoas:

Atitudes (conversam alto, baixo):

Ações:

Apêndice D. Roteiro de entrevista individual

Iniciais do nome do/a adolescente: _____

Data de nascimento: ___/___/_____ Cidade: _____

Data da entrevista: ___/___/_____

Pesquisadora responsável: Nívia Cláudia Santos Leite

Observações da pesquisadora: (descrever comportamentos do adolescente na entrevista)

Sobre o grupo *EMO*

1. O que é *EMO* para você?
2. Em entendimento, esse movimento faz parte de alguma filosofia maior? Qual?
3. Por que você escolheu participar desse grupo?
4. Para você, o que significa participar do grupo *EMO*, ser um membro deste grupo?
5. Quais os aspectos positivos de participar deste grupo? Do que você mais gosta? Do que menos gosta?
6. Você acha que sua participação no grupo *EMO* será duradoura ou passageira?
7. Você acha que se sentiria bem participando de outro grupo, com outra filosofia?
8. Você não concorda com alguma atitude ou conduta de pessoas que participam deste grupo? Ou com algum pensamento da filosofia do movimento?

Sobre os encontros

9. Você sempre se encontra com seu grupo? Quando? Onde?
10. Como são marcados esses encontros?
11. Quais são os assuntos que mais interessam a você? A respeito do que vocês mais conversam quando estão juntos?
12. O que você mais gosta de fazer quando estão juntos?
13. O que você menos gosta de fazer quando estão juntos?

14. Em seu grupo, com quem você se relaciona melhor? Por que?
15. Existem outros grupos de adolescentes com os quais você não se relaciona bem? Por que?
16. Você namora ou “fica” apenas com pessoas do seu grupo?
17. Quais os sentidos de namorar ou “ficar” para você?
18. O que você pensa a respeito do casamento?
19. Em algum momento você sente solidão? Como você reage neste momento?

Sobre a adolescência

20. O que é a adolescência para você?
21. Como você se sente como adolescente? Quais os aspectos mais interessantes e quais os pontos difíceis da adolescência?
22. Você se sente cobrado/a por apresentar algum comportamento que os adultos aprovem ou reprovem?
23. Como você se sente como adolescente participante do grupo *EMO*?

Sobre assuntos gerais

24. O que você pensa sobre estudar? Gosta de sua escola? Por que?
25. Além da escola formal, você faz mais alguma atividade extraclasse? Qual? Por que?
26. O que você pensa sobre drogas? Em seu grupo, você usa ou já usou drogas?

Sobre a sexualidade

27. O que você pensa sobre a questão da sexualidade? E acerca dos relacionamentos entre as pessoas?
28. O que você pensa sobre a questão da homossexualidade?
29. O que você pensa sobre a questão da bissexualidade?
30. O que você pensa sobre o amor?

Sobre a sociedade

31. O que pensa a respeito da sociedade atual?
32. Você mudaria alguma coisa na sociedade? O que?
33. Participando do grupo *EMO*, como você pensa que pode contribuir para a sociedade a que você pertence e com a qual convive?

Sobre o preconceito

34. Para você, o que é preconceito?
35. Você sofre algum tipo de preconceito por participar deste grupo?
36. Como você se sente em relação às comunidades da Internet que criticam o grupo *EMO*?
37. Quando você não está reunido com seu grupo, você se veste como os membros do grupo?
38. Como você se relaciona com outras pessoas fora do seu grupo?
39. Por que você acha que existe este tipo de atitude com alguns grupos? E em relação ao grupo *EMO*?
40. Você acha que pode ou deve fazer alguma coisa para mudar isso?

Sobre a família

41. Como você se relaciona com sua família?
42. O que sua família (pais, irmãos, tios, avós, entre outros) pensa sobre você participar deste grupo?
43. Em seu entendimento, sua família o aceita como você é? Apoia suas escolhas? Há um relacionamento de respeito? Há um relacionamento de confiança?

Sobre o futuro

44. Quais são seus sonhos e suas expectativas?
45. Como você se vê no futuro? O que espera acontecer no seu futuro em termos pessoais e profissionais?
46. Você quer falar mais alguma coisa sobre algo que eu não perguntei?

Apêndice E. Roteiro do grupo focal

Iniciais do nome do/a adolescente: _____

Data de nascimento: ___/___/____ Cidade: _____

Data da entrevista: ___/___/____

Pesquisadora responsável: Nívia Claudia Santos Leite

Sobre a adolescência: O que é ser adolescente para vocês? Para vocês, como a sociedade atual entende a adolescência?

Sobre o grupo: Para vocês, como é fazer parte do grupo *EMO*?

Sobre a sociedade: Como vocês veem a sociedade em que vivem?

Sobre relacionamento: Como deveria ser o relacionamento entre as pessoas?

Sobre sexualidade: O que vocês acham da homossexualidade e da bissexualidade?

Sobre o preconceito: O que vocês pensam sobre preconceito?

Apêndice E. Localização geográfica dos participantes da pesquisa

PARTE A



Fontes:

Google Earth (2010).
 Prefeitura de Goiânia (2010).
 Governo do Estado de Goiás (2010).

Diagramação:

Yves de Sousa.



PARTE B



LEGENDA	
Setor Sudoeste	
→	1. Luciano
→	2. Breno
→	3. Kate
→	4. Ana Carolina
Jardim das Hortênsias	
→	1. William
Setor Capuava	
→	1. Gustavo
Setor Urias Magalhães	
→	1. Márcia
Jardim América	
→	1. Daiane
Parque Anhanguera	
→	1. Leide
Jardim Presidente	
→	1. João

